

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Luiz Tarciso Souza

Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre  
antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah

MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

SÃO PAULO

2013



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Luiz Tarciso Souza

Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre  
antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah

MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora  
da Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, como exigência parcial para obtenção do  
título de Mestre em Teologia, sob a orientação do  
Prof. Dr. Ney de Souza.

SÃO PAULO

2013

Banca Examinadora

---

---

---

*Honrando o sonho de minha mãe Maria do Carmo, a quem dedico todo o meu esforço acadêmico em reconhecimento à sua luta contínua, infatigável e inspiradora. Apesar de seus limitados recursos, enquanto viveu jamais deixou de sonhar e agir para viabilizar os sonhos de seus filhos.*

*In memoriam.*

*Um caminho, uma história*

*fazendo história e caminho*

*nos braços da Providência*

*jamais estive sozinho. . .*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, fonte e destino de tudo o que é bom e belo, por sua infinita misericórdia e infatigável providência.

Aos meus familiares, especialmente à minha esposa Deijanira, à minha filha Mariane e ao meu neto Nicholas pela paciência, cuidados e o estímulo encorajador nos momentos difíceis.

Ao meu orientador prof. Dr. Ney de Souza pela calorosa acolhida, ajuda inestimável e pelos seus pacientes esclarecimentos.

A todos os professores das disciplinas cursadas no Mestrado no Campus Ipiranga e também aos seus funcionários, sempre dedicados e amigos.

Aos colegas que compartilharam das alegrias e angústias nesta caminhada ao mesmo tempo árdua e venturosa em busca do saber teológico, pela amizade e companheirismo de todas as horas.

E dentre estes companheiros de jornada acadêmica, menção especial ao caro Padre Nelson Maria Brechó da Silva – que aqui representa todos eles, – por sua generosa amizade e apoio.

## RESUMO

A presente dissertação é um estudo sobre a polêmica estabelecida postumamente a Pio XII, a propósito de suas atitudes em relação aos episódios da Shoah – a aniquilação de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. A partir de consultas a fontes primárias e a uma bibliografia selecionada a pesquisa procurou acompanhar os fatos e, principalmente, avaliar as alegações contrapostas de vários autores sobre as ações e palavras de Pio XII. Alguns o acusam de silêncio e omissão sobre o destino dos judeus perseguidos pelos nazistas, em virtude de um suposto antissemitismo que identificam no pontífice. Entretanto, outros autores o defendem e justificam alegando que Pio XII procurou observar estritamente a neutralidade do Vaticano adotando uma postura de imparcialidade e reserva prudente para evitar males maiores às vítimas. Ao invés de duras palavras condenando o genocídio dos judeus, ele preferiu patrocinar o salvamento de vítimas que foram preservadas da deportação para os campos de extermínio e abrigadas por clérigos e religiosos em variadas instituições eclesiásticas - inclusive no próprio Vaticano e em suas propriedades extraterritoriais. Como resultado, a pesquisa permitiu-nos avaliar os argumentos dos defensores de Pio XII como os mais consistentes diante das evidências disponíveis, especialmente considerando as declarações favoráveis amplamente documentadas de pessoas e instituições judaicas contemporâneas aos fatos em disputa. No entanto, a pesquisa nos permitiu perceber também a existência de algumas lacunas a serem preenchidas antes de dirimir conclusivamente a controvérsia – algo que talvez se torne viável apenas com a abertura completa dos arquivos do Vaticano e de outros governos e chancelarias envolvidos na questão.

**Palavras-chave:** Pio XII, Shoah, Judeus, Antissemitismo, Segunda Guerra Mundial.



## **ABSTRACT**

The present dissertation is a study about the controversy established posthumously to Pius XII in regard to his attitudes in face of Shoah's episodes – the annihilation of six millions Jews during the Second World War. Starting from the primary sources and a selected bibliography, this research sought to follow the facts and, mainly, to evaluate the counterpoised claims by several authors about Pius XII's actions and words. Some authors accuse him of silence and omission about the fate of the persecuted Jews by the Nazis, because of an alleged anti-Semitism that they identified on the pontiff. However, others authors defend and legitimate him, claiming that Pius XII strictly followed the neutrality of the Vatican, adopting an impartiality posture and prudent reserve to avoid greater evils to the victims. Instead of harsh words condemning the Jew's genocide, he chose to promote the rescue of victims who were preserved from deportation to the extermination camps and sheltered by clerics and religious in several ecclesiastical institutions – including the Vatican itself and its extraterritorial properties. As a result, the research allowed us to evaluate the arguments of Pius XII's defenders as the most consistent in face of the available evidences, especially considering the favorable and widely documented statements from contemporary Jewish persons and institutions to the facts in dispute. However, this research also allowed us to notice that there are some gaps to be filled before definitely solve this controversy – something that perhaps just becomes viable with the fully opening of the Vatican archives and the archives of the other governments and chancelleries that were involved in this issue.

**Keywords:** Pius XII, Shoah, Jews, Anti-Semitism, Second Word War.

## **SIGLAS**

ADSS – Actes et Documents du Saint Siège Relatifs à la Seconde Guerre Mondiale ( Atas e Documentos da Santa Sé relativas à Segunda Guerra Mundial)

DELASEM – Delegazione per l'Assistenza degli Emigranti Ebrei (Delegação para a Assistência dos Emigrantes Hebreus).

EUA – Estados Unidos da América

PTWF – Pave The Way Foundation (Fundação Pavimentar o Caminho)

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>011</b>
<b>Capítulo I - Pio XII e a Segunda Guerra Mundial.....</b>	<b>014</b>
1 - Contexto internacional às vésperas da Segunda Guerra Mundial.....	015
1.1 - Os dois blocos antagônicos: Eixo e Aliados.....	017
1.2 - Os Estados neutros durante a guerra.....	020
1.3 - O Estado da Cidade do Vaticano e sua neutralidade/imparcialidade.....	022
2 - Um pontificado em tempos de guerra.....	025
2.1 - <i>Habemus papam</i> .....	026
2.2 - A Segunda Guerra Mundial – alguns aspectos e momentos mais relevantes.....	032
2.3 - Do antijudaísmo histórico ao antissemitismo nazista da Segunda Guerra.....	034
3 - As armas diplomáticas a serviço do salvamento de judeus, vítimas da guerra.....	039
3.1 - As intervenções diplomáticas de Pio XII em favor dos judeus perseguidos.....	040
3.2 - As vítimas socorridas pela Santa Sé e demais instituições católicas.....	043
3.3 - Ações diplomáticas junto ao Brasil para a obtenção de vistos a não-arianos.....	045
<b>Capítulo II – Acusações contra Pio XII.....</b>	<b>050</b>
1 - Origens das acusações publicadas sobre as posições de Pio XII frente à Shoah.....	052
1.1 - A instauração da polêmica.....	053
1.2 - O dramaturgo alemão Rolf Hochhuth e sua obra teatral <i>O Vigário</i> .....	055
1.3 - A obra teatral de Rolf Hochhuth, <i>O Vigário</i> .....	057
2 - John Cornwell e sua obra <i>O Papa de Hitler</i> – a história secreta de Pio XII.....	064
2.1 - John Cornwell, autor inglês e ex-seminarista.....	065
2.2 - O livro <i>O Papa de Hitler</i> - a história secreta de Pio XII.....	068
2.3 - A importância e os desdobramentos mais significativos da obra de Cornwell.....	083
3 - Outros autores críticos sobre a atuação de Pio XII nos episódios da Shoah.....	086
3.1 - James Carrol e sua obra <i>A Espada de Constantino</i> .....	087
3.2 - Susan Zuccotti e sua obra <i>Under His Very Windows</i> .....	092
3.3 - Diversos outros autores críticos de Pio XII.....	098

<b>Capítulo III – Defensores de Pio XII.....</b>	<b>105</b>
1 - As defesas publicadas sobre as posições de Pio XII frente à Shoah.....	107
1.1 - Primeiras reações em defesa de Pio XII.....	108
1.2 - A reação do Vaticano e a abertura parcial dos Arquivos Secretos relativa aos documentos do período da Segunda Guerra Mundial.....	112
1.3 - A obra do Padre Pierre Blet, <i>Pio XII e a Segunda Guerra Mundial: que dizem os arquivos do Vaticano</i> .....	116
2 - A obra do rabino e historiador americano David Dalin, <i>The Myth of Hitler's Pope: Pope Pius XII and his secret war against Nazi Germany</i> .....	124
2.1 - David Dalin, rabino judeu, historiador e autor americano.....	125
2.2 - A obra <i>The Myth of Hitler's Pope</i> .....	126
2.3 - As razões da defesa do rabino David Dalin.....	141
3 - Outros autores que defendem Pio XII em sua atuação nos episódios da Shoah.....	143
3.1 - Ronald J. Rychlak e sua obra <i>Hitler, the War, and the Pope</i> .....	145
3.2 - José M. Sánchez e sua obra <i>Pius XII and the Holocaust</i> .....	152
3.3 - Diversos outros autores que defendem Pio XII.....	157
<b>Conclusão.....</b>	<b>168</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>174</b>

## **Introdução**

O objeto da presente dissertação é a polêmica que envolve uma das figuras históricas mais importantes do século XX, o papa Pio XII. A pesquisa busca elucidar o real papel deste papa frente aos dolorosos eventos da Shoah que culminou com a morte de aproximadamente seis milhões de judeus, ao lado de outras vítimas da violência nazista.

A controvérsia em estudo opõe dois grupos formados por críticos e defensores de Pio XII: os primeiros o acusam de antissemitismo e omissão, deduzidos de seu alegado silêncio frente ao genocídio de milhões de judeus nos campos de extermínio da Polônia ocupada.

O outro grupo o defende alegando que agiu com prudência para evitar perseguições e retaliações que poderiam colocar em risco de morte bispos, padres, religiosos ou leigos católicos, e também os judeus – batizados na fé católica ou não. Este grupo ainda afirma que Pio XII acionou a diplomacia eclesiástica para obter a emigração de judeus dos países sob domínio nazista, além de incentivar e em certos casos diligenciar para que fossem abrigados em igrejas e demais propriedades eclesiásticas em toda a Europa – inclusive no Vaticano.

Ao papa, na sua condição de pastor universal da Igreja Católica e Chefe do Estado do Vaticano, competia empenhar sua liderança religiosa e diplomática para evitar o avanço das hostilidades já latentes no início de seu pontificado. Entre seus objetivos figuravam a luta para manter a paz e evitar a guerra. E deflagrado o conflito, aplacar o sofrimento das vítimas, evitar a ampliação da guerra, lutar para cessar os combates e restabelecer a paz.

Quase setenta anos após o final da Segunda Guerra Mundial, as atitudes de Pio XII continuam despertando apaixonadas controvérsias e são objeto de pesquisas e publicações de cunho acadêmico e jornalístico. As motivações para o nosso presente estudo surgiram nesta esteira, frente ao desafio de melhor compreender e situar as razões de tais controvérsias.

Durante os anos acadêmicos de 2006 a 2010, enquanto aluno da graduação em teologia na Faculdade Nossa Senhora da Assunção em São Paulo, paralelamente às instigantes aulas de história eclesiástica, tivemos nossa atenção despertada por sucessivas notícias publicadas em mídias impressas e em sites da internet. Um dos temas recorrentes era a polêmica sobre o pontificado de Pio XII, em relação aos acontecimentos trágicos da Shoah.

Este assunto foi conquistando paulatinamente nosso interesse e estimulando-nos a colecionar notas sobre vários de seus aspectos. Ao considerar a possibilidade de uma pós-graduação, o campo da história eclesiástica e, particularmente a polêmica sobre Pio XII, nos pareceram escolhas naturais para nossa pesquisa. Encorajados por um dos professores de história eclesiástica, o Pe. Ney de Souza, no período final da graduação passamos a esboçar o nosso projeto de pesquisa de mestrado e – ainda que informalmente – o professor Ney se dispôs a nos orientar em uma ainda potencial fase de futuros estudos acadêmicos.

Começando pelo esboço do nosso projeto de mestrado até a dissertação, definimos como principal objetivo avaliar os fatos mais relevantes e as ações de Pio XII durante o período da Segunda Guerra Mundial, considerando as visões antagônicas de acusadores e defensores sobre a sua atuação em relação aos judeus perseguidos pelo regime nazista. Nosso trabalho se desenvolve a partir da consulta a documentos publicamente disponibilizados pelos Arquivos do Vaticano, bem como de uma seletiva revisão bibliográfica sobre a questão.

Desde o início nos sentimos alertados por uma reflexão do historiador Eric Hobsbawn: “A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. O que dificulta a compreensão, no entanto, não são apenas nossas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: Breve Século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 14.

Já a pesquisadora Olinda Maria Noronha assevera que “a atitude de buscar a recuperação do passado não se dá sem a intencionalidade do pesquisador uma vez que não acreditamos numa história neutra, que não possui pressupostos e indagações à realidade”<sup>2</sup>. Levando em conta estas advertências, desenvolvemos a pesquisa nos esforçando por observar o critério de isenção esperado de um trabalho acadêmico, especialmente por avaliar fatos históricos e motivações de protagonistas que são objetos comuns de versões contraditórias.

Como nosso trabalho nos leva ao exame de variadas obras com posicionamentos favoráveis e contrários às atitudes do papa Pio XII, na avaliação individualizada de cada obra imprimimos um tom descritivo que deliberadamente assumimos por acreditar que desta forma conseguimos retratar mais fielmente as ideias desposadas pelos respectivos autores.

À conclusão deste trabalho não pretendemos exarar um veredito histórico sobre Pio XII – algo que ainda depende da plena abertura dos Arquivos Secretos do Vaticano e de outras fontes que cooperem para a completa elucidação dos fatos. Nossa ambição acadêmica é a de colaborar, minimamente que seja, para iluminar os acontecimentos em disputa e oferecer subsídios a quem eventualmente venha a ter acesso a este conteúdo, que o ajudem a formar seus próprios juízos sobre a conduta do papa Pio XII frente aos episódios da Shoah.

Visando atingir os objetivos de nossa pesquisa, subdividimos a presente dissertação em três Capítulos. O primeiro trata da figura de Pio XII e seu pontificado no contexto da Segunda Guerra Mundial. O segundo e o terceiro capítulos tratam das publicações sobre as posições de Pio XII frente à Shoah, respectivamente do ponto de vista dos acusadores e depois, dos defensores.

---

<sup>2</sup> NORONHA, Olinda Maria. *História da Educação: sobre as origens do pensamento utilitarista no ensino superior brasileiro*. Campinas, SP: Editora Alínea, 1998. p. 18.

## Capítulo I - Pio XII e a Segunda Guerra Mundial

Para um estudo sobre a conduta de silêncio adotado por Pio XII frente ao genocídio do povo judeu, à qual opôs como contrapartida ações de proteção e resgate das vítimas do nazismo, consideramos adequada uma avaliação prévia do contexto em que os fatos se sucederam. A situação de guerra em que o drama da Shoah se desenrolou, bem como certas características da formação, personalidade e carreira diplomática de Eugênio Pacelli.

Não fosse no bojo de uma Guerra Mundial, seria praticamente impossível que os crimes praticados na Shoah pelo nazismo houvessem ocorrido da forma semi-velada como se verificaram. À violência da guerra, a sanha genocida de Hitler e seus sequazes acrescentou a violência em larga escala contra vítimas indefesas meramente pelo fato de serem destituídas da idealizada pureza racial ariana, segundo o estereótipo racial nazista do homem perfeito.

É fato que o nazismo já antes da guerra tivesse proscrito determinadas minorias que não correspondiam a tal estereótipo, assim como já haviam ocorrido *pogroms* e perseguições, especialmente contra judeus e ciganos, além de idosos e pacientes de enfermidades crônicas e doenças mentais internados em instituições de saúde. Mas até o início da Segunda Guerra, nada apontava para a existência de um plano de extermínio de judeus, a “Solução Final” para a questão judaica que acabou sendo adotada e executada pelos nazistas em meio às batalhas.

Pio XII, eleito papa em 2 de março de 1939, governou a Igreja por seis meses apenas antes da eclosão da Segunda Guerra e mesmo neste período ocupou-se grandemente com as tensões internacionais que se agravaram consideravelmente neste período. É, pois, possível afirmar que desde o início de seu pontificado até o final da guerra, além do múnus pastoral próprio de suas funções pontificias – ele se ocupou com questões políticas e diplomáticas não com menor intensidade, visando manter a paz, evitar a guerra e depois apressar o seu fim.



Apresentamos este capítulo inicial em três partes. Na primeira traçamos alguns aspectos do contexto internacional prévio à Segunda Guerra Mundial. Na segunda elaboramos uma avaliação do Pontificado de Pio XII no período deste conflito e, na terceira, concluímos destacando as armas diplomáticas utilizadas pela Santa Sé no salvamento de judeus, vítimas principais do Nazismo encabeçado por Adolf Hitler.

### **1 - Contexto internacional às vésperas da Segunda Guerra Mundial.**

Os dois maiores conflitos bélicos do século XX e de todos os tempos, até o presente, estão separados entre si por um lapso de tempo de apenas vinte e um anos. Logo, não é possível deixar de relacionar as razões da Segunda Guerra com as questões e tensões não adequadamente resolvidas ao término da Primeira. Eric Hobsbawn, conceituado historiador contemporâneo, relaciona as duas Guerras Mundias do século XX como um único conflito:

Não foi o fim da humanidade, embora houvesse momentos, no curso dos 31 anos de conflito mundial, entre a declaração de guerra austríaca à Sérvia, a 28 de julho de 1914, e a rendição incondicional do Japão, a 14 de agosto de 1945 quatro dias após a explosão da primeira bomba nuclear, em que o fim de considerável proporção da raça humana não pareceu muito distante.<sup>3</sup>

Já um outro historiador, John Lukacks, considera as duas guerras mundiais o principal acontecimento do século XX, e o período que vai do final da Primeira Guerra ao final da Segunda, seu quartel mais importante.

---

<sup>3</sup> HOBSEBAWN, Eric. *Era dos Extremos...* p. 30.

A força mais importante do século XX foi o nacionalismo. [...] De cerca de 1920 a 1945, o quarto de século que corresponde ao espectro da carreira política de Hitler [...], a história do mundo [...] foi assinalada por uma força triangular. Havia o comunismo, então encarnado e representado pela União Soviética; havia a democracia – parlamentar e, de um modo geral a democracia liberal –, encarnada e representada pelas nações de língua inglesa e pela maior parte das nações do Ocidente e da Europa setentrional; e havia uma nova força histórica, inadequadamente chamada de 'fascismo', cuja primeira incidência nacional foi a ditadura de Mussolini, na Itália, mas cujo poder de atração se mostrou depois eclipsado pelo Terceiro Reich de Hitler na Alemanha, um Estado nacional-socialista que permaneceu sua principal encarnação até a derrota da Alemanha em 1945<sup>4</sup>.

No período entre-guerras acontecem rápidos movimentos de queda e ascensão de forças políticas, lideranças e nações – especialmente devido às reacomodações no tabuleiro internacional consequentes ao ainda recente primeiro conflito mundial. E é nesse contexto que se formariam os blocos oponentes da Segunda Guerra.

De um lado, os países do Eixo: Alemanha, Itália e o Japão ao qual se juntaram mais tarde Bulgária, Hungria e Romênia; e do outro lado, os países Aliados, Inglaterra, França e Polônia, inicialmente, aos quais se incorporaram posteriormente, Estados Unidos, Rússia, China e mais de quatro dezenas de outros países.

O então ainda insuspeitado drama da Segunda Guerra com seu alto grau de destruição e maciços prejuízos a tantas cidades e nações germina dos desejos de hegemonia e aniquilação entre os beligerantes. Tais desejos tinham sido apenas suspensos mas não eliminados ao fim do conflito de 1914-1918. As lições da Primeira Guerra não tinham sido aprendidas pela humanidade – nem entre os vencedores e nem entre os vencidos.

---

<sup>4</sup> LUCACKS, John. *O Duelo: Churchill x Hitler: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial*. Tradução Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 17-18.

Para Hobsbawn, o único objetivo na Primeira Guerra era uma vitória total, “objetivo absurdo, que trazia em si a derrota e que arruinou vencedores e vencidos; que empurrou os derrotados para a revolução e os vencedores para a bancarrota e a exaustão física”<sup>5</sup>.

No período entre-guerras, os países dos blocos oponentes em formação, cada um à sua maneira, colhiam ainda as consequências do seu envolvimento na Primeira Guerra e se posicionavam frente à iminência da Segunda conforme as condições em que se encontravam. Os perdedores ressentidos e lutando pela recuperação político-econômica e os vencedores alquebrados em suas finanças e ânimo.

### **1.1 - Os dois blocos antagônicos: Eixo e Aliados**

Ainda sobre as cinzas da Primeira Guerra e já às vésperas da Segunda, os países do Eixo estavam sob os regimes ditatoriais e expansionistas da Alemanha nazista governada por Hitler e da Itália fascista por Mussolini. O terceiro membro do Pacto Tripartite era o Japão imperial sob Hiroito, tendo o ex ministro do exército, Tojo, como primeiro ministro. Um país militarizado, com “claras ambições de se tornar uma grande potência mundial e dominar a China”<sup>6</sup>. O Eixo teve sua constituição formalizada pelo Pacto Tripartite assinado em Berlim, entre a Alemanha, Itália e Japão, no dia 27 de setembro de 1940<sup>7</sup>.

O bloco Aliado se constituiu inicialmente de Inglaterra e França. Mais tarde se incorporaram os Estados Unidos, a Rússia e mais de quatro dezenas de países, inclusive o Brasil.

---

<sup>5</sup> HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos...* p. 37.

<sup>6</sup> JORDAN, David. *História da Segunda Guerra Mundial: A maior e mais importante guerra de todos os tempos*. Tradução Ricardo Souza. São Paulo: M. Books, 2011. p. 191.

<sup>7</sup> cf. *Jornal do Brasil*. Edição 28/09/1940. Seção Serviço Telegráfico do Exterior. p. 7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_06](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_06)>. Acesso em 06/05/2012.

Da América do Sul, o Brasil foi o único país que enviou contingentes para o teatro de operações militares. Os chamados pracinhas brasileiros que lutaram na Itália durante a Segunda Guerra foram pouco mais de vinte e cinco mil soldados<sup>8</sup>.

Os constituintes iniciais do bloco, Grã-Bretanha e França, dada a precariedade de suas condições econômicas e militares depois da Primeira Guerra, eram contrários à uma nova aventura bélica, havendo adotado a *política do apaziguamento*. No caso da Grã-Bretanha

sua política de apaziguamento, [...] tinha por base a crença de que a Alemanha havia sido muito injustiçada em Versalhes e tinha o direito de conquistar uma posição no mundo, de acordo com sua população e seus recursos. [...] Uma série de concessões territoriais negociadas, deixaria a Alemanha de Hitler 'saciada, indolente e adormecida'. A guerra seria evitada, Hitler pacificado e a ordem estabelecida<sup>9</sup>.

A vitória na Primeira Guerra teve um custo elevado, com muitas perdas de vidas humanas e elevados gastos militares. Assim, França e Grã-Bretanha não reagiram quando os alemães, desrespeitando os tratados firmados após a Primeira Guerra, ocuparam militarmente a Renânia, anexaram a Áustria e a região dos Sudetos e toda a Checoslováquia. A inação só foi rompida após a invasão da Polônia em 1º de setembro de 1939<sup>10</sup>.

Do outro lado do Atlântico, ainda assolados pela Grande Depressão de 1929, os Estados Unidos voltavam à sua tradicional política de isolacionismo e neutralidade, evitando os riscos de ingressar no novo conflito que se anunciava na Europa. O próprio presidente Roosevelt manifestou negativamente à hipótese dos Estados Unidos se envolverem na guerra.

---

<sup>8</sup> cf. SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 246.

<sup>9</sup> MOOREHOUSE, Roger. *Quero matar Hitler: uma investigação completa sobre todas as tentativas para assassinar o ditador que enganou a morte*. Tradução Débora S. G. Isidoro. São Paulo: Ediouro, 2009. p. 110-111.

<sup>10</sup> cf. FAHRAT, Saïd. Apaziguamento. In: *Dicionário Parlamentar e Político: o processo político e legislativo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis: Companhia Melhoramentos, 1996. p. 41.

Na tarde de 01 de setembro de 1939, ele afirmou a alguns membros de seu gabinete, apreensivos com as notícias da invasão da Polônia pelos alemães: “Nós não vamos entrar nessa guerra”<sup>11</sup>. Já no Leste europeu, a União Soviética, se debatia sob os efeitos da destruição de sua economia pelas consequências da guerra, da revolução e da guerra civil. Stalin não queria ir à guerra e se dispunha a pagar qualquer preço para isso, inclusive, – sob o ponto de vista do bolchevismo – uma heterodoxa aproximação com o inconciliável nazismo de Hitler. Exilado no México, em 1939, Trotsky tece comentários sobre as atitudes de Stalin.

No congresso do partido em março deste ano, Stalin declarou abertamente pela primeira vez que, economicamente, a União Soviética ainda está muito atrás dos países capitalistas. [...] Stalin está disposto a pagar muito caro, para não dizer qualquer preço, pela paz. Não porque ele 'odeia' a guerra, mas porque ele está morrendo de medo das consequências<sup>12</sup>.

E no extremo oriente, o Japão se encontrava focado em uma expansão regional de seu território e poder de influência. Já havia anteriormente invadido a Manchúria, província Chinesa, em 1931, e a própria China, em 1937. “Os militaristas japoneses raciocinavam que os Estados Unidos e o Reino Unido estariam preocupados com o avanço germânico e não ousariam alocar grandes recursos militares na Ásia”<sup>13</sup>.

Entre a Alemanha que saiu arruinada e humilhada da Guerra e as potências aliadas vencedoras mas também abaladas pelos esforços bélicos – dividindo entre si os despojos dos vencidos, além de puni-los com severas restrições, – a semente do ressentimento foi plantada.

---

<sup>11</sup> KERSHAW, Ian. *Dez decisões que mudaram o mundo: 1940-1941*. Tradução Berilo Vargas, Celso Mauro Paciornik Clóvis Marques, Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 244.

<sup>12</sup> LANTIER, Alex. Setenta anos desde o pacto Hitler-Stalin. In: *World Socialist Web Site*: publicado em 02/09/2009, por El Comité Internacional de la Cuarta Internacional (CICI). Disponível em: <<http://www.wsws.org/pt/2009/sep2009/ptst-s02.shtml>>. Acesso em 07/05/2012.

<sup>13</sup> BRADLEY, James e POWERS, Ron. *A Conquista da Honra*. Tradução Miryam Campello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 68.

Mas na segunda metade da década de 1930, a Alemanha já se encontrava em franca recuperação econômica e Hitler, democraticamente eleito, contava com grande apoio popular. Arguto observador da impotência dos vários países que em outras circunstâncias oporiam resistência, agia como intérprete dos desejos de revanche do humilhado povo alemão.

Ainda que atento aos anseios populares, Hitler adotou os ditames da sua própria ideologia expansionista para estabelecer um império da raça ariana. “Em três anos (1935-38): rearmou a Alemanha, 'revogou' o Tratado de Versalhes, reocupou o Sarre, remilitarizou a Renânia, anexou a Áustria (o 'Anschluss'), intensificou a preparação da guerra expandindo a aviação militar e mandando fabricar os encouraçados de bolso”<sup>14</sup>.

Inicialmente, um de seus principais objetivos era a recuperação dos territórios perdidos pela Alemanha na Primeira Guerra. E para atingir seus propósitos, Hitler agia com meticulosa eficiência, sem nunca deixar de considerar a guerra como estratégia de expansão territorial.

Mas a guerra não é a situação ordinária na vida das nações e algumas se empenham com todo afincado para não se envolverem nos conflitos bélicos quando estes eclodem. Em tais circunstâncias estas nações assumem uma postura de neutralidade e não envolvimento.

## **1.2 - Os Estados neutros durante a guerra**

Além dos países envolvidos no conflito, formando os blocos do Eixo e os Aliados, diversos outros Estados declararam neutralidade na Segunda Guerra. Alguns permaneceram neutros até o final dos combates, enquanto que outros aderiram a um dos lados durante o desenvolvimento da guerra.

---

<sup>14</sup> LEÃO, L.G. de Miranda. A procela iminente e o complô para eliminar Hitler. In: *Diário do Nordeste*. Suplemento de Cultura e Literatura. Edição 30/07/2006. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=355104>>. Acesso em 10/06/2012.

Portugal, Espanha, Irlanda, Suíça e Suécia são contados entre os países que se mantiveram neutros durante toda a Segunda Guerra<sup>15</sup>. Também permaneceram neutros os principados de Andorra e Liechtenstein, e a cidade Estado do Vaticano<sup>16</sup>.

Os historiadores Vagts e Reginbogin afirmam que a neutralidade declarada, entretanto, não foi absoluta e em certas circunstâncias os Estados neutros tiveram atitudes parciais favoráveis ou contrárias aos contendores, quase sempre motivadas por interesses econômicos. Informações foram transmitidas ou sonegadas e concessões foram feitas.

Dentre tais concessões se destacam o abastecimento e suprimento de navios e submarinos, transporte de cargas, cessão de uso do espaço aéreo e liberação de trânsito de soldados e fugitivos civis através de seus territórios<sup>17</sup>.

A Suíça manteve relações econômicas com o Reich durante toda a guerra<sup>18</sup>. E a Suécia, pressionada pelos nazistas, permitiu o trânsito de tropas em seu território<sup>19</sup> e, em certo ponto “supriu 40% da demanda alemã com seu minério de ferro de teor tipicamente baixo em fósforo, permitindo que a indústria siderúrgica alemã mantivesse sua força de trabalho”<sup>20</sup>.

Para Portugal “a neutralidade abriu perspectivas de rentáveis oportunidades de negócios com as duas partes em conflito”<sup>21</sup>. Franco fez com que as publicações da imprensa espanhola fossem favoráveis ao Eixo, como retribuição à ajuda recebida durante a guerra civil espanhola. Também abasteceu navios e submarinos alemães na costa espanhola com alimentos e óleo combustível.

<sup>15</sup> cf. JUDT, Tony. *Pós Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Tradução José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 97.

<sup>16</sup> cf. ECARDT, Thomas M. *Secrets of the Seven Smallest States of Europe: Andorra, Liechtenstein, Luxembourg, Malta, Monaco, San Marino and Vatican City*. New York: Hippocrene Books, 2005. p. 104.

<sup>17</sup> cf. VAGTS, Detlev F. and REGINBOGIN, Herbert R. *Faces of Neutrality: A Comparative analysis of the neutrality of Switzerland and other neutral nations during World War II*, Berlin: Ed. Lit Verlag, 2009. Passim.

<sup>18</sup> cf. Ibid. p. 87.

<sup>19</sup> cf. Ibid. p. 140

<sup>20</sup> Ibid. p. 141. (tradução nossa).

<sup>21</sup> Ibid. p. 126. (tradução nossa).

Mas a Espanha também colaborou com as potências aliadas em questões humanitárias, permitindo que aviadores aliados abatidos atravessassem a Espanha em segurança e oferecendo um refúgio seguro para prisioneiros de guerra aliados fugitivos, prisioneiros civis e judeus com vistos de trânsito que permitiram que fugissem para a Espanha através dos Pirineus<sup>22</sup>.

A situação de neutralidade foi muito difícil de ser sustentada pelos diversos países que assim se proclamaram, dada a posição geográfica estratégica que ocupavam no continente europeu e a pressão que sofreram de seus vizinhos beligerantes. Um caso particular de neutralidade – que interessa à nossa pesquisa – diz respeito ao Estado da Cidade do Vaticano, incrustado no coração de Roma, a capital italiana e sede do fascismo italiano de Mussolini.

### **1.3 - O Estado da Cidade do Vaticano e sua neutralidade/imparcialidade**

Uma das principais peculiaridades do Vaticano, além de ser incrustado em uma cidade, é a de que não detém forças militares com armas de dissuasão. Não pode fazer valer pela força a sua política e nem mesmo defender-se efetivamente em caso de ataque.

Apesar disso, como nos demais Estados politicamente organizados, a Santa Sé conta com os três tradicionais poderes: executivo, legislativo e judiciário. Mas, diversamente dos regimes democráticos tradicionais, todos se concentram nas mãos do pontífice<sup>23</sup>.

Frente à guerra, Pio XII optou pela posição de imparcialidade, mais que de neutralidade. Para ele, imparcialidade não significava virar as costas aos dramas da guerra, mas dispensar um tratamento equânime e justo para os dois lados envolvidos no conflito.

---

<sup>22</sup> VAGTS, Detlev F. and REGINBOGIN, Herbert R. *Faces of Neutrality...* p. 119 . (tradução nossa).

<sup>23</sup> cf. MIRANDA AMARAL, Sergio. Notas à carta constitucional do Vaticano. nº 3. In: *Revista Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=7379](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7379)>. Acesso em 08/05/2012.



As exigências legais constitutivas do Vaticano, segundo as normas do Tratado de Latrão impunham a neutralidade à Santa Sé. E seu zelo pastoral e responsabilidade sobre a grei católica também lhe inspiravam prudência. “Quando se tratou de declarações públicas da nossa parte, nós tivemos sempre em conta o mais possível a situação da Igreja nos diferentes países, para poupar aos católicos dessas regiões as dificuldades que se podia evitar<sup>24</sup> .

Contudo, durante a guerra os contendores pressionaram Pio XII visando conquistar sua adesão e apoio declarado. Em carta ao arcebispo de Colônia o papa lamenta as pressões e constrangimentos sofridos e que visavam demovê-lo de sua posição de neutralidade. “O esforço sobre-humano [...] para manter a Santa Sé acima das intrigas partidárias [...] torna extremamente difícil tomar uma decisão acerca daquilo que se impõe: reserva e silêncio prudente, ou então palavra bem clara ou ação enérgica<sup>25</sup> .

A neutralidade do Vaticano não impediu que Pio XII, como fizera seu antecessor, expressasse em diversas ocasiões sua condenação aos regimes totalitários. G. Mattai ilustra esta forma de atuação dos dois papas: “Não obstante a propalada indiferença da Igreja para com diversas formas de regimes políticos, Pio XI e Pio XII fizeram com que surgissem fortes recriminações às involuções totalitárias dos estados nazistas, fascistas e comunistas”<sup>26</sup> .

A manifestação mais específica de Pio XII contra o nazismo, deu-se de forma indireta e antes de ser eleito papa. Integrando um grupo<sup>27</sup> formado pelos cardeais Bertran, Faulhaber, Schulte e os bispos von Gallen e von Preysing, o cardeal Pacelli participou decisivamente na elaboração da Encíclica *Mit Brennender Sorge* assinada por Pio XI em 14 de março de 1937<sup>28</sup> .

<sup>24</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial: que dizem os arquivos do Vaticano?* Cascais: Princípia, 2001. p. 78.

<sup>25</sup> Ibid. p. 78-79.

<sup>26</sup> MATTAI, G. Democracia. in: *Lexicon* - Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003. p. 178.

<sup>27</sup> cf. PAGANUZZI, Quirino. *Em missão em Cracóvia*. In: 30 Dias, ano 7, n. 9, p. 52. apud. BLESSMAN, Joaquim. *O Holocausto: Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 78.

<sup>28</sup> cf. COELHO, Senra. *Pio XII e os Judeus*. Col. Ensaios. Prior Velho: Paulinas, 2009. p. 17ss.

Uma circunstância particular também causou abalos à posição de neutralidade invocada pelo Vaticano: os pedidos para que Roma fosse preservada. No verão europeu de 1940, preocupado com a possibilidade de ataques, Pio XII determinou que seu Secretário de Estado pedisse às autoridades aliadas que poupassem a Cidade Eterna de bombardeios.

A 10 de julho de 1940, o cardeal Maglione intervinha junto ao ministro da Inglaterra, e no dia seguinte junto do da França. Dois dias depois, telegrafava ao núncio de Paris e ao delegado de Londres para os encarregar de pedir aos Governos francês e inglês que se abstivessem de bombardear Roma<sup>29</sup>.

Tais intervenções de Pio XII lhe valeram acusações de agir por interesse próprio e de não ter atuado da mesma forma em relação às demais cidades europeias. Um dos principais críticos de Pio XII, o escritor inglês John Cornwell relata o parecer de seus críticos.

Ele parecia pôr a preservação de Roma acima de todas as outras cidades da Europa enfrentando os horrores da *blitz*, deportações, torturas e até a Solução Final. A questão do bombardeio de Roma, portanto, proporcionou credibilidade às acusações do silêncio culpado e da inércia de Pacelli em outros problemas durante a guerra<sup>30</sup>.

Mas, segundo alguns críticos, as maiores fissuras na posição de neutralidade do Vaticano foi a aversão de Pio XII ao comunismo ateu adversário do cristianismo e à perspectiva de sua expansão para a Europa Ocidental e o resto do mundo. Este medo o teria feito considerar a força nazista um bastião capaz de conter a ameaça global do bolchevismo.

---

<sup>29</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 58.

<sup>30</sup> CORNWELL, John. *O papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*. Tradução A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 277.

De fato, apesar de toda a sua desconfiança em relação a Hitler, Pio XII considerava o nacional-socialismo um mal menor por sua capacidade em barrar a expansão soviética<sup>31</sup>. Esta evidência não é muito consistente por ter origem no relato de um informante nazista não identificado, mas costuma ser apresentada para explicar as hesitações do papa em condenar frontalmente a violência nazista contra os judeus e outras vítimas, muitas das quais católicas.

Para avaliar o pontificado de Pio XII e até que ponto sustentou a neutralidade e imparcialidade do Vaticano é mister levar em conta o seu tempo, a sua formação humana, diplomática e cultural. Pesarão também a sua postura pragmática no relacionamento com as demais nações, os riscos de retaliações diante de condenações explícitas e, ainda, a impotência do Vaticano frente aos regimes totalitários vigentes. Importa igualmente o clima da Guerra que afetava diretamente as tomadas de decisões dos líderes de seu tempo.

A polêmica sobre Pio XII não guarda relação com os atos regulares de sua atuação como pontífice romano e nem mesmo põe em causa sua neutralidade e imparcialidade durante a Segunda Guerra Mundial. Tal polêmica é centrada na conduta de Pio XII diante dos episódios da Shoah, e recrudescer muito com a abertura do processo de sua canonização pela Igreja Católica. E se muitos o criticam e condenam, outros tantos o elogiam e absolvem.

## **2 - Um pontificado em tempos de guerra**

No avançar dos anos da década de 1930 se acirravam as crises e os ânimos em todo o mundo dito civilizado, prenunciando a iminência de um conflito de grandes proporções. E o clima de beligerância afetava, direta ou indiretamente, todas as nações do globo.

---

<sup>31</sup> cf. POLITI, Marco. La paura di rompere col Fuhrer. In: *La Repubblica*. 10 maggio 2009 - pagina 28 - sezione: Politica Estera. Disponível em <<http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2009/05/10/la-paura-di-rompere-col-fuhrer.html>>. Acesso em 12/05/2012.

O pontificado de Pio XI já se pronunciara contra os perigos totalitários do fascismo na encíclica escrita em italiano, *Non abbiamo bisogno* (Não temos necessidade) em 29 de junho de 1931; do nazismo, na encíclica escrita em alemão com a colaboração direta do cardeal Pacelli, *Mit brennender Sorge* (Com ardente preocupação) em 14 de março de 1937; e do comunismo, na encíclica *Divini Redemptoris* (Divino Redentor) em 19 de março de 1937.

Contudo, permanecia o clima de beligerância criado pela ambição totalitária da expansão do poder e das conquistas territoriais somadas aos rescaldos remanescentes da Primeira Guerra. Os ressentimentos alemães jaziam como brasas sob as cinzas e qualquer pretexto poderia ser o sopro suficiente para reatar o incêndio da guerra. Foi nesse clima de tensão internacional dominante no penúltimo ano da década de 1940 que se deram os episódios da morte de Pio XI e a sucessiva eleição do cardeal Eugênio Pacelli como papa e que, em linha de continuidade ao seu antecessor, adotou o nome de Pio XII.

## 2.1 - *Habemus papam*

Dos sessenta e três cardeais na ativa, um fato raro verificado nesta eleição foi a presença de todos eles para o conclave realizado no início de março de 1939. E já no segundo dia da clausura dos cardeais, na terceira votação, em 02 de março de 1939, Eugênio Pacelli foi eleito com quarenta e oito votos<sup>32</sup>. Seu perfil de diplomata, além da sua relevante participação no pontificado de Pio XI, certamente terão influenciado os votos que o elegeram. No breve conclave de 1939, sua biografia o indicava como o “homem certo na hora certa”<sup>33</sup> para liderar a Igreja Católica naqueles momentos de crise da humanidade.

---

<sup>32</sup> cf. CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 228-229.

<sup>33</sup> TORNIELLI, Andrea. *Pio XII*. Suplemento a *Famiglia Cristiana* n. 29 del 21 luglio 2001. Edizione speciale per *Famiglia Cristiana*. Casale Monferrato (Al) Italia: Edizioni Piemme S.p.A, 2001. p. 116. (tradução nossa).

A eleição de Eugênio Pacelli foi recebida com entusiasmo por todo o mundo católico e também pela maioria das autoridades políticas que o consideravam talhado para enfrentar as situações difíceis que se avizinhavam<sup>34</sup>. Mas ele tinha consciência que a única autoridade que podia invocar para dirigir-se aos povos nos angustiosos momentos que precederam à guerra, era a de “falar em nome de Deus”. Conclamar os beligerantes a buscarem a paz, como fez na exortação de 24 de agosto de 1939.

É pela força da razão e não pelas armas que a justiça faz o seu caminho. Os impérios que não se fundam na justiça não são abençoados por Deus. A política emancipada da justiça atraiçoa aqueles que a desejam assim. O perigo é iminente, mas temos ainda tempo. Nada está perdido com a paz, tudo se pode perder com a guerra.[...] Que os fortes nos ouçam para não se tornarem fracos na injustiça. Que os poderosos nos ouçam se querem que o seu poder seja não para a destruição mas para ajuda dos povos e proteção da tranquilidade na ordem e no trabalho<sup>35</sup>.

Mas foi em 20 de outubro de 1939, através da Encíclica *Summi Pontificatus* que o mundo conheceu o programa do pontificado de Pio XII<sup>36</sup>. Ele demonstra neste programa o seu senso de pertença com exclusividade ao *Reino de Cristo*<sup>37</sup>. E segue, deplorando as fileiras da humanidade afastadas de Cristo<sup>38</sup> que rejeitam o ensinamento do Sermão da Montanha e também aqueles que embora cristãos, o são “mais de nome que de fato”<sup>39</sup>.

<sup>34</sup> cf. BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial*...p. 16.

<sup>35</sup> Ibid. p. 31.

<sup>36</sup> cf. MATHEWS, Herbert L. Pius XII: militant for peace. In: *The New York Times*. Published: November 19, 1939. In: <<http://query.nytimes.com/mem/archive/pdf?res=F50A1EFF3A5E10728DDDA00994D9415B898FF1D3>>. Acesso em 02/04/2013. O articulista saúda as fortes manifestações da encíclica. (Eis o primeiro parágrafo do artigo, em nossa tradução livre: 'Agora a marca do reinado do Papa Pio XII foi estabelecida por uma série de pronunciamentos vigorosos. Quando sua primeira encíclica foi emitido em 28 de outubro o mundo imediatamente saudou como a palavra de um grande Pontífice'). Acesso em 02/04/2013.

<sup>37</sup> cf. IGREJA CATÓLICA. Documentos de Pio XII (1939-1958). *Carta Encíclica Summi Pontificatus*. São Paulo: Paulus, 1998. n° 2.

<sup>38</sup> cf. Ibid. n° 3.

<sup>39</sup> Ibid. n° 5.

A uns e outros deseja socorrer para que sejam atraídos a Cristo-Rei, a cujo Sagrado Coração deseja ratificar a consagração de toda a humanidade<sup>40</sup> feita por seu predecessor Leão XIII, quarenta anos antes. Na mesma Encíclica o angustiado pontífice relata as notícias da eclosão da Guerra, lamentando o sofrimento de tantos. Afirma que o ato de renegar a Deus é a raiz dos males, “a negação e repulsa de uma norma de moralidade universal, quer na vida individual, quer na vida social e das relações internacionais”<sup>41</sup>.

E acentua a importância que atribui ao magistério da Igreja como baliza norteadora da conduta da sociedade europeia e dos riscos por ela incorridos quando esse magistério vai sendo marginalizado. “Afastando-se, ao invés, do magistério infalível da Igreja, não poucos chegaram até a subverter o dogma central do cristianismo, a divindade do Salvador, acelerando assim o processo de dissolvimento espiritual”<sup>42</sup>.

Aponta, em seguida, os dois erros principais “que tornam quase impossível [...] a convivência pacífica entre os povos”<sup>43</sup>: O esquecimento da lei da caridade e solidariedade humana que são garantias da igualdade entre todos os homens desde a criação divina e que os irmana numa grande família<sup>44</sup>. E o papa indica o outro destes erros que estaria contido em

concepções que não hesitam em dispensar a autoridade civil de toda e qualquer dependência do Ente supremo, causa primeira e Senhor absoluto tanto do homem como da sociedade, e de todo o liame de lei transcendente, que deriva de Deus como fonte primária, e lhe concedem uma ilimitada faculdade de ação, abandonada à onda inconstante do arbítrio ou tão somente aos ditames de exigências históricas contingentes e de interesses relativos<sup>45</sup>.

---

<sup>40</sup> IGREJA CATÓLICA. Documentos de Pio XII (1939-1958). *Carta Encíclica Summi Pontificatus...* n° 6.

<sup>41</sup> Ibid. n° 20.

<sup>42</sup> Ibid. n° 21.

<sup>43</sup> Ibid. n° 26.

<sup>44</sup> cf. Ibid. n° 27, 28 e 29.

<sup>45</sup> Ibid. n° 38.

Pio XII, após afirmar que apenas a lei da caridade universal é capaz de consolidar a paz, apregoava a necessidade da legislação civil levar em conta a lei divina e advertia sobre os perigos e as nefastas consequências de uma independência do direito humano em relação ao direito divino:

É preciso [...] ter presente a essencial insuficiência e fragilidade de toda a norma de vida social, que repouse sobre alicerce exclusivamente humano, que se inspire em motivos exclusivamente terrenos e ponha a sua força na sanção de uma autoridade simplesmente exterior<sup>46</sup>.

Mesmo olhando para a realidade cruenta da guerra, o papa deseja lançar seu olhar para o futuro – para as novas condições que em seu entendimento deveriam prevalecer no pós-guerra. Assim ele se questiona se, de fato, vencedores e vencidos nos combates militares conseguirão ao término do conflito conviver pacificamente, superando as violências e a opressão de uns sobre os outros.

A hora da vitória é sempre uma hora de um triunfo exterior por parte de quem a consegue; mas é, ao mesmo tempo, a hora da tentação, na qual o anjo da justiça luta com o demônio da violência. O coração do vencedor endurece-se muito facilmente [...] a espada que é capaz de impor condições de paz, não pode criar a paz. As energias que devem renovar a face da terra devem partir do interior, do espírito. A nova organização do mundo, [...] quando cessarem as amarguras e as cruéis lutas hodiernas, não deverá repousar mais na areia movediça das normas mutáveis e efêmeras, deixadas ao arbítrio do egoísmo coletivo e individual. Devem elas antes erguer-se sobre sólida base, sobre a rocha inabalável do direito natural e da revelação divina<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> IGREJA CATÓLICA. Documentos de Pio XII (1939-1958). *Carta Encíclica Summi Pontificatus*.... nº 40.

<sup>47</sup> cf. *Ibid.* nº 58 e 59.

Considerando as angustiosas circunstâncias daquela hora de destruição que abatia a humanidade pelos horrores da guerra, o papa lamenta que seus esforços para evitá-la tenham sido em vão. E relata ter feito tudo ao seu alcance para evitar a eclosão do conflito armado. Pio XII assumia como sua responsabilidade inalienável “fazer tudo o que pudéssemos para poupar à humanidade toda e à cristandade os horrores de uma guerra mundial. [...] Os nossos conselhos, se bem ouvidos com respeito, nem por isso foram seguidos<sup>48</sup>”.

Referindo-se às vítimas da guerra o papa pede que os cristãos imitem o bom samaritano no socorro aos necessitados, – e só a má vontade dos críticos resiste em incluir judeus nesta alusão aos necessitados. “Vastíssimo campo se abre à caridade cristã em todas as suas formas. Temos plena confiança de que todos os nossos filhos [...] recordar-se-ão, a exemplo do divino Samaritano, de socorrer aqueles que, vítimas da guerra, têm direito à compaixão e socorro<sup>49</sup>”.

E já prestes a concluir a mensagem da encíclica, o papa afirma sua fé na Igreja e na mão onipotente de Cristo-Rei, ratificando o seu propósito de continuar trabalhando incansavelmente pela paz entre os povos, de forma que a Igreja católica:

Trabalhando com arrojo materno e segundo o amor de Cristo, aparecerá certamente como *visão beatífica de paz* sobre essa voragem de erros e paixões, aguardando o momento em que a mão onipotente de Cristo-Rei venha acalmar a tempestade e banir os espíritos da discórdia que a desencadearam. Continuaremos, entretanto, a fazer tudo o que pudermos para acelerar o dia em que a pomba da paz possa pousar seus pés sobre esta terra, ora imersa no dilúvio da discórdia. [...] Mas, sobretudo, confiando em Deus onipotente a quem dirigimos diariamente a oração: 'à sombra das vossas asas me acolho, até que passe a calamidade'<sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> IGREJA CATÓLICA. Documentos de Pio XII (1939-1958). *Carta Encíclica Summi Pontificatus*.... nº 73.

<sup>49</sup> cf. *Ibid.* nº 75.

<sup>50</sup> *Ibid.* Nº 76.



Sem descurar da sua luta pela paz entre os povos, Pio XII empenhou-se com afinco no governo da Igreja, algo indiretamente mensurável pelo número de documentos publicados nos anos de guerra. Foram 192 discursos e radiomensagens, 34 cartas, 6 cartas apostólicas, 4 Constituições apostólicas, 8 Encíclicas, 1 Exortação apostólica, 4 homilias e 2 *Motu proprio*.<sup>51</sup>

Nem mesmo os mais ácidos críticos contestam o seu árduo e laborioso trabalho na condução da Igreja. “Pacelli relutava em desperdiçar mesmo que uns poucos segundos de seu tempo”<sup>52</sup>. Afirmações equivalentes sobre um diligente e incansável Pio XII se encontram em outros autores: “Quanto tempo trabalhava? Difícil responder, mas os testemunhos concordam: de pé desde as seis, fechava o último relatório estudado por volta de uma ou duas da manhã. Seus colaboradores não o acompanhavam”<sup>53</sup>.

Embora credenciado pelos pares que o elegeram, muitas questões surgiram quanto ao desempenho de Pio XII no comando da Igreja naqueles tempos. Teria a competência necessária para conduzi-la com segurança no meio das tormentas? Manter a paz e evitar a guerra foram seus objetivos iniciais, um esforço malgrado não muito tempo depois de iniciado o seu pontificado. A pergunta agora era, sua diplomacia conseguiria atuar eficazmente para abreviar o fim da Guerra?

Se ao final daquele breve conclave de 1939 a Igreja católica tinha novamente um papa no trono petrino, é preciso considerar que os poderes reconhecidos do pontífice, além dos muros do Vaticano, são mais de natureza espiritual e moral do que jurídica. Contudo, foram as circunstâncias traumáticas da Segunda Guerra e suas consequências políticas que majoritariamente viriam a prevalecer nos juízos proferidos sobre o seu pontificado.

<sup>51</sup> Pio XII. Disponível em <[http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/index_po.htm)>. Acesso em 11/05/2012.

<sup>52</sup> CORNWELL, John. *O papa de Hitler...* p. 362 [Cornwell também alude ao simbolismo do brasão pontifício escolhido. p. 253].

<sup>53</sup> SUFFERT, Georges. *Tu és Pedro: santos, papas, profetas, mártires, guerreiros, bandidos. A história dos primeiros 20 séculos da Igreja fundada por Jesus Cristo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 449.

Se o perfil diplomático do cardeal Pacelli teve peso fundamental em sua eleição para ocupar o trono de Pedro, as armas diplomáticas se revelaram impotentes para dissuadir Hitler de alimentar seus planos expansionistas que acabariam por deflagrar a guerra.

## 2.2 - A Segunda Guerra Mundial, alguns aspectos e momentos mais relevantes

A Segunda Guerra eclodiu por iniciativa de Hitler em 01 de setembro de 1939, malgrado o febril empenho diplomático de muitas embaixadas, às quais se associou a diplomacia da Santa Sé. Pio XII se esforçara desde o início do pontificado tentando convencer os líderes mundiais a evitar a guerra. Mas o rugido beligerante jamais calado totalmente desde o final da Primeira Guerra, superou em muitos decibéis a voz pacificadora do papa.

Embalado por sua grande aprovação popular e pelo ressentimento alemão com a humilhação sofrida ao final da guerra em 1918, além da passividade tolerante dos países aliados Inglaterra e França, Hitler se tornara cada vez mais ousado e belicoso. Finalmente ele determinou a invasão da Polônia em 01 de setembro de 1939 através de uma tática nova, a “*blitzkrieg*” – guerra relâmpago com a qual consumou a invasão em apenas um mês.

Em 28 de setembro de 1939 a Alemanha e a União Soviética assinaram um tratado mútuo de não agressão, pelo qual dividiram a Polônia em dois quinhões – facilitando os planos expansionistas de Hitler e também de Stalin. Após a Holanda e Bélgica, Hitler ordenou a invasão da França e em 14 de junho de 1940 os alemães tomaram Paris. Em 22 de junho de 1941, Hitler inicia a invasão da União Soviética, com a operação *Barbarossa*. Em 12 de julho do mesmo ano é assinado o Pacto de Assistência Mútua entre a Grã-Bretanha e a URSS<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> cf. JORDAN, David. *História da Segunda Guerra Mundial*: A maior e mais importante guerra de todos os tempos. Tradução Ricardo Souza. São Paulo: M. Books, 2011. p. 91; 93.

Em 13 de novembro de 1941 os Estados Unidos abandonam a neutralidade e dias depois aviões japoneses atacam *Pearl Harbor*, base americana no Pacífico, precipitando a entrada dos norte americanos na Segunda Guerra<sup>55</sup>.

O Brasil, em 22 de agosto de 1942, se une à campanha dos aliados na guerra contra o Eixo<sup>56</sup>. Depois do avanço das forças alemãs na União Soviética e em outras frentes ocidentais, os aliados começam a recuperar posições perdidas entre o fim de 1941 e a metade de 1943.

Em 25 de julho de 1943 Mussolini é deposto e em 8 de setembro a Itália se rende. Em 21 de fevereiro de 1944, os Aliados lançam a ofensiva aérea contra os alemães – denominada a “Grande Semana”<sup>57</sup>. No chamado “dia D”, 6 de junho de 1944, “os Aliados desembarcam na Normandia”<sup>58</sup>. Mussolini é executado em 28 de abril de 1945, Hitler destitui Himmler por tratar da rendição com os aliados, e em 29 de abril os alemães assinam a rendição incondicional, provocando os suicídios de Hitler e Goebbels, em 30 de abril e 1 de maio de 1945<sup>59</sup>.

A cerimônia de assinatura da rendição dos alemães acontece em Reims, no dia 7 de maio de 1945, e por exigência dos soviéticos, se repete em Berlim, no dia seguinte. Assim, o dia 8 de maio marca o fim da guerra na Europa, embora a rendição de alguns focos das forças alemãs na Checoslováquia, Croácia e Áustria se protelasse até 14 de maio<sup>60</sup>.

No extremo Oriente, o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9 de agosto apressaria o fim dos combates. Em 2 de setembro de 1945 os japoneses assinam a rendição formal. Contudo, o último posto avançado das forças japonesas na Indochina só vai se render em 30 de novembro de 1945, determinando o fim da Segunda Guerra Mundial<sup>61</sup>.

<sup>55</sup> cf. JORDAN, David. *História da Segunda Guerra Mundial...* p. 199; 204.

<sup>56</sup> NEVES, Luis Felipe Silva. A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945. In: COGGIOLA, Osvaldo (org). *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã: USP: FFLCH: Historia, 1995. p. 296.

<sup>57</sup> JORDAN, David. *História da Segunda Guerra Mundial...* p. 155.

<sup>58</sup> Ibid. p. 160.

<sup>59</sup> cf. Ibid. p. 186

<sup>60</sup> cf. Ibid. p. 187.

<sup>61</sup> cf. Ibid. p. 285-286.

Com o final da Guerra, o novo rearranjo das forças políticas internacionais deu origem à Guerra Fria, com a polarização principal EUA x URSS. Outro fator relevante do pós-guerra, que a própria guerra ajudou a precipitar, foi a criação do Estado de Israel, em 1948. E este acontecimento, longamente ansiado pelos judeus, nos remete a uma reflexão retrospectiva sobre o antijudaísmo histórico como uma das influências na origem do brutal antissemitismo nazista, que teve na Shoah a sua mais nefasta consequência.

### 2.3 - Do antijudaísmo histórico ao antissemitismo nazista da Segunda Guerra

O cristianismo surgiu de um grupo de judeus dissidentes. O Novo Testamento, especialmente os Atos dos Apóstolos, mostra que o grupo inicial de cristãos era constituído por judeus que frequentavam o Templo e as sinagogas como o próprio Jesus sempre o fizera<sup>62</sup>. O que distinguia e caracterizava como dissidente este grupo inicialmente conhecido como *seguidores do Caminho* ou “nazarenos<sup>63</sup>”, depois denominado “cristãos<sup>64</sup>”, era o fato de seus membros reconhecerem na pessoa de Jesus de Nazaré, o Messias esperado de Israel.

A história das relações entre judeus e cristãos é uma história conturbada. Reconheceu-o o Santo Padre João Paulo II nos seus repetidos apelos aos católicos a considerarem a nossa atitude a respeito das nossas relações com o povo judaico. [...] No alvorecer do cristianismo, depois da crucifixão de Jesus, surgiram contrastes entre a Igreja primitiva e os chefes dos hebreus e o povo hebraico que, em obediência à Lei, às vezes se opuseram com violência aos pregadores do Evangelho e aos primeiros cristãos<sup>65</sup>.

<sup>62</sup> cf. At. 2,46; 3,1; 5,12; 5,21; 9,20; 13,5; 13,15; 14,1; 17,1-2. *ABíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1985.

<sup>63</sup> MOSCONI, Luigi. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus: para cristãs e cristãos rumo ao Novo Milênio*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 47.

<sup>64</sup> Ibid. p. 50. (cf. At. 11,26. *Bíblia de Jerusalém*...).

<sup>65</sup> COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. *Nós Recordamos: uma reflexão sobre o Shoah*. n. III. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_16031998\\_shoah\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_po.html)>. Acesso em 07/06/2012.

A pregação cristã centrada na messianidade de Jesus de Nazaré e a sua experiência pascal – enquanto dirigida aos tementes a Deus nas sinagogas, provocou hostilidades da parte dos judeus. Tal reação impeliu o apóstolo Paulo, principal propagador do cristianismo primevo, a deslocar a sua atividade missionária em direção aos pagãos<sup>66</sup>.

O processo do desenvolvimento do cristianismo iniciou já no primeiro século, mas seu sucesso como religião hegemônica teve início apenas no quarto século da era cristã com o Edito de Milão. Sua proclamação por Constantino, em 313, demarca o fim das perseguições aos cristãos e a partir desse fato se esboça o caminho das alianças entre a Igreja e o Estado. A primeira destas alianças se deu através do Edito de Tessalônica, no ano 380, pelo qual Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano<sup>67</sup>.

Se por um lado a oficialização do cristianismo como religião do Império favoreceu o seu florescimento e a paulatina conquista de uma posição hegemônica, de outro, sua força crescente se espalhando em todas as direções significou repressão contra o grupo rival, o judaísmo. Este processo se acentuou no período da Cristandade e as perseguições reforçaram os movimentos migratórios judaicos, dispersando cada vez mais o povo hebreu.

Com o decorrer dos séculos, a história da cristandade patrística e medieval será grandemente marcada pela coexistência tranquila e de conflitos por vezes violentos de cristãos e judeus. [...] O mundo moderno passou por vagas e mais vagas de antissemitismo, animadas por motivos e pretextos os mais diversos, e que foram ativando e enlouquecendo sua agressividade até chegar aos horrores do racismo nazista e do holocausto, da Shoah, a suprema noite de provação que despertou a atenção do mundo sobre o mistério de Israel<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> cf. MONDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Loyla, 2006. p. 32.

<sup>67</sup> cf. Ibid. p. 41.

<sup>68</sup> OLIVEIRA, Josaphat Pinto de. *Evangelho e diálogo inter-religioso*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 36-37.

A Revolução Industrial no século XVIII trouxe avanço tecnológico, e entre as profundas mudanças que acarretou, possibilitou o acesso dos judeus a uma posição de igualdade social que não desfrutavam até nos séculos anteriores. Em contrapartida, a sociedade humana experimenta uma grave involução ética que deságua no recrudescimento do antissemitismo historicamente latente.

Entre o final do século XVIII e o início do século XIX, os judeus tinham geralmente atingido uma posição de igualdade. [...] Mas neste mesmo contexto histórico, em particular no século XIX, surgiu um nacionalismo exasperado e falso. [...] Começaram a aparecer teorias que negavam a unidade da raça humana, afirmando uma originária diferença das raças. No século XX, o nacional-socialismo na Alemanha usou tais ideias como base pseudocientífica, para uma distinção entre as chamadas raças nórdico-arianas e as presumíveis raças inferiores<sup>69</sup>.

Nesse período bimilenar, conquanto tenham havido momentos de convivência pacífica entre judeus e cristãos, em grande parte do tempo, sobretudo as comunidades judaicas da Europa foram sistematicamente perseguidas com segregações, expulsões ou massacres<sup>70</sup>. Criou-se desde a Idade Média o preconceituoso estereótipo do judeu como usurário, pária social e potencial dominador infiltrado em todos os países.

Usurários ferozes, sanguessugas dos pobres, envenenadores das águas bebidas pelos cristãos: assim os imaginavam frequentemente os burgueses e o povo miúdo urbano no final da Idade Média. [...] Essa estranheza suspeita e tenaz aponta-os como bodes expiatórios em tempos de crise<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. *Nós Recordamos*: uma reflexão sobre o Shoah... n. III.

<sup>70</sup> GOLDBERG, Jacó Pinheiro e D'AMBRÓSIO, Oscar. *A Chave da Morte*. São Paulo: Maltese, 1992. p. 111.

<sup>71</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800*: uma cidade sitiada. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 415.

Esse preconceito atravessou os séculos seguintes, com pontuais exceções. O que se verifica na maioria das nações não difere da realidade brasileira onde opiniões publicadas no período entre-guerras e durante a Segunda Guerra Mundial revelam o antissemitismo reinante.

É possível detectar na palavra impressa entre 1920-1945 um discurso antissemita calcado na ideia do judeu enquanto 'eterno estrangeiro', povo deicida, cidadão usurpador e parasita. Avaliado ora como capitalista, ora como representante do Comunismo internacional, o judeu era visto por parte da população, como aquele que conspirava contra a nação e o povo brasileiro<sup>72</sup>.

Criaram-se sobre eles muitas lendas assumidas como verdades irrefutáveis. Exemplo típico é a fraude intitulada “Protocolo dos Sábios de Sião” forjada pela *Okhrana*, a polícia secreta russa, no final do século XIX. Um plágio da sátira publicada em 1864, *Diálogo no Inferno*, do advogado francês Maurice Joly, inspirada em Maquiavel. Mesmo após revelado o plágio, continuaram a circular edições dos Protocolos no mundo inteiro. No Brasil, a edição mais conhecida foi a traduzida e comentada por Gustavo Barroso, lançada em 1936<sup>73</sup>.

O Protocolo dos Sábios de Sião retrata uma lista de procedimentos para a dominação do mundo em uma suposta conspiração judaica. Nem a descoberta de sua criação fraudulenta, desde 1920<sup>74</sup>, evitou que mais tarde figurasse entre os argumentos invocados pelos nazistas para justificar a perseguição encetada contra os judeus, visando sua aniquilação completa.

<sup>72</sup> WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. (Coleção: Histórias da Repressão e da Resistência; 9) São Paulo: Humanitas, 2008. p. 130.

<sup>73</sup> CÂMARA, Bira. Protocolos dos Sábios de Sião, a história de uma fraude. In: *Jornal do Bibliófilo: Literatura & Bibliofilia*. Edição 05/05/2009. Disponível em <<http://jornalivros.com.br/2009/05/protocolos-dos-sabios-de-siao-a-historia-de-uma-fraude/>>. Acesso em 10/06/2012.

<sup>74</sup> Os Protocolos dos Sábios de Sião: Cronologia. In: *Enciclopédia do Holocausto*. United States Memorial Museum. Disponível em <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007244>>. Acesso em 12/06/2012.

Na Alemanha, devido ao antijudaísmo nunca totalmente superado, os cristãos nutriam desconfiança contra os judeus, um importante fator – embora não exclusivo – para dar vazão às políticas antissemitas do nazismo, no seio da sociedade alemã de maioria cristã. Hitler soube aproveitar o clima de insatisfação popular para catalisar esse sentimento em prol de sua obsessão pela aniquilação dos judeus, não encontrando grandes resistências para implementar as ações genocidas do seu programa conhecido como a *Solução Final* para a questão judaica.

Os acontecimentos políticos do século XX atiraram o povo judeu no centro do turbilhão de eventos; a questão judaica e o antissemitismo, fenômenos relativamente sem importância em termos de política mundial transformaram-se em agente catalisador, inicialmente, da ascensão do movimento nazista e do estabelecimento da estrutura organizacional do Terceiro Reich [...] e, em seguida, de uma guerra mundial de ferocidade nunca vista, que culminou, finalmente, com o surgimento do genocídio, crime até então desconhecido em meio à civilização ocidental<sup>75</sup>.

O extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra não pode ser atribuído apenas à tirania ou insanidade de Hitler ou ao seu grupo restrito de colaboradores. Por ações ou omissões estão comprometidos nesse genocídio toda a sociedade alemã, bem como as demais nações, as Igrejas, os Partidos, as lideranças militares, civis e religiosas. “Só os mortos não ficaram manchados pela infâmia do Holocausto”<sup>76</sup>. Esta afirmação incisiva de Kertesz, de fato, só permite distinguir as diferentes formas de manchas infamantes: responsabilidade direta, cumplicidade, covardia, omissão, negligência, ignorância, impotência.

---

<sup>75</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 20.

<sup>76</sup> KERTESZ, Imre. Dossier K. p. 182. apud AYDOS, Marcos. Flores para Theodor Herzl. In: *Observatório da Imprensa*. Feitos e Desfeitos. Edição de 13/04/2010. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/flores-para-theodor-herzl>>. Acesso em 10/06/2012.



Ainda assim, toda generalização padece de precisão e, apesar das limitações dos atos, tergiversações e recuos, houveram ações efetivas de salvamento de judeus por parte de muitos. Há registros de muitas ações de resgate praticadas desde os cidadãos comuns, passando por entidades e organizações civis e eclesiásticas católicas e reformadas, além das organizações judaicas. A diplomacia foi, no caso da Igreja Católica enquanto instituição, o principal instrumento utilizado em suas iniciativas de salvamento de vítimas da guerra.

### **3 - As armas diplomáticas a serviço do salvamento de judeus, vítimas da guerra**

Só no período final da Segunda Guerra o salvamento dos judeus resultou da ação militar, com a tomada dos territórios sob domínio nazista onde estavam instalados os campos de concentração e extermínio. Antes disso, o maciço número de salvamentos se deu através da oferta de abrigo e providências de emigração de judeus dos territórios ocupados pelos nazistas. E nisso o papel mais relevante foi o exercido pelas ações diplomáticas.

Nem a Cruz Vermelha, organizações judaicas ou outro organismo salvou mais judeus que a Igreja Católica<sup>77</sup>. Quanto ao número de salvamentos creditados à Igreja Católica durante a Segunda Guerra, não é possível chegar a dados precisos. Os cálculos variam de dezenas de milhares<sup>78</sup> a centenas de milhares, chegando até a um milhão<sup>79</sup>. Atuaram em salvamentos bispos, padres, religiosos e leigos. O próprio papa providenciou abrigo a milhares de judeus no Vaticano, em Castelgandolfo e em outras dependências católicas de Roma.

---

<sup>77</sup> cf. BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto...* p. 231.

<sup>78</sup> cf. TORNIELLI, Andrea. *Pio XII...* p. 299.

<sup>79</sup> cf. BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto...* p. 231.

### 3.1 - As intervenções diplomáticas de Pio XII em favor dos judeus perseguidos

As iniciativas de Pio XII através da diplomacia vaticana revelaram-se incapazes de evitar a conflagração da Segunda Guerra Mundial cujo estopim foi a invasão da Polônia pelas forças alemãs em 01 de setembro de 1939. Fracassadas as tentativas de frear a eclosão do conflito armado, logo no início da guerra “a Santa Sé decidiu que a sua missão consistia em acudir às vítimas do conflito, aliviando os seus sofrimentos materiais e morais”<sup>80</sup>.

No Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as principais vítimas a reclamar ajuda humanitária foram os prisioneiros de guerra. Na Segunda Guerra, entretanto, ao lado dos prisioneiros e das pessoas que tiveram que abandonar seus lares destruídos ou ameaçados – surge uma nova e importante categoria de vítimas que apela por socorro.

Uma categoria constituída em sua grande maioria “de 'não-arianos', ou seja, de indivíduos de origem judaica, quaisquer que fossem as suas confissão ou nacionalidade”<sup>81</sup>. Outras vítimas da política de purificação da raça ariana foram, em menor número, os ciganos, os homossexuais e os doentes incuráveis, entre outros. Mas os principais alvos do visceral ódio hitleriano foram mesmo os judeus.

Ainda antes do início da Guerra a perseguição nazista já começara na Alemanha, tendo como evento marcante a *Noite dos Cristais*, quando muitas sinagogas e lojas de judeus foram incendiadas<sup>82</sup>. A perseguição se intensificou durante a guerra e a intenção inicial do nazismo parecia ser a de expulsar os judeus da Alemanha. Nesse caso, a melhor ajuda consistiria em encontrar quem os pudesse acolher. Os *não-arianos* batizados, via de regra ignorados pelos organismos de ajuda judaicos, foram os primeiros alvos da atenção da Santa Sé<sup>83</sup>.

---

<sup>80</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 154.

<sup>81</sup> *Ibid.* p. 155.

<sup>82</sup> *cf. Ibid.* p. 155-6.

<sup>83</sup> *cf. Ibid.* p. 156.

Experiente diplomata e hábil orador, Pio XII fez uso intensivo do rádio para comunicar-se com os fieis e o mundo durante o seu pontificado – de modo especial através das suas mensagens ao orbe por ocasião do Natal. Também a propósito da perseguição aos judeus a sua mais conhecida manifestação se deu através deste veículo de comunicação. Em seu pronunciamento na véspera do Natal de 1942 o papa dirige aos povos a sua mensagem de paz. E questiona a humanidade se era hora de assistir inerte aos horrores da guerra ou a de proclamar o voto solene de não descansar até resgatar a paz perdida.

É quando faz alusões às vítimas e, em uma delas, identifica claramente a situação dos judeus perseguidos durante a guerra. “Este voto deve-o a humanidade às centenas de milhares de pessoas que sem culpa nenhuma da sua parte, às vezes só por motivos de nacionalidade ou raça, se veem destinadas à morte ou a um extermínio progressivo”<sup>84</sup>. E Pio XII aludiu novamente ao sofrimento dos judeus em 02 de junho de 1943, na festa de Santo Eugênio, seu onomástico. Dirigindo-se ao Sacro Colégio dos Cardeais, em Roma, asseverou:

Não fiquéis surpresos se dermos ouvidos, com profunda simpatia, às vozes daqueles que a nós recorrem e imploram, com seus corações tomados pelo medo. São eles que, por questão de nacionalidade ou descendência, veem-se perseguidos, cada vez mais, pelo infortúnio e pelo sofrimento. Embora inocentes, às vezes são sujeitados a medidas que os ameaçam de extermínio<sup>85</sup>.

Wistrich, na obra citada, antes de reproduzir tal fala, afirma que esta foi a segunda e última vez em que Pio XII mencionou publicamente os episódios da perseguição genocida patrocinada pelo nazismo alemão, que depois se tornariam conhecidos como o “Holocausto”.

<sup>84</sup> IGREJA CATÓLICA. Documentos de Pio XII (1939-1958). *Radiomensagem “Con Sempre nuova freschezza”*, 55. São Paulo: Paulus, 1998. p. 138.

<sup>85</sup> WISTRICH, Robert S. *Hitler e o Holocausto*. Tradução José R. O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 203.

Outra forma de intervenção do papa visando mitigar o sofrimento das vítimas, eram as instruções dirigidas ao episcopado para que se ocupassem com a proteção aos perseguidos da guerra. Aludindo a uma informação a esse respeito, o autor Joaquim Blessmann comenta: “Em 1940, em uma carta a ser lida em todas as igrejas, intitulada *Opere et caritate*, Pio XII instruíu os bispos católicos da Europa para darem assistência a todas as pessoas que estivessem sofrendo discriminação racial nas mãos dos nazistas”<sup>86</sup>.

Os arquivos do Vaticano, e de outros organismos governamentais externos, bem como testemunhos de diplomatas, registram múltiplas intervenções da diplomacia vaticana contra a política de extermínio dos judeus pelos nazistas durante os anos de guerra. Além de viagens e encontros entre representantes da Sé Apostólica e dos países envolvidos na guerra, cartas e telegramas foram febrilmente trocadas com autoridades e diplomatas, e também com entidades de defesas das vítimas.

Contudo, a documentação até hoje conhecida revela poucas manifestações públicas da Santa Sé. O objetivo de salvar vidas em risco foi efetivamente perseguido, mas privilegiando-se os canais diplomáticos e as conversações secretas, enquanto se sublimava, na mesma medida, as condenações públicas ostensivas. O escrúpulo em não transgredir a neutralidade proclamada e o temor de retaliações contra católicos e judeus dos países ocupados praticamente impediram que a voz do Vaticano se pronunciasse.

Os críticos do Vaticano alegaram que a Santa Sé poderia ter feito mais do que fez enquanto que os defensores alegaram que nas circunstâncias criadas por uma guerra total, sem escrúpulos morais qualquer atitude advinda do Papa seria na melhor das hipóteses ignorada<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> BLESMMANN, Joaquim. *O Holocausto...* p. 53.

<sup>87</sup> MILGRAM, Avraam. Reflexões Sobre o Vaticano, os Judeus, e a América Latina Durante a II Guerra Mundial. In: *E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de America Latina Y el Caribe*. Disponível em <[http://www.tau.ac.il/eial/VI\\_1/milgram.htm](http://www.tau.ac.il/eial/VI_1/milgram.htm)>. Acesso em 16/06/2012.

Mais efetivas que as denúncias públicas e ostensivas, evitadas pela diplomacia eclesiástica, foram as ações concretas envidadas no sentido de abrigar e proteger um expressivo número de judeus perseguidos. É o que pretendemos expor nas páginas a seguir.

### **3.2 - As vítimas socorridas pela Santa Sé e demais instituições católicas**

O escritor americano Dimitri Cavalli afirma em artigo publicado no Jornal Israelense Haaretz que os detratores de Pio XII o acusam sem evidências documentadas que tenha mantido silêncio enquanto os judeus eram aniquilados por Hitler. Tampouco de que seria a favor do nazismo ou, ainda, que nada teria feito em favor daquelas vítimas. Cavalli é categórico, “a campanha contra Pio XII está destinada ao fracasso”<sup>88</sup>.

A falta de manifestações contundentes de Pio XII frustrou as expectativas de muitos e forneceu munição para os seus detratores póstumos. Seu contraponto evidente foram as numerosas ações de salvamento de judeus destinados aos campos de extermínio. Muitas iniciativas de Pio XII, bem como de bispos, presbíteros, religiosos e leigos manifestaram concretamente a efetiva preocupação e cuidados com as vítimas da guerra. E dentre estas se destacam as centenas de milhares de *não-arianos*, em especial os convertidos ao catolicismo que não receberam das organizações judaicas a mesma atenção dada aos demais judeus.

Gary Krupp, judeu e presidente da PTWF, fundação dedicada a promover as relações e a reconciliação entre as religiões, afirma que já chegou a hora de reconhecer o Papa Pio XII pelo que ele realmente fez e não pelo que ele não falou<sup>89</sup>.

<sup>88</sup> CAVALLI, Dimitri. Much-maligned Pontiff. In: *Jornal Haaretz*. Edição de 22/01/2010. Disponível em <<http://www.haaretz.com/print-edition/opinion/much-maligned-pontiff-1.261908>>. Acesso em 18/06/2012.

<sup>89</sup> CALDWELL, Simon. Wartime pope's secret heroism. In: *The Jewish Chronicle Online*. Edição 26/02/2009. Disponível em <<http://www.thejc.com/news/world-news/wartime-pope's-secret-heroism>>. Acesso em 19/06/2012.

Após sua eleição mas antes mesmo do início da Segunda Guerra Pio XII já dispensara sua proteção a alguns acadêmicos judeus proibidos pelo fascismo de ensinar em escolas e universidades italianas. A estes cientistas e professores, o papa os acolheu e empregou em organismos do Vaticano.

E como destacam vários defensores de Pio XII – dos quais algumas de obras destacaremos no terceiro capítulo deste nosso trabalho, ocorreram ações de salvamentos de judeus por iniciativas de autoridades eclesiásticas do Vaticano e de praticamente todos os países europeus ocupados ou aliados das forças nazistas. Itália, Hungria, Croácia, Transnístria, França, Polônia, são alguns dos lugares onde tais ações de salvamentos se desenvolveram.

E na própria Roma, a deportação de mais que 1.200 judeus para Auschwitz em 16 de outubro de 1943, denunciada ao papa pela princesa Enza Pignatelli Aragona na manhã do mesmo dia, provocou imediata reação de Pio XII. Ao ser avisado, ele convocou os conventos e mosteiros para que abrigassem os judeus perseguidos. Dalin cita Michel Tagliacozzo que contabiliza 477 judeus abrigados no Vaticano e suas propriedades extraterritoriais, “enquanto outros 4.238 encontraram refúgio nos numerosos mosteiros e conventos em Roma”<sup>90</sup>.

O contexto de guerra aliado à cultura, ao caráter, à prévia carreira diplomática e à opção de neutralidade e imparcialidade adotadas Pio XII o mantieram sempre impregnado de forte discrição e metuculoso cuidado na escolha das palavras em suas manifestações públicas. Ele em tudo imprimia um tom de prudência para evitar males maiores e não incorrer no risco de suas denúncias piorarem as condições dos que desejava proteger. Considerando uma tal disposição se constata que não assiste razão aos detratores de Pio XII. Não quanto aos atos, pois ele não permaneceu insensível ao sofrimento dos judeus.

---

<sup>90</sup> DALIN, David G. *The myth of Hitler's Poep: how pope Pius XII rescued jews from the nazis*. Washington, DC: Regnery, 2005. p. 83. (tradução nossa).

Também no Brasil repercutiu o acontecimento genocida que vitimou os judeus na Europa. Intensas interações político diplomáticas destinadas a obter o asilo brasileiro a imigrantes católicos não-arianos foram encetadas entre representantes da Santa Sé e do Governo brasileiro.

### 3.3 - Ações diplomáticas junto ao Brasil para a obtenção de vistos a não-arianos

A apatia e indiferença das autoridades políticas das diversas nações, também as do Brasil, frente ao drama sofrido pelo povo judeu, é um dos argumentos que ajudam a explicar porque um número maior deles não foi salvo dos campos de extermínio.

Os avanços e retrocessos vivenciados pela diplomacia da Santa Sé para obter a admissão de *não-arianos* em território brasileiro durante a Segunda Guerra dão uma medida das barreiras que um velado e arraigado antissemitismo logrou criar. Com seu projeto de salvar católicos não-arianos perseguidos, em uma das suas primeira iniciativas diplomáticas o Vaticano “orientou os seus esforços para aquilo que passou a ser conhecido como 'a ação brasileira' (*Brasilienaktion*) e que acabou com resultados bastante limitados, mas reais”<sup>91</sup>.

Nos Arquivos do Vaticano estão assentadas as Atas e Documentos da Santa Sé relativas à Segunda Guerra Mundial – A Santa Sé e as vítimas da guerra – de Março de 1939 a Dezembro de 1940<sup>92</sup>, com muitos registros dessa “ação brasileira”. A documentação revela intensa troca de correspondências visando a obtenção de 3000 vistos a católicos não-arianos residentes na Alemanha, para os quais a diplomacia vaticana desejava obter asilo no Brasil.

<sup>91</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 157.

<sup>92</sup> Actes et Documents du Saint Siège Relatifs à la Seconde Guerre Mondiale - Le Saint Siège et les victimes de la guerre – Mars 1939/Décembre 1940. Vol. 6. Disponível em <[http://www.vatican.va/archive/atti-ufficiali-santa-sede/index\\_fr.htm](http://www.vatican.va/archive/atti-ufficiali-santa-sede/index_fr.htm)>. Acesso em 28/04/2012. (Nas citações seguintes mencionaremos abreviadamente esta fonte como: ADSS. Vol. 6, – seguindo-se o número do documento e a página onde se encontram).

Para ilustrar nosso trabalho, descreveremos uma pequena parte das correspondências registradas nas Atas e Documentos do período de 31/03/1939 a 06/01/1940, cuja análise demonstra as dificuldades em fazer valer na prática os vistos autorizados por Getúlio Vargas.

Em 31/03/1939 o cardeal Faulhaber de Munique escreveu a Pio XII solicitando sua intervenção para obter do Brasil, 3.000 vistos de entrada para católicos não-arianos que estavam sendo forçados a deixar a Alemanha<sup>93</sup>. Em 05/04/1939 o cardeal Maglione pede a Aloísio Masella, núncio do Rio de Janeiro – que encaminhasse a Getúlio Vargas a solicitação de uma quota extra de vistos, já que a prevista para o ano de 1939 se esgotara<sup>94</sup>.

Em 20/06/1939, Masella, núncio do Rio de Janeiro responde ao cardeal Maglione informando que o presidente Getúlio Vargas concederia 3.000 vistos, em conformidade com as leis de imigração do país<sup>95</sup>. E em 11/07/1939 o cardeal Maglione escreve a Masella, pedindo-lhe para expressar sua gratidão ao presidente Getúlio Vargas<sup>96</sup>.

Em 20/07/1939 o bispo Berning relata a Maglione que as condições impostas para a concessão dos vistos são difíceis de atender e pede sua intervenção para relaxá-las e favorecer também judeus protestantes<sup>97</sup>. Em 22/07/1939 Masella informa ao cardeal Maglione que os vistos brasileiros são destinados em primeiro lugar aos católicos alemães não-arianos<sup>98</sup>.

Em 30/08/1939 o cardeal Maglione escreve a Orsenigo, bispo de Berlim, informando sobre a concessão dos 3.000 vistos pelo governo brasileiro e sobre as providências tomadas para obter o relaxamento das condições impostas e impossíveis de cumprir para os que seriam favorecidos<sup>99</sup>.

---

<sup>93</sup> ADSS. Vol. 6, doc. 8 – p.62ss.

<sup>94</sup> Ibid. doc. 11 – p. 69-70.

<sup>95</sup> Ibid. doc. 33 – p. 98.

<sup>96</sup> Ibid. doc. 37 – p. 103.

<sup>97</sup> Ibid.doc. 42 – p. 108-110.

<sup>98</sup> Ibid. doc. 44 – p. 111s.

<sup>99</sup> Ibid. doc. 53 – p. 124s.



Em 11/09/1939 o núncio de Berlim, Orsenigo, escreve ao cardeal Maglione sobre a imigração das famílias católicas não-arianas para o Brasil, e a impossibilidade das mesmas em obter os vinte contos de réis por família, exigidos como condição para a expedição dos vistos<sup>100</sup>. Em 19/09/1939, em vista destas dificuldades dos não-arianos na obtenção dos vistos, Maglione volta a escrever ao núncio do Rio de Janeiro sobre o pedido de atenuação das condições do governo brasileiro para a concessão dos 3.000 vistos<sup>101</sup>.

Em 13/11/1939 Masella responde ao cardeal Maglione informando que o Ministério do Exterior brasileiro lhe enviara nota sobre instruções transmitidas à Embaixada do Brasil na cidade do Vaticano para dar bom curso à resolução nº 39 do Conselho de Imigração. Quanto à questão da taxa exigida, isto seria objeto de novas instruções à mesma Embaixada<sup>102</sup>.

Em 05/01/1940 a embaixada brasileira no Vaticano responde à Secretaria de Estado informando que o governo brasileiro está autorizando a embaixada em Berlim para facilitar a concessão dos 3.000 vistos oferecidos<sup>103</sup>. Em 06/01/1940 o núncio Masella reporta ao cardeal Maglione a dispensa da exigência monetária, por parte do governo brasileiro, aos requerentes de vistos que não tiverem condições para o pagamento<sup>104</sup>.

As trocas das correspondências prosseguiram até quase o final do mês de julho de 1941. Continuaram também as dificuldades para a concessão dos 3.000 vistos prometidos em 1939 pelo Presidente Getúlio Vargas ao Papa Pio XII. Esta odisséia com resultado frustrante comparado com a perspectiva inicial, teria o seu fim demarcado por um comunicado lacônico do Itamarati ao embaixador Hildebrando Accioly, datado de 24/07/1941.

---

<sup>100</sup> ADSS. Vol. 6, doc. 61 – p. 138s.

<sup>101</sup> Ibid. doc. 70 – p. 148.

<sup>102</sup> Ibid. doc. 106 – p. 187.

<sup>103</sup> Ibid. doc. 128 – p. 216.

<sup>104</sup> Ibid. doc. 129 – p. 217s.

“Por ordem do Senhor Presidente da República, atendendo a que está esgotada a quota cedida a sua Santidade, fica anulada a concessão de visto nos passaportes de católicos não-arianos”<sup>105</sup>. Os 2.000 vistos que estavam aos cuidados da Embaixada do Brasil em Berlim e mais tarde transferidos para Hamburgo, simplesmente nunca viriam a ser utilizados<sup>106</sup>.

Dos demais 1.000 vistos que ficaram à disposição de Hildebrando Accyoli na Embaixada do Brasil junto à Santa Sé, 959 foram nominalmente emitidos antes da revogação de novas concessões. Entretanto, destes emitidos, 156 caducaram enquanto alguns de seus portadores se encontravam na Holanda e outros em trânsito, permitindo concluir que ao final, 803 vistos foram efetivamente utilizados dentre os 3.000 inicialmente prometidos<sup>107</sup>.

Durante mais de dois anos, com tantas idas e vindas, preconceitos e hesitações – restou como positivo apenas o fato de 803 pessoas, que de outra forma poderiam ter sido assassinadas nos campos de extermínio nazistas, recomeçarem suas vidas no Brasil.

E após a exposição desta chamada *ação brasileira*, um esforço diplomático da Santa Sé no salvamento de judeus vítimas da perseguição nazista com resposta apenas parcial da diplomacia brasileira, concluímos este capítulo com uma síntese de seu desenvolvimento.

Iniciamos com uma avaliação do contexto internacional às vésperas da Segunda Guerra Mundial, durante a qual se consumaria a tragédia da aniquilação de seis milhões de judeus. Consideramos inicialmente os dois blocos antagônicos – Eixo e Aliados, seus integrantes e as circunstâncias de sua origem, bem como em seguida, os países que se declararam neutros. E o interesse de nosso trabalho nos induziu a um destaque para a neutralidade/imparcialidade do Estado do Vaticano.

---

<sup>105</sup> MILGRAM, Avraham. *Os Judeus do Vaticano: a tentativa de salvação de católicos – não arianos – da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 145. [transcrição do teor do telegrama enviado pelo Itamaraty à embaixada brasileira junto à Santa Sé].

<sup>106</sup> cf. Ibid. p. 19 e 151.

<sup>107</sup> cf. Ibid. p. 151.

Vimos que Pio XII tem sido historicamente avaliado menos por suas ações como pastor universal da Igreja que por suas posições frente à Shoah, a tragédia que exterminou seis de milhões de judeus. Seguindo a cronologia da Guerra nos atemos ao registro de alguns de seus fatos e momentos mais significativos. Assinalamos a história e o desenvolvimento do antijudaísmo e sua incidência entre os fatores originantes do antissemitismo que viria a se manifestar tragicamente com o extermínio de milhões de judeus pelos nazistas.

Consideramos as armas diplomáticas potencializadas pela força moral de Pio XII e suas ações em socorro das vítimas, em grande maioria constituída por católicos não-arianos. Em seguida ativemo-nos às vítimas que ocuparam a atenção de Pio XII e finalizamos considerando a chamada ação brasileira (*Brasilienaktion*), através da qual o papa obteve a concessão de 3.000 vistos destinados a católicos não-arianos. Contudo, dada a má disposição para com os judeus manifesta pelos diplomatas brasileiros, menos de um terço da quota prometida beneficiaria efetivamente aqueles aos quais se destinava.

Procuramos enfim demonstrar, mediante consulta a fontes primárias e bibliografia citada, evidências documentadas que permitissem compreender as opções de Pio XII por um silêncio prudente, contrabalançado por ações de salvamento de vítimas.

O objetivo deste capítulo introdutório foi o de contextualizar as instâncias conexas abordadas ao longo de nosso trabalho. Nesta perspectiva consideramos o pontificado do papa Pio XII no período da Segunda Guerra Mundial e os seus posicionamentos frente aos episódios da sistemática aniquilação de judeus pelas forças nazistas.

A seguir, nos próximos capítulos, pretendemos avaliar as acusações e as defesas publicadas sobre as posições de Pio XII frente à perseguição e aniquilação de judeus no período imediatamente anterior e no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

## **Capítulo II – As acusações contra Pio XII**

O presente capítulo se divide em três partes, nas quais apresentamos as principais acusações publicadas contra Pio XII a respeito de suas posições frente aos acontecimentos da Shoah. As refutações às acusações apresentadas ocuparão o capítulo final de nossa dissertação.

Na primeira parte deste capítulo, “Origens das acusações publicadas sobre as posições de Pio XII frente à Shoah”, buscamos situar a origem destas acusações, especialmente potencializadas após a estreia da peça teatral *O Vigário*, de autoria do alemão Rolf Hochhuth – obra que marca o início da polêmica e é determinante para o seu curso posterior.

Na segunda parte, “John Cornwell e sua obra *O Papa de Hitler - A verdadeira história de Pio XII*”, enfocamos a primeira e uma das principais obras críticas provindas do meio acadêmico católico e que estimulou o surgimento de uma nova onda de críticas fundamentadas em fontes historiográficas, e um conseqüente afluxo de defesas tanto no âmbito do recurso às fontes quanto em uma perspectiva apologética.

E na parte final, “Outros autores críticos sobre a atuação de Pio XII nos episódios da Shoah”, elaboramos um levantamento de algumas das outras obras de maior relevo escritas por críticos de Pio XII e seu pontificado. Dado o necessário recorte da pesquisa, destacamos os autores James Carrol e Susan Zuccotti e registramos trabalhos de um pequeno mas representativo número de outros autores que ilustram a polêmica ainda em curso.

Antes de adentrarmos o conteúdo próprio deste capítulo, queremos ao menos esboçar algumas considerações sobre a situação política mundial vigentes durante o pontificado de Pio XII e que ajudam a explicar suas razões para silenciar palavras de condenação explícita, optando por ações diplomáticas e práticas em favor das vítimas da guerra.

O século XX foi o período da humanidade que os riscos de sua extinção foram reais e temidos, especialmente após a descoberta da fissão nuclear e a consequente fabricação da bomba atômica. E ao lado desta ameaça potencial que chegou a ser utilizada pelos americanos contra as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Guerra, um imenso arsenal bélico convencional também foi utilizado nas duas guerras mundiais do século XX.

Durante a Segunda Guerra ninguém duvidava que os beligerantes estivessem dispostos a usar força máxima de destruição – convencional ou atômica, se a obtivessem a tempo – contra qualquer inimigo. E ninguém tampouco acreditava que as palavras, por mais sábias e persuasivas que fossem, obteriam dos líderes totalitários qualquer atenção ou deferência. O que dizer então de reprimendas ou palavras de ameaça; a resposta mais óbvia seria a violência contra quem as proferiu e contra a sua gente.

Frente aos riscos de uma guerra de destruição total, só restavam as armas diplomáticas para tentar conter as catástrofes que se delineavam. Todos os líderes democráticos de então tinham plena consciência de tal exigência e o papa não era uma exceção. Apesar de se opor às políticas brutais de Hitler e Mussolini, Pio XII sabia que eles eram interlocutores necessários no interesse de preservar toda a civilização, e em especial os católicos alemães e italianos.

Ao pesquisar a História deste período, o historiador deve levar tudo isto em conta. O exame dos “silêncios” de Pio XII diante do genocídio nazista perpetrado contra os judeus não pode ser anacrônico. O risco de aniquilação foi real para católicos e não-católicos em quaisquer nações sujeitas aos totalitarismos vigentes naquele pontificado em tempos de guerra. Também é preciso reconhecer que os acontecimentos são prévios às mudanças eclesiológicas acenadas a partir do Concílio Vaticano II, entre as quais o resgate do valor da colegialidade episcopal que permitiria reduzir o isolamento do pontífice em suas funções.

## 1 – Origens das acusações publicadas sobre as posições de Pio XII frente à Shoah

Em todo o pontificado de Pio XII e até cinco anos após a sua morte, prevaleceram os elogios sobre a sua conduta na condução da Igreja Católica<sup>108</sup>. Contudo, apesar da maioria das críticas terem sido registradas postumamente, alguns questionamentos vieram à tona ainda durante o seu pontificado, ainda que sem a força daquelas controvérsias que surgiriam e ganhariam relevância a partir da década de 1960.

Um destes questionamentos precoces procede do filósofo católico Emmanuel Mounier, sobre o silêncio do papa frente à invasão da Albânia por Mussolini<sup>109</sup>. Outro membro da intelectualidade católica que lamentou o silêncio do pontífice sobre o sofrimento dos judeus foi o escritor François Mauriac. Ele o faz em seu comentário no prefácio que escreveu para um livro do escritor judeu Léon Poliakov<sup>110</sup>, embora o próprio autor na obra prefaciada aponte justificações para o alegado silêncio de Pio XII<sup>111</sup>.

Constata-se, também, que até o ano de 1963 proeminentes personalidades do mundo judaico haviam manifestado explicitamente seu reconhecimento pelas ações de Pio XII em defesa dos judeus perseguidos pelo regime nazista. Destacam-se a primeira ministra de Israel Golda Meir, o gran rabino Israel Zolli, o físico Albert Einstein, o ex primeiro ministro de Israel Moshe Sharrett e Pinchas Lapide, historiador e diplomata judeu, entre outros<sup>112</sup>.

<sup>108</sup> cf. TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o Papa dos Judeus...* p. 33.

<sup>109</sup> cf. BERTONE, Cardeal Tarcisio. Discurso na apresentação do livro “Pio XII, Eugênio Pacelli. Um homem no trono de Pedro”. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/card-bertone/2007/documents/rc\\_seg-st\\_20070605\\_pio-xii\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2007/documents/rc_seg-st_20070605_pio-xii_po.html)>. Acesso em 01/03/2013.

<sup>110</sup> POLIAKOV, Léon. *Bréviaire de la Haine*. Paris: Calmann-Lévi, 1951.

<sup>111</sup> cf. FONTANA, Maurício. Pio XII e a Comunidade Judaica: a verdade histórica. In: *Revista Ação Médica*. Ano LXXII, nº4, dez 2008, p.40. Disponível em <<http://csgois.web.interacesso.pt/revista/dezembro2008.pdf>>. Acesso em 04/03/2013.

<sup>112</sup> cf. COELHO, Antônio Carlos. Pio XII e os Judeus. In: *Visão Judaica online* – julho/2011. p. 21. Disponível em <[http://www.visaojudaica.com.br/Principal/edicoes\\_online/edicoesonline1.htm](http://www.visaojudaica.com.br/Principal/edicoes_online/edicoesonline1.htm)>. Acesso em 06/02/2013.

Mas este enredo começa a mudar no dia 20 de fevereiro do ano de 1963 com a estreia da peça teatral “O Vigário” de Rolf Hochhuth<sup>113</sup>. A apresentação dessa obra dramática como que acendeu um estopim que desencadearia a polêmica sobre a conduta de Pio XII diante dos episódios da Shoah, a aniquilação de seis milhões de judeus pelo regime nazista de Hitler.

Abordamos a seguir os principais aspectos que levaram à instauração desta polêmica, considerando traços biográficos do autor que a desencadeou, Rolf Hochhuth, bem como, propriamente, a sua obra dramática “O Vigário”.

### **1.1 - A instauração da polêmica**

O pós-guerra trouxe nova configuração à divisão de forças no mundo, com a formação de dois grandes blocos em regime de tensão constante. A *Guerra Fria* se estabelece entre estes dois blocos de regimes políticos distintos. De um lado os países democráticos ocidentais liderados pelos Estados Unidos, e de outro, a União Soviética e seus estados satélites<sup>114</sup>.

Este contexto que marca a ausência das forças totalitárias fascistas e nazistas derrotadas na guerra põe em maior evidência as críticas de Pio XII ao comunismo ateu e anticlerical, regime que saiu do conflito fortalecido e do qual ele sempre foi inimigo declarado. Ana Carletti, professora e doutora em História, radicada no Brasil, afirma: “Até os últimos anos, continuou sua campanha contra o comunismo, mantendo seu alinhamento com os EUA, seu aliado tradicional para com o qual, porém, Pio XII, mantinha certa desconfiança”<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> cf. PHILLIP, Bárbara. 1963: "O vigário" abala Alemanha e Vaticano. In: *DW-Deutsch Welle*. Notícias, Calendário Histórico. Disponível em <<http://www.dw.de/p/1rwc>>. Acesso em 05/02/2013.

<sup>114</sup> cf. FARAH, Saïd. Políticas de poder no plano internacional. In: *Dicionário parlamentar e político: o processo político e legislativo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis – Melhoramentos, 1996. p. 760.

<sup>115</sup> CARLETTI, Ana. *O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. p. 126.

Foi durante o período da Guerra Fria e pouco tempo após o término da primeira sessão do Concílio Vaticano II<sup>116</sup> que veio a lume a obra dramática *O Vigário*. O autor Rolf Hochhuth afirmou em entrevista a Patrícia Ellsberg que esta era sua primeira peça teatral. A ideia para o drama surgira sete anos antes, através de suas anotações sobre o caráter de Gerstein<sup>117</sup> e a intenção era utilizar tais subsídios mais tarde, para escrever uma breve história<sup>118</sup>.

Inicialmente Hochhuth não pensava em incluir a figura do papa em seu drama histórico. Ele pretendia apenas retratar as atitudes do Vaticano documentadas em um livro sobre a deportação de judeus de Roma<sup>119</sup>. Mas enquanto escrevia, o autor concluiu que o antagonista do padre Riccardo Fontana<sup>120</sup> não poderia ser ninguém menos que o papa, a mais alta autoridade moral e a única capaz de atender à sua demanda<sup>121</sup>.

Após sua estreia, *O Vigário* sofreu muitas reações de repúdio, mas também de apoio. Montada em muitas línguas e lugares diferentes, sua repercussão instigou o início de disputas entre historiadores, jornalistas, intelectuais católicos bem como protestantes e judeus, entre outros. O próprio papa Paulo VI tomou a iniciativa, em 1964, de “autorizar a publicação dos documentos da Santa Sé relativos à guerra”<sup>122</sup>. Ou seja, uma publicação antecipada de documentos dos arquivos secretos relativos ao período onde os fatos que pavimentam tais disputas aconteceram. E isto pode ser creditado como um dos efeitos da peça de Hochhuth.

<sup>116</sup> cf. MACHADO, Dom Adelmo. *Memória do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 19-20. [O Concílio foi convocado em 25/12/1961, e a primeira sessão se estendeu de 11/10 a 08/12/1962].

<sup>117</sup> Gerstein é personagem real apresentado na peça de Hochhuth. O texto de Hochhuth o apresenta como um engenheiro e médico cristão da Igreja Confessional infiltrado nos quadros da SS nazista, envolvido no processo de gaseamento das vítimas e que insiste em comunicar a Pio XII, a ocorrência dos assassinatos em massa de judeus nos campos de extermínio. [n. do a.]

<sup>118</sup> ELLSBERG, Patrícia Max. An Interview with Rolf Hochhuth. In DELLZEL, Charles F. (Ed). *The papacy and totalitarianism between the two world wars*. New York: John Willey & Sons, 1974. p. 110.

<sup>119</sup> Hochhuth não informa na entrevista o nome do autor e da obra, apenas afirma que foi publicada em 1958.

<sup>120</sup> O padre Ricardo é um personagem fictício que luta durante todo o drama de Hochhuth na tentativa de convencer o papa a reagir e denunciar publicamente os crimes nazistas. [n. do a.]

<sup>121</sup> cf. ELLSBERG, Patrícia Max. An Interview with Rolf Hochhuth... p. 110s.

<sup>122</sup> BLET, Pierre S. J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 12.



## 1.2 - O dramaturgo alemão Rolf Hochhuth e sua obra teatral *O Vigário*

Rolf Hochhuth nasceu em 01 de abril de 1931 em Eschwege, cidadezinha ao norte de Hesse<sup>123</sup>. Seu pai servira na Primeira e também na Segunda Guerra Mundial. Ainda nos tempos de escola, Hochhuth conheceu sua futura esposa, cuja mãe, uma vereadora social-democrata foi decapitada pelos nazistas e o pai morreu enquanto servia na Wehrmacht.

Os pais de Hochhuth se opunham ao nazismo mas mantiveram suas convicções em sigilo, e ele próprio teve que integrar os quadros da Juventude Hitlerista (*Deutsches Jungvolk*). No ano de 1943, estes grupos de jovens foram incumbidos de recolher panfletos lançados por aviões aliados, informando aos alemães sobre o extermínio dos judeus<sup>124</sup>.

Hochhuth foi profundamente influenciado pela divisão da Alemanha que se deu após o final da Segunda Guerra Mundial. Foi um duro golpe que o separou dos campos e bosques que conhecia em sua infância vivida na fronteira entre as duas Alemanhas – a linha divisória passava bem próximo de sua Eschwege<sup>125</sup>.

Após cursar, sem concluir, História e Filosofia nas Universidades de Heidelberg e Munique, trabalhou em um clube de livros e em uma edição de colecionador do caricaturista Wilhelm Busch, da qual procurou omitir imagens de judeus temendo que reforçassem velhos preconceitos<sup>126</sup>. Ao ter contato com escritos do julgamento de Nuremberg, notou um personagem que viria a tornar-se uma das figuras chave de sua obra dramática *O Vigário*<sup>127</sup>.

<sup>123</sup> cf. BIGSBY, Christopher. *Remembering and imagining the Holocaust: the chain of memory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 115.

<sup>124</sup> cf. HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário*. Tradução João Alves dos Santos. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1965. p. 296.

<sup>125</sup> cf. Rolf Hochhuth Biography. In: BookRags'. p. 4. Disponível em <<http://www.bookrags.com/biography/rolf-hochhuth-dlb/>> Acesso em 15/03/2013.

<sup>126</sup> cf. Ibid. p. 4. Também cf. BIGSBY, Christopher. *Remembering and imagining the Holocaust...* p. 116-7.

<sup>127</sup> cf. STONE, Judy. Interview with Rolf Hochhuth. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy*. New York: Grove Press, 1964. p. 48. [Gerstein é o personagem que chamou a atenção de Hochhuth].

A vida do dramaturgo Rolf Hochhuth pode ser dividida em duas partes e o marco desta divisão acontece quando ele, aos 31 anos de idade, lança o seu livro simultaneamente à estreia da peça homônima *O Vigário (Der Stellvertreter* – em alemão). Até ali ele tivera uma vida provinciana trabalhando na Alemanha Ocidental, mas desde então experimentou uma guinada em direção à fama, tornando-se alvo de controversas acusações e elogios que foram cotejados nos mais elegantes salões de Londres, Paris e Berlim <sup>128</sup>.

A obra inaugural de sua carreira literária foi também a de maior repercussão. Mesmo após as agitadas consequências de sua peça *O Vigário*, seu veio polemista não se extinguiu no primeiro ato dramático literário e Hochhuth voltou a suscitar controvérsias com novas obras. Em 1967 escreveu *Soldaten (Soldado)*<sup>129</sup>, na qual lança fortes críticas à imagem de Churchill, de forma semelhante às que havia dirigido contra o papa Pio XII na sua peça *O Vigário*.

Sua próxima obra dramática seria *Guerrillas*, de 1970. Depois produziu as obras *Die Rebamme (A parteira)*, *Lysistrate und die NATO (Lisístrate e a NATO)*, e o monólogo *Tod eines Jägers (A morte de um caçador)*. A peça seguinte, *Juristen (Advogados)*, de 1980, merece destaque pois com ela o autor retoma a fórmula das duas primeiras peças. *Juristen* é a sua obra mais consistente e com a melhor chance de permanecer como um registro autêntico da sua época, apesar de certas passagens cômicas irrelevantes que compõem seu enredo<sup>130</sup>.

Mas a sua obra de maior impacto continuou sendo *O Vigário*. Em termos de qualidade literária não foi a sua melhor criação, mas é certamente a que maior controvérsia causou. E também pode ser objetivamente situada na origem das polêmicas sobre Pio XII quanto ao tratamento omissivo ou indiferente que teria dispensado aos judeus, vítimas da Shoah.

---

<sup>128</sup> cf. OLSEN, Arthur. An Interview with Rolf Hochhuth. In: *The New York Times*. Published: March 1, 1964. Disponível em: <<http://select.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F10C13FD385B1B728DDDA80894DB405B848AF1D3>>. Acesso em 06/03/2013.

<sup>129</sup> cf. Rolf Hochhuth Biography. In: BookRags!... p. 5.

<sup>130</sup> cf. *ibid.* p. 11-12.

### 1.3 - A obra teatral de Rolf Hochhuth, *O Vigário*

Em 1963 a Rowohlt Verlag publicou a obra *Der Stellvertreter*. Traduzida para o português por João Alves dos Santos, foi publicada em 1965 pela Editorial Grijalbo com o título *O Vigário*. A obra é dedicada, *in memoriam*, a dois clérigos católicos, Maximilian Kolbe e Monsenhor Bernhard Lichtenberg, reitor da Catedral de St. Hedwig, Berlim. O padre Kolbe ofereceu-se para tomar o lugar de um pai de família que era um dos dez prisioneiros a serem executados como castigo pela fuga de outro preso de Auschwitz<sup>131</sup>.

O outro homenageado, Monsenhor Bernhard Lichtenberg, foi agraciado com o título de *justo entre as nações* no memorial do *Yad Vashem* por ter publicamente, instado sua congregação ao amor ao próximo, defendendo e rezando pelos judeus. Por isto ele “foi denunciado à Gestapo, preso e sentenciado a dois anos de prisão. Foi mandado para Dachau, mas, nas palavras do comunicado oficial, 'morreu no caminho’”<sup>132</sup>.

O texto original em alemão foi escrito por Hochhuth em versos brancos – que respeitam a métrica mas não são rimados, um recurso do autor para evitar um discurso retórico<sup>133</sup>. A peça, também publicada em livro com título homônimo, se compõe de cinco atos. Mas Piscator foi obrigado a fazer vários cortes para poder representá-la, pois se todo o texto do livro fosse encenado na íntegra, a peça teria uma duração tão longa que a tornaria praticamente inviável como espetáculo<sup>134</sup>.

<sup>131</sup> cf. STONE, Elaine Murray. *Maximilian Kolbe: saint of Auschwitz*. New Jersey: Paulist Press, 1997. p. xii [Testemunho do ex-prisioneiro nº 339 de Auschwitz, Ted Wojtkowski, registrado no prefácio do livro].

<sup>132</sup> GILBERT, Martin. *A Noite de Cristal: a primeira explosão do ódio nazista contra os judeus*. Tradução Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 262.

<sup>133</sup> cf. Ibid. p. 11.

<sup>134</sup> cf. TAUB, Michel. Hochhuth, Rolf (1931- ). In: PATTERSON, David; BERGER, Alan L.; CARGAS, Sarita (Ed). *Encyclopedia of Holocaust Literature*. Westport, CT: Oryx Press, 2002. p. 72-73. [Quanto à duração excessivamente longa da peça, 8 ou 9 horas se respeitado o texto original, conferir também BIGSBY, Christopher. *Remembering and imagining the Holocaust...* p. 117].

Para nossa análise consideramos necessário destacar que a obra de Hochhuth se trata de arte dramática e não um relato histórico dos acontecimentos. Com ou sem a pretensão do autor, contudo, prevaleceram os aspectos de historicidade da peça contagiando o julgamento da realidade sobre Pio XII e solapando a boa fama que em geral este gozava até então.

As críticas à obra de Hochhuth quando positivas consideram o seu trabalho artístico como drama histórico, já os que refutam sua criação identificam meias-verdades na mescla da ficção com a realidade. O fato é que as repercussões de sua peça teatral passaram a alimentar uma controvérsia que foi crescendo progressivamente em popularidade e também suscitou um renovado interesse da parte da imprensa e do mundo acadêmico.

Para uma melhor compreensão do nosso trabalho dissertativo consideramos importante elaborar uma descrição sucinta da peça teatral de Rolf Hochhuth. O primeiro ato apresenta os personagens do padre Riccardo, Gerstein e o núncio apostólico. O padre Riccardo é um mártir na trama e “sua intervenção em favor dos perseguidos e seu martírio pela Igreja, constituem adaptações livres dos atos e tendências de Monsenhor Bernard Lichtemberg [...] que orava publicamente pelos judeus”<sup>135</sup>. Gerstein aborda o Núncio, denuncia o genocídio dos judeus e insiste que o Vaticano seja notificado.

O segundo ato se passa na casa dos Fontana, e tem por trilha sonora o repicar dos sinos do Vaticano. Pai e filho divergem abertamente a respeito do silêncio do papa sobre o genocídio dos judeus. A discussão chega ao ponto da mais grave acusação contra o papa ser proferida por Riccardo. “Um vigário de Cristo que assiste a tamanho horrores e se mantém em silêncio por razões de Estado [...] que adia por uma hora o erguer a voz do seu sofrimento numa maldição que faça tremer o último homem da terra... tal Papa é... um criminoso”<sup>136</sup>.

---

<sup>135</sup> HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário...* p. 24.

<sup>136</sup> *Ibid.* p. 101.

O terceiro ato mostra o aprisionamento da família de judeus, os Luccani, entre os grupos fadados ao extermínio. A família morava na “movimentada Via di Porta Angelica. Esta rua começa na Praça de São Pedro, na colunata de Bernini, e vai até a Piazza del Risorgimento, fechada, do lado esquerdo, pelo alto muro da Cidade do Vaticano”<sup>137</sup>. O autor enfatiza o endereço, localizado praticamente sob as janelas do Vaticano.

Gerstein, diante das notícias das prisões de judeus, sugere que o papa reagisse com a revogação da Concordata com a Alemanha e depois, que o Abade tomasse os microfones da Rádio Vaticano para ordenar em nome do papa que todos os sacerdotes da Europa “conclamem as suas paróquias, de Narvik à Sicília, a salvar os judeus...”<sup>138</sup>. Riccardo sugere a simulação do assassinato do papa e o anúncio pelo rádio que ele morrera por pretender salvar os judeus. Todos acusariam Hitler e ninguém acreditaria em qualquer desmentido “antes que os crematórios de Auschwitz tivessem sido extintos...”<sup>139</sup>.

O fecho do terceiro ato revela um anticlímax proposital. Aparece o Abade – supostamente para protestar em nome do papa contra o aprisionamento de judeus em Roma. Mas ele somente apela em favor do jovem Tagliaferro que havia sido preso em Milão.

O quarto ato é central para os propósitos da peça, destacando a omissão e a ausência da solidariedade do papa para com os judeus. Ele rejeita fazer um protesto frontal, alegando que assim evitaria males maiores às vítimas, mas ao fim da cena decide redigir um tímido protesto. Com isto Hochhuth o incrimina por omissão de socorro às centenas de milhares de famílias europeias que foram “a caminho das câmaras de gás abandonadas por todos, abandonadas até mesmo pelo Vigário de Cristo. Foi assim na Europa, de 1941 a 1944”<sup>140</sup>.

---

<sup>137</sup> HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário...* p. 120.

<sup>138</sup> Ibid. p. 148.

<sup>139</sup> Ibid. p. 154.

<sup>140</sup> Ibid. p. 195.

O último ato mostra o encontro entre o Doutor e o impotente Riccardo, em Auschwitz. Gerstein, que montara uma farsa para libertar Riccardo, aguarda para conduzi-lo a Roma. Mas a trama é descoberta e um desenlace trágico se dá com as mortes de Riccardo, Jacobson e Carlotta. Ao final um locutor reproduz palavras do embaixador da Alemanha na Santa Sé, Weizsaecker, dando o episódio da deportação dos judeus de Roma como solucionado<sup>141</sup>.

Com a leitura desta nota escrita em 28 de outubro de 1943, Hochhuth quer demonstrar que o silêncio do papa quanto à deportação dos judeus permitiu que os nazistas continuassem a matança pelo período de mais um ano completo, até a destruição das câmaras de gás.

A versão em português da obra de Hochhuth agrega um Apêndice Histórico com 75 páginas onde ele apresenta algumas das suas fontes, ilustradas com fartos comentários analíticos que ocupam a maior parte destas páginas. Contudo afirma que, “como peça teatral a obra dispensa qualquer comentário”<sup>142</sup>.

Em suas notas, Hochhuth justifica certa liberdade poética na expressão desta sua versão da história. “A verdade foi sempre repetida [...] Visto que nem o Vaticano nem o Kremlin permitem consulta livre aos seus arquivos, o historiador não poderá, em futuro previsível, interpretar os acontecimentos sem omissões”<sup>143</sup>.

E o autor atribui um poderio irreal ao papa. “Talvez não haja outra época da História em que tantos seres humanos pagassem com a vida a passividade de um único estadista”<sup>144</sup>. E ainda, “o Papa fala na obra, como sempre o fez na vida real, duas línguas completamente diversas. Em certo momento, é o político objetivo e calculista dentro do círculo dos íntimos, depois, fala 'oficialmente' ao ditar o artigo para o *Osservatore Romano*”<sup>145</sup>.

---

<sup>141</sup> cf. HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário...* p. 263.

<sup>142</sup> Ibid. p. 264.

<sup>143</sup> cf. Ibid. p. 264-5.

<sup>144</sup> Ibid. p. 282.

<sup>145</sup> Ibid. p. 335.

Sobre a cena em que descreve a redação do protesto do papa, Hochhuth parece estar consciente de que “sem dúvida, pode-se alegar contra o autor que, em presença de Sua Santidade, seria impossível uma cena de semelhante violência. Isso não prova, bem entendido, nada contra a peça teatral; em todo caso iria contra a realidade histórica”<sup>146</sup>. Ao final, já à guisa de um juízo conclusivo sobre a figura de Pio XII, Hochhuth comenta:

Se, nesta peça, o seu silêncio parece fruto de uma renúncia calculada, que lhe impusessem dolorosamente, a verdade histórica é, infelizmente, muito menos bela. Não deve ter perturbado tão profundamente ao Papa a longa perseguição dos inermes habitantes da Europa. Bastam os seus discursos – dos quais brindou ao mundo vinte e dois volumes – para ver as trivialidades que o preocupavam na época<sup>147</sup>.

Não há dúvida que a arte de Rolf Hochhuth obteve reconhecimento e abriu uma perspectiva frutuosa para a sua carreira dramático literária. Até mesmo um dos mais renomados diretores cinematográficos, o grego Konstantinos Gavras (Costa-Gravas) se interessou em adaptar o drama hochhuthiano e, em 2002, utilizou seu enredo no filme *Amen*. A principal diferença entre a representação da obra de Hochhuth no teatro e no cinema, além do título, foi que na tela o foco central coube à figura de Gerstein, ao invés de Pio XII<sup>148</sup>.

A relevância de seu drama de fundo histórico é incontestável. Algo que pode ser medida pelo fato de que Hochhuth e sua obra *O Vigário* são sistematicamente citados tanto por acusadores quanto por defensores de Pio XII, ao se referirem aos posicionamentos do papa diante da catástrofe que vitimou os judeus na Segunda Guerra Mundial. Isto vale para artigos em revistas e jornais, além de livros, dissertações e teses.

<sup>146</sup> HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário*... p. 336-337.

<sup>147</sup> Ibid. p.338.

<sup>148</sup> VON TRAUB, Rainer. Gottes Spion in der Hölle. In: *Der Spiegel* nº 16/2001. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-18975450.html>>. Acesso em 19/06/2013.

Em junho de 2013, já quase ao final deste nosso presente trabalho dissertativo, foi publicado um livro no mercado norte americano de autoria do controvertido espião desertor dos serviços de inteligência romena o general Ion Mihai Pacepa, tendo por co-autor Ronald Rychlak, advogado e autor especialista em assuntos sobre Pio XII e seu pontificado.

O livro, intitulado *Disinformation*<sup>149</sup> (Desinformação) trata das campanhas criadas pela KGB russa e congêneres do leste europeu, através de técnicas de desinformação, destinadas a construir imagens positivas de certas figuras proeminentes do universo político, bem como difamar e destruir a imagem positiva de outras. No primeiro caso encontramos exemplos como Arafat e Che Guevara; e no segundo, Stalin – que prova do próprio veneno, – e Pio XII.

O livro, entre outros assuntos, dedica nada menos que oito de seus vinte capítulos para tratar da obra *O Vigário* e seu autor Rolf Hochhuth. O autor relata que a KGB planejou uma ação de espionagem denominada *Seat 12* (trono 12), uma referência a Pio XII, ocupante do trono dos apóstolos. Infiltrou nos Arquivos do Vaticano três padres romenos cooptados como agentes da DIE (congêneres romenos da KGB) que fotografaram uma série de documentos dos arquivos – documentos não incriminadores – mas que seriam usados pela KGB para dar uma fachada de credibilidade à sua campanha de desinformação contra o papa Pio XII.

Segundo os autores do livro *Disinformation*, embora não seja possível identificar as fontes de Hochhuth como documentos diretamente relacionados a esta operação *Seat 12*, eles afirmam que o padrão da documentação utilizada como fonte e relacionadas no “Apêndice Histórico” do livro de Hochhuth corresponde ao padrão utilizado pela KGB e congêneres. Com ou sem o eventual patrocínio da KGB, a peça teatral serviu como luva para os objetivos da propaganda comunista em denegrir a imagem de Pio XII no período da Guerra Fria<sup>150</sup>.

---

<sup>149</sup> PACEPA, Ion Mihai and RYCHLAK, Ronald J. *Disinformation*. Washington, DC: WND Books, 2013.

<sup>150</sup> cf. VIAN, Giovanni Maria (org). *In difesa di Pio XII: le ragioni della storia*. Venezia: Marsilio, 2009. p. 9.



O apêndice histórico de Hochhuth apresenta muitas fontes secundárias e poucas primárias. O autor, ao referir-se ao caráter de Gerstein como confiável a partir de depoimentos favoráveis a ele, depreende daí que sua coragem e habilidade “tornam plausível que ele pudesse chegar até Monsenhor Orsenigo em pessoa, quando quis comunicar ao Núncio, pormenores sobre o campo de Treblinka”<sup>151</sup>. Não se trata de uma evidência, mas um palpite.

Como evidências de que a peça tenha sido adotada pela propaganda comunista, Pacepa apresenta o fato de os principais diretores serem comunistas ou serem simpatizantes. O primeiro produtor que levou a peça ao palco, Erwin Piscator, foi um notório membro do partido comunista. A tradução para o francês foi feita pelo famoso comunista Jorge Semprun, e o produtor americano foi o também comunista Herman Shumlin. E muitos dos comentaristas que promoveram a peça de Hochhuth eram comunistas ou simpatizantes<sup>152</sup>.

Paralelamente a tais interesses nem sempre transparentes, também o universo acadêmico teve seu interesse despertado pelo tema polêmico do pontificado de Pio XII e suas posições sobre a Shoah – a grande tragédia humana e judaica do século XX. Diversas obras viriam a ser publicadas a partir de pesquisas documentais e acadêmicas, como teremos oportunidade de apresentar na sequência desta nossa própria pesquisa.

E a primeira obra de maior relevo – a partir de pesquisas acadêmicas – foi escrita pelo católico liberal John Cornwell, um jornalista, professor e pesquisador no *Jesus College* da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Foge ao escopo de nossa pesquisa um estudo sobre as correntes do catolicismo, mas aqui é importante salientar que o liberalismo católico que Cornwell representa, defende liberdades como as de religião, de costumes e de expressão – em oposição às correntes conservadoras do meio eclesiástico avessas a tais liberalizações.

---

<sup>151</sup> HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário...* p. 270.

<sup>152</sup> cf. PACEPA, Ion Mihai and RYCHLAK, Ronald J. *Disinformation*. [estas informações são apresentadas no capítulo 20 do livro referido, a partir da p. 134].

## 2 – John Cornwell e sua obra *O Papa de Hitler* – a história secreta de Pio XII

Se existe consenso sobre a importância da peça teatral de Rolf Hochhuth na origem das disputas sobre Pio XII, igualmente não se pode negar a relevância polêmica da obra de John Cornwell, *O Papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*. Hochhuth condenou Pio XII basicamente pelos seus silêncios, mas Cornwell acrescenta novas acusações: o antissemitismo e uma simpatia pelo nazismo, além de apontar numerosas outras vicissitudes.

Parece que o “choque moral” que o autor alega ter sofrido em consequência de suas pesquisas provocaram em todo o seu livro muitas expressões adjetivas condenatórias e mesmo pejorativas quando expressam juízos sobre Pio XII. Triunfalista, patético, narcisista, vaidoso, egocêntrico, irresponsável, imprudente, ambicioso, racista, autocrata centralizador, cúmplice com as forças sinistras, traidor das associações políticas católicas, E, mais, conluio com a tirania e a violência, discursos ambíguos e evasivos, precário conhecimento da história e do cristianismo social.

Cornwell ainda acusa Pacelli de engavetar a *Encíclica perdida* de Pio XI que condenaria o racismo e o antissemitismo. E o autor, sucumbindo ao exagero, pretendeu demonstrar a influência de Pacelli na eclosão das duas guerras mundiais. Para ele, Pio XII foi, em síntese, o papa ideal para os planos de Hitler, ou, como no título do livro, o papa de Hitler.

*O Papa de Hitler* não é considerada a melhor obra de Cornwell e nem a melhor no conjunto das obras críticas a Pio XII<sup>153</sup>. Mas é da maior importância para a revitalização da polêmica, após sua publicação em 1999<sup>154</sup>. E esta foi a razão pela qual a escolhemos nesta pesquisa como a principal obra entre as várias que levantam acusações ao papa Pio XII.

---

<sup>153</sup> cf. The Papacy: For God's Sake. In: *The Economist*. Ed. Dec 9th 2004. Disponível em <<http://www.economist.com/node/3471137>> Acesso em 05/04/2013.

<sup>154</sup> cf. LILL, Rudolf. *Il potere dei papi: dall'età moderna a oggi*. Bari: Editori Laterza, 2010. p. 156.

Outro destaque é o uso de documentos dos Arquivos Secretos do Vaticano dentre as principais fontes, embora não inéditos, como chegou a afirmar o autor<sup>155</sup>. Igualmente relevante é seu vínculo com uma instituição universitária católica, a sua própria identificação como católico e, ainda, a publicação de várias de suas obras sobre pontificados recentes. Suas opiniões costumam ser levadas em conta tanto pelos simpatizantes quanto por seus opositores.

Tais razões certamente tiveram grande peso para que a publicação de seu livro gozasse notável repercussão após o seu lançamento em 1999. Um dos pressupostos relevantes para a pesquisa histórica se relaciona ao lugar do historiador, ou seja, de onde ele fala. Segundo Gomes, “a relação do historiador com o seu objeto de estudo não é neutra, seja este objeto religioso ou não. Todo historiador fala a partir de um lugar social e de um lugar epistêmico”<sup>156</sup>.

Todas estas circunstâncias consideradas, reputamos relevante uma exposição de aspectos biográficos do autor, destacando sua formação católica e acadêmica, sua tendência liberal e sua experiência, nos tempos de estudante, com a realidade da formação seminarística.

## **2.1 - John Cornwell, autor inglês e ex-seminarista**

John Cornwell nasceu meses após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, no início do verão de 1940, ao som de uma sirene de alerta que simulava um ataque aéreo sobre Londres. Seu pai abandonou o lar deixando sua mãe Kathleen e os cinco filhos – um dos quais o próprio John, quando este ainda era adolescente<sup>157</sup>.

<sup>155</sup> cf. CORNWELL, John. *O papa de Hitler...* p. 10.

<sup>156</sup> GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história, In LIMA, Lana Lage da Gama et al. (Orgs). *História & religião*. Rio de Janeiro, Faperj/Anpuh/Mauad, 2002. p. 21.

<sup>157</sup> cf. CORNWELL, John. *Seminary boy*. New York: Doubleday, 2006. p. 3; 10.

Cornwell revela que sua mãe era uma imigrante irlandesa de família pobre e que seu pai aceitara ser batizado como católico por uma questão de conveniência. Ele “recebeu instrução para tornar-se católico e foi batizado para satisfazer a virtual proibição de casamentos mistos, mas jamais frequentou a igreja”<sup>158</sup>.

O autor relata ter passado pelo trauma de um abuso sexual quanto tinha nove anos de idade – e encontra conforto nos ritos sagrados, sobretudo na Eucaristia e na devoção à Virgem Maria, tornando-se “um frequentador diário da missa”<sup>159</sup>. E aos treze anos, apoiado pelo Cônego Cooney, Cornwell foi admitido no seminário menor para a diocese de Birmingham, em vista de ordenar-se padre<sup>160</sup>. Permaneceu até concluir o curso de filosofia quando desistiu do seminário para ingressar na Universidade de Oxford, onde cursou literatura inglesa.

“Depois de Oxford, passei para Cambridge como aluno de pós-graduação. No que se referia à Igreja, eu vivia em pecado, e ressentia-me das persistentes vozes da consciência. Deixara de ir à missa porque só me fazia sentir mais culpado”<sup>161</sup>. Abrigando duas cosmovisões inconciliáveis e sob o estresse de exigências perturbadoras à sua consciência, não resiste à pressão interna e decide abandonar o catolicismo.

Foi uma decisão simples, que trouxe alívio imediato. Não houve dores nem exames de consciência; eu decidira não olhar para trás. A transição para o agnosticismo foi indolor, sem culpa e imediatamente compensadora. Eu podia seguir com minha vida não estorvado por escrúpulos de consciência e intelecto. Seriam necessários mais vinte anos para eu retornar à fé dos meus pais<sup>162</sup>.

---

<sup>158</sup> CORNWELL, John. *Quebra da fé: o papa, o povo e o destino do catolicismo*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002. p. 75.

<sup>159</sup> Ibid. p. 79.

<sup>160</sup> cf. Ibid. p. 79.

<sup>161</sup> Ibid. p. 84.

<sup>162</sup> Ibid. p. 85; 87.

Cornwell também relata que nos vinte e poucos anos em que permaneceu afastado da Igreja iniciara a sua carreira, no princípio acadêmica em filosofia e literatura, mas abraçou posteriormente o ramo administrativo ligado ao jornalismo empresarial. Sua volta para a fé se deu através de um renitente sonho religioso na meia idade e que lhe pareceu concretizar-se quando se deparou casualmente com um lugar e situação equivalentes às do sonho. O fato despertou sua curiosidade sobre a psicologia dos sonhos e o fez pesquisar o assunto em livros e peregrinar por lugares místicos, começando pelo santuário mariano de Medjugorje<sup>163</sup>.

Cornwell que afirma não ser historiador mas jornalista interessado em história e na filosofia da ciência, também se interessa pelo extraordinário e macabro, e é aficionado por crimes hediondos e contos sobre possessão demoníaca<sup>164</sup>. Na época em que estava prestes a se reintegrar na Igreja, esteve interessado em fatos sobre exorcismos e possessão diabólica.

Cornwell é autor de duas dezenas de livros, e dentre os de maior relevo encontramos *A Thief in the Night* (Um ladrão na noite), publicado em 1989. Neste livro ele investiga a acusação de que o Papa João Paulo I fora assassinado no Vaticano, tese que descarta conclusivamente e que havia “sido motivo de consternação para o Vaticano, durante anos”<sup>165</sup>.

Destacam-se também *The Pontif in Winter: triumph and conflict in the reign of John Paul II* (O Pontífice no Inverno: triunfo e conflito no reino de João Paulo II), publicado em 2004; *Hitler's Scientists: science, war, and the devil's pact* (Cientistas de Hitler: ciência, guerra e o pacto com o demônio), também publicado em 2004; *Newman's Unquiet Grave: the reluctant saint* (Inquieto túmulo de Newman: o santo relutante), publicado em 2011.

<sup>163</sup> cf. CORNWELL, John. *Quebra da fé...* p. 91.

<sup>164</sup> cf. STEINFELS, Peter. Beliefs; In a new book, a British journalist joins the contentious debate concerning the relationship between Pope Pius XII and Nazi Germany. In: *The New York Times*. Published: October 2, 1967. Disponível em <<http://www.nytimes.com/1999/10/02/us/beliefs-new-book-british-journalist-joins-contentious-debate-concerning.html>>. Acesso em 28/03/2013.

<sup>165</sup> CORNWELL, John. *Quebra da fé...* p. 15.

E nesta pesquisa também consultamos duas de suas obras com acento autobiográfico, *Quebra da fé: o Papa, o povo e o destino do catolicismo*, publicada em 2001. E também, *O Rapaz do Seminário*, publicada em 2007, sobre a sua infância e juventude. Mas o livro que lhe deu a maior projeção internacional como autor é mesmo *Hitler's Pope*, traduzido para o português como *O Papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*.

## 2.2 - O livro *O Papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*

O livro foi publicado em 1999, com o título de *Hitler's Pope – The Secret History of Pius XII* pela *Penguin Books*. No Brasil foi traduzido para o português por A. B. Pinheiro e publicado pela Imago Editora no ano 2000 como *O Papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*. E é esta edição traduzida que utilizamos em nossa pesquisa.

Cornwell afirma ter pesquisado um período abrangente da vida de Pacelli, consultando os depoimentos do processo de beatificação, o Arquivo Secreto do Vaticano e uma variedade de material relacionado às atividades de Pacelli na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930.

Em meados de 1997, quase ao final de minha pesquisa, descobri-me num estado que só pode ser descrito como choque moral. O material que eu recolhera, assumindo a mais ampla visão da vida de Pacelli, não servia para inocentá-lo; em vez disso, consolidava as acusações<sup>166</sup>.

E assumindo um tal juízo negativo sobre Pio XII, que o resultado de suas pesquisas teria corroborado ao invés de isentar da culpa conforme o declarado objetivo inicial de seus estudos, Cornwell profere a sua sentença nas considerações do prefácio do livro.

---

<sup>166</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 10.

Eugênio Pacelli não foi nenhum monstro; seu caso é mais complexo do que isso, mais trágico. Sua história baseia-se numa combinação fatal de elevadas aspirações espirituais em conflito com uma ambição desmedida pelo poder e controle. Sua vida não é um retrato do mal, mas de uma fatal dissociação moral – uma separação da autoridade e do amor cristão. As consequências dessa ruptura foram o conluio com a tirania e, em última análise, a violência<sup>167</sup>.

Como já o fizemos anteriormente descrevendo a obra de Hochhuth, consideramos igualmente importante descrever, ainda que sinteticamente, a contextualização e os principais argumentos de acusação do livro, *O Papa de Hitler*. O período histórico abrangido por Cornwell se inicia com o mais longo pontificado da história, o de Pio IX (1846-1878). Este papa convocou o Concílio Vaticano I que proclamou o dogma da infalibilidade papal e também, em 1870, com a perda do poder temporal da Igreja, unilateralmente optou por recluir-se no interior dos muros vaticanos, até o final de sua vida.

Este período coincide com a consolidação da influência dos Pacelli junto aos papas, tese enfatizada pelo autor. Após a interrupção do Concílio Vaticano I, a Igreja se tornou alvo do secularismo e anticlericalismo reinantes. Os governantes da modernidade acirravam suas posições e eram confrontados pelo papa. Um retrato da oposição radical entre as forças anticlericais e Pio IX se deu postumamente a este.

Depois da morte de Pio Nono, a 7 de fevereiro de 1878, seu cadáver foi levado do túmulo provisório na Basílica de São Pedro para uma tumba permanente em São Lourenço. Quando o cortejo se aproximava do Tibre, um bando de romanos anticlericais ameaçou jogar o caixão no rio. Só a chegada de um contingente da milícia salvou o corpo de Pio Nono do insulto final<sup>168</sup>.

---

<sup>167</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 10-11.

<sup>168</sup> Ibid. p. 27.

É nesse conturbado período de tensão entre a Igreja e os Estados que Eugênio Pacelli nasce em Roma, em 02 de março de 1876. Vivendo uma infância e juventude em piedosa normalidade, a vocação religiosa não causa surpresa aos seus familiares e conhecidos. Em 2 de abril de 1899 foi ordenado sacerdote, mas prossegue em seus estudos e depois de obter um doutorado, ainda estuda direito canônico<sup>169</sup>.

O pontificado seguinte é ocupado pela figura autoritária de Leão XIII (1878-1903) que, na visão de Cornwell, a despeito de toda a sua compaixão social, encorajava o culto à própria personalidade. Nessa corte é que vai se revelar o potencial de Pacelli “para desempenhar um papel relevante numa administração em transição para a apoteose do poder papal moderno”<sup>170</sup>.

Leão XIII é sucedido por Pio X (1903-1914) que tinha “a aura de um pastor devoto e dedicado, mas desconfiava das coisas intelectuais e modernas”<sup>171</sup>. Essa predisposição do papa contra a modernidade contribuiria para fomentar a campanha contra o modernismo, e o autor se pergunta o quanto isto teria influenciado ao jovem padre Eugênio Pacelli.

No início do século XX, Pacelli colabora por 13 anos na elaboração do Código de Direito Canônico de 1917. Para Cornwell, o Código reforça a noção da suprema autoridade papal. A carreira diplomática de Pacelli se inicia e ele “se torna um especialista em relações exteriores do Vaticano”<sup>172</sup>. Representa a Santa Sé, negociando a Concordata Sérvia por 18 meses, uma concordata que “contribuiu para as reparações duras que o Império Austro-Húngaro exigiu da Sérvia, tornando a guerra inevitável”<sup>173</sup>. E Cornwell sugere uma perturbadora influência de Pacelli na eclosão da Primeira Guerra Mundial.

---

<sup>169</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 36.

<sup>170</sup> *Ibid.* p. 43.

<sup>171</sup> *Ibid.* p. 48.

<sup>172</sup> *Ibid.* p. 61.

<sup>173</sup> *Ibid.* p. 64.



O sucessor de Pio X é Bento XV (1914-1922), eleito em 3 de setembro de 1914, já iniciada a Primeira Guerra Mundial. Bento firma a posição de estrita neutralidade da Igreja<sup>174</sup>, posição mantida mais tarde por Pio XII. Em 13 de maio de 1917, Pacelli é consagrado para o episcopado, no mesmo dia da primeira aparição da Virgem Maria em Fátima. E em seguida foi designado para ocupar a importante função de núncio apostólico em Munique.

Enquanto núncio em Munique, Pacelli relata um incidente com os comunistas que haviam tomado o poder em abril de 1919. E Cornwell vê traços de antissemitismo na carta que o núncio enviou à Secretaria de Estado, reproduzindo o que o Monsenhor Schioppa lhe contara.

A confusão era total e caótica, a sujeira repugnante; soldados e operários armados entravam e saíam; o prédio, outrora a residência de um rei, ressoava com gritos, uma linguagem vil e profana. Um inferno absoluto. [...] No meio de tudo isto um bando de mulheres, de aparência duvidosa, judias, como todos ali, refestelava-se em todas as salas, com uma atitude devassa e sorrisos sugestivos<sup>175</sup>.

Depois Pacelli costura uma Concordata com o Reich Alemão, tomando ele a iniciativa e não Hitler, segundo sugere Cornwell<sup>176</sup>. Sua habilidade diplomática “pode ser percebida em todos os detalhes desses arranjos extraordinários”<sup>177</sup>. Mas Cornwell afirma que ele podia “ter conseguido uma Concordata do Reich no início da década de 1920 [...] uma década depois, o astuto Hitler viu a concordata como uma oportunidade para garantir o afastamento voluntário dos católicos da política, já que estava decidido a evitar essa confrontação”<sup>178</sup>.

---

<sup>174</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 74.

<sup>175</sup> *Ibid.* p. 89.

<sup>176</sup> cf. *Ibid.* p. 100-101.

<sup>177</sup> *Ibid.* p. 106.

<sup>178</sup> *Ibid.* p. 106.

A ocupação da Renânia gerou disputas entre a França e a Alemanha em relação ao emprego de soldados negros acusados de violentar mulheres e crianças alemãs, situação conhecida como a *Vergonha Negra*. Alguns bispos e leigos pediram a Pacelli que interviesse e este reportou a acusação a Gasparri, considerando que “a Santa Sé deveria usar sua influência para pressionar o governo francês a afastar sem demora esses soldados”<sup>179</sup>.

Para o autor, este fato demonstra preconceitos raciais de Pacelli e explica sua atitude quando, antecedendo à entrada dos aliados na capital italiana, “ele pediu ao embaixador britânico na Santa Sé que falasse ao *Foreign Office* para que não houvesse 'soldados pretos Aliados entre a pequena tropa que poderia ficar aquartelada em Roma depois da ocupação’”<sup>180</sup>.

Cornwell, por outro lado, elogia a excelência da diplomacia de Pacelli que, entretanto, é vista como prejudicial para o curso da história. Ignorando evidências em contrário que apontam consultas prévias aos bispos alemães, Cornwell prefere se apoiar nos juízos críticos de Scholder sobre a atuação de Pacelli na política de concordatas.

Ignorando os conselhos de outros bispos, ignorando as realidades sociais e políticas alemãs, tão obcecado em vencer na questão das escolas que menosprezou outras sérias implicações: uma mistura [...] de persistência e imprudência que o tornaria o parceiro de negociações mais apropriado do ponto de vista de Hitler dez anos depois<sup>181</sup>.

Bento XV é sucedido por Pio XI (1922-1939), um anticomunista, como Pacelli. Durante seu pontificado uma grande crise assola a economia alemã, com o colapso da moeda. Também no pontificado de Pio XI, Pacelli assina a Concordata Bávara em março de 1924.

---

<sup>179</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 109.

<sup>180</sup> *Ibid.* p. 110.

<sup>181</sup> *Ibid.* p. 113.

Já a Concordata com a Prússia só foi assinada cinco anos mais tarde, omissa quanto à questão das escolas e com uma regra complexa para a escolha dos bispos. O agravamento das crises, tornou inoportunas as tratativas de uma Concordata com o Reich<sup>182</sup>. A crise ganhou proporções mundiais, – e sua melhor representação foi o colapso da Bolsa de Nova York<sup>183</sup>. No final de 1929 o cardeal Gasparri se aposenta e Pacelli é escolhido como cardeal-secretário de Estado, o cargo mais poderoso na Igreja católica depois do papa<sup>184</sup>.

Os graves problemas de desemprego e da economia alemã levaram à queda de Brüning em maio de 1932, e à ascensão de Franz von Papen, do Partido do Centro Católico. Mas a crise persistiu e as estruturas democráticas alemãs se aproximavam perigosamente de uma ruptura. Os acontecimentos pavimentavam o caminho para um regime totalitário.

Após renunciar e assistir ao fracasso de seu sucessor, Schleicher, Papen fez tratativas com Hindenburg para escolher Hitler, imaginando manter o comando nos bastidores. Hitler se tornou chanceler e, para Cornwell, ele planejava um acordo com o Vaticano, semelhante ao Tratado de Latrão. Mas temia a rejeição de católicos e do Partido do Centro, do qual, contudo, esperava e obteve o apoio para aprovar a Lei de Exceções – algo que considerava essencial.

Com esta lei não dependeria do aval do Reichstag para legislar. “Também podia sem consultas celebrar tratados com governos estrangeiros (o primeiro dos quais seria seu tratado com Pacelli)”<sup>185</sup>. E em 1 de abril, já sob a nova Lei, “os nazistas iniciaram seu boicote às empresas de judeus. [...] Não houve qualquer palavra de protesto em decorrência desse início da perseguição sistemática e nacional dos judeus, nem na Alemanha nem em Roma”<sup>186</sup>. O Partido do Centro se dissolveu, e Cornwell responsabiliza Kaas e, ainda mais, Pacelli.

---

<sup>182</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 119.

<sup>183</sup> Ibid. p. 119.

<sup>184</sup> Ibid. p. 122.

<sup>185</sup> Ibid. p. 154.

<sup>186</sup> Ibid. p. 157.

Para superar o impasse não resolvido sobre as associações católicas, as partes decidiram incluir no texto da Concordata uma cláusula ajustando que “procurariam uma definição conjunta num futuro próximo. Como os acontecimentos viriam demonstrar, foi uma decisão de extraordinária irresponsabilidade de Pacelli”<sup>187</sup>, critica Cornwell. E a Concordata com a Alemanha foi finalmente assinada em 08 de julho de 1933.

Cornwell lamenta a submissão da Igreja à Concordata: “Uma grande Igreja, que poderia ter se tornado a base para uma oposição, tratou de se confinar à sacristia”<sup>188</sup>. A mencionada indefinição no texto da Concordata sobre quais associações católicas seriam amparadas causou tensões e desagrado a Pacelli e à hierarquia da Igreja na Alemanha. Com isto Pacelli designa 3 bispos para “fazerem a ligação entre a hierarquia e o governo do Reich”<sup>189</sup>, mas veta o acordo que sugeriram sobre as associações católicas.

A Concordata sofria violações constantes e uma comissão de 3 cardeais e dois bispos alemães dirigiram-se a Pio XI relatando o sofrimento enfrentado. A reação do papa veio através da encíclica *Mit Brennender Sorge* (Com Profunda Ansiedade), cuja redação teve grande participação do cardeal Pacelli.

Cornwell, coerente com sua linha crítica, elogia Pio XII mas arremata criticando-o, ao comentar a *Mit Brennender Sorge*: “embora Pacelli possa assumir grande parte do crédito pelo documento final e os complexos acertos para sua publicação na Alemanha, a encíclica chegou tarde demais e deixou de condenar expressamente os nacional-socialistas e Hitler”<sup>190</sup>. Contudo, inegavelmente a encíclica causou grande irritação em várias esferas do governo nazista.

---

<sup>187</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 169.

<sup>188</sup> Ibid. p. 175.

<sup>189</sup> Ibid. p. 183.

<sup>190</sup> Ibid. p. 200.

Quando faz referência ao drama da *Noite dos Cristais*, Cornwell critica Pacelli, a hierarquia alemã e o Vaticano pela falta de protestos claros. Mas anota que na sucessão dos relatos da perseguição nazista “Pio XI começou a assumir uma posição mais simpática, embora restrita, sobre a terrível situação dos judeus”<sup>191</sup>. E em seguida menciona a existência de uma Encíclica “Perdida”, encomendada por Pio XI, sobre o racismo e o antissemitismo – texto que Cornwell afirma ter sido engavetado por Pio XII.

A *Kulturkampf* de Bismarck, para Cornwell, se opunha e perseguia a Igreja católica mais intensamente que o nazismo às vésperas da Segunda Guerra. Contudo, a posterior centralização do poder papal prejudicou as bases da Igreja local alemã tornando a resistência ao nazismo praticamente nula. Para Cornwell, decididos protestos contra a *Kristallnacht* e a expansão do antissemitismo que estava na sua origem poderia ter alterado o trágico destino dos judeus na Alemanha nazista, bem como em toda a Europa sob seu domínio e influência.

Cornwell relata um retraimento de Pacelli, pelo final dos anos da década de 1930, deduzindo disso que ele se considerava destinado a assumir o papado. E após a morte de Pio XI em 10 de fevereiro de 1939, Pio XII é eleito. O autor minimiza as aclamações ao papa recém-eleito e dá mais ênfase às opiniões negativas sobre o seu temperamento considerado indeciso e hesitante pelo cardeal Tisserant; uma escolha indiferente para os nazistas em Berlim; o diplomata que tomou o lugar do estudioso para Wladimir d'Ormesson<sup>192</sup>.

O autor se questiona se a coroação de Pio XII não seria a apoteose do triunfalismo. Ele surgiu pela nave central, “o rosto ascético tão pálido quanto o pergaminho, os olhos enormes e fundos contemplando os fieis com uma expressão lúgubre, parecia para todos um demagogo na acepção antiga [...] na sédia gestatória [...] inclinado para a frente, o rosto rígido”<sup>193</sup>.

<sup>191</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 208.

<sup>192</sup> Ibid. p. 227-229.

<sup>193</sup> Ibid. p. 234.

Logo no início de seu pontificado, quando cresciam as probabilidades de guerra, o papa alertava aos beligerantes “Nada se perde com a paz. Tudo se perde com a guerra. [...] Que os homens recomecem a negociar”<sup>194</sup>. Mas os esforços de pacificação foram em vão. A Alemanha invadiu a Polônia no dia 1 de setembro de 1939 e, como reação, “em 3 de setembro, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha”<sup>195</sup>.

Cornwell critica o silêncio do papa sobre a invasão e, depois, pelo atraso da encíclica *Summi Pontificatus* que faz referências diretas à Polônia invadida, também reclama das ambiguidades do texto. Depois, o crítico da inação de Pio XII, condena sua temeridade ao envolver-se intermediando uma conspiração de membros das Forças Armadas alemãs para assassinar Hitler, colocando em risco a si próprio e todas as pessoas associadas ao Vaticano.

Informado da iminente invasão da Holanda e Bélgica, Pacelli alertou os núncios nas respectivas capitais, além de avisar também Londres e Paris. Berlim considerou o aviso aos núncios como um ato de espionagem e Mussolini se sentiu pressionado por um dilema “pois pareceu por um momento que ele entrara em conluio com Pacelli para permanecer fora da guerra”<sup>196</sup>.

Cornwell, que identifica influências de Pacelli na origem dos principais conflitos bélicos de seu tempo, também aponta sua influência no ingresso da Itália na Segunda Guerra. Neste caso, corroborando a opinião de Chadwick: “a 'imprudência' de Pacelli ajudou a tornar 'inevitável a entrada de Mussolini na guerra. [...] Mussolini não podia fazer outra coisa se não provar aos alemães que rejeitava totalmente o papa”<sup>197</sup>. Com isso, Pio XII não só perdeu qualquer influência sobre Mussolini, como se fez prisioneiro voluntário dentro do Vaticano.

---

<sup>194</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 261.

<sup>195</sup> Ibid. p. 263.

<sup>196</sup> Ibid. p. 274.

<sup>197</sup> Ibid. p. 274.

Cornwell descreve a brutalidade do regime croata sob a liderança de Ante Pavelic e seu grupo, o *Ustashe*. Responsáveis pelo extermínio étnico “contra dois milhões de cristãos ortodoxos sérvios e uma quantidade menor de judeus, ciganos e comunistas, entre 1941 e 1945”<sup>198</sup>. Também afirma sobre tais ocorridos na Croácia, que houve “o conhecimento das atrocidades pelo Vaticano, a omissão de Pacelli em usar sua influência para interferir e a cumplicidade que representou na Solução Final sendo planejada no Norte da Europa”<sup>199</sup>.

Os juízos do autor sobre a personalidade de Pacelli a quem afirma examinar “sem sentimentalismo, preconceito ou reverência indevida”<sup>200</sup> são bastante negativos. Afirma que Pacelli aspirava ser um grande papa e ampliar o poder pontifício na Igreja e no mundo. E que pretendia deixar sua marca nos estudos da Escritura e da reforma litúrgica, queria descobrir os despojos de São Pedro e, ainda, realizar algo grandioso para a Virgem Maria. Em sua devoção interiorizada, rejeitava a responsabilidade social e acentuava a ideologia do poder papal.

Notícias sobre o genocídio contra os judeus trazidas por clérigos, políticos e diplomatas pressionavam o papa para que se manifestasse com uma veemente condenação. Na mensagem do Natal de 1942 o papa, finalmente, faz a famosa declaração sobre as “*centenas de milhares de pessoas que, sem qualquer culpa pessoal, às vezes apenas por razão de sua nacionalidade ou raça, estão marcadas para a morte ou extinção gradativa*”<sup>201</sup>.

Mas para Cornwell esta “não era apenas uma declaração insignificante. O abismo entre a enormidade do extermínio do povo judeu e essa forma de palavras evasivas é chocante”<sup>202</sup>. E o autor procura explicar as razões da indiferença que atribui a Pio XII quanto ao destino dos judeus.

<sup>198</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 281-282

<sup>199</sup> Ibid. p. 282.

<sup>200</sup> Ibid. p. 302.

<sup>201</sup> Ibid. p. 328. (A citação se encontra em itálico no livro).

<sup>202</sup> Ibid. p. 328.

Pacelli encorajava, como todos os papas desde Pio IX, uma espiritualidade que enfatizava a alma sobre o corpo e a suprema importância da vida eterna a que essa alma estava inevitavelmente destinada. Seus sermões e discursos revelavam um precário conhecimento da História e do cristianismo social, uma indiferença à presença de Deus na comunidade, uma rejeição à mente aberta e respeito por outras culturas e fés. [...] A omissão em dizer uma palavra franca sobre a Solução Final em execução proclamava para o mundo que o vigário de Cristo não podia ser levado à compaixão e à raiva. Desse ponto de vista, ele era o papa ideal para o plano abominável de Hitler. Era um peão de Hitler. Era **o papa de Hitler**<sup>203</sup>.

Em 19 de julho de 1943 os aliados bombardearam Roma e o Papa compareceu ao local dos escombros para confortar os romanos, mas Mussolini não apareceu. A Itália se bandeou para os Aliados e foi invadida pela Alemanha em 11 de setembro. E em 16 de outubro de 1943, os alemães prenderam judeus do gueto de Roma para os deportar rumo a Auschwitz e Birkenau. Cinco dias depois 1060 dos deportados foram mortos em câmaras de gás.

Noticiado das prisões, Pio XII enviou o cardeal Maglione para protestar ao embaixador Weizsäcker. Após a prisão do primeiro grupo, as tratativas em nome de Pio XII suspenderiam as prisões em massa. Contudo, mais 1084 judeus ainda viriam a ser capturados individualmente, depois do dia 16 de outubro, e a maioria destes aprisionados não sobreviveu.

Enquanto Roma estava sob a ocupação das tropas de Hitler, surgiram rumores sobre a saída dos alemães, causando preocupações a Pacelli que desejava uma rápida ocupação dos Aliados para evitar desordens dos guerrilheiros comunistas. E um relato esboça acusações de racismo ao papa que “esperava que não houvesse soldados Aliados pretos na pequena quantidade de tropas que ficará aquartelada em Roma depois da ocupação”<sup>204</sup>.

---

<sup>203</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler*.. p. 330; 333. (o destaque em negrito é nosso).

<sup>204</sup> *Ibid.* p. 357.



Antes da saída dos alemães, guerrilheiros comunistas mataram 33 de seus homens. Em retaliação Hitler ordenou a execução de 335 italianos, incluindo 70 judeus, nas cavernas andreatinas. Pacelli foi criticado por não ter tentado impedir o massacre. Mas com a libertação de Roma “foi saudado por todos os lados como *defensor civitatis*, o Salvador da Cidade”<sup>205</sup>.

Cornwell relata que após a libertação o Secretário de Estado Maglione morreu mas Pio XII não o substituiu, assumindo ele mesmo a função. E mergulhou em seu trabalho solitário de horário rigoroso, não permitindo sequer insinuação de conselhos de subordinados. “Dessa época em diante, o pessoal do Vaticano atendia os telefonemas de Pacelli de joelhos”<sup>206</sup>.

Nas eleições de 1948 na Itália, o medo de uma vitória comunista fez com que Pio XII interviesse na política incentivando o voto para os democrata-cristãos que acabaram por vencer com quase metade dos votos. E na Europa Oriental a perseguição ao catolicismo pelo regime de Stalin foi tamanha que Pio XII decretou a excomunhão dos comunistas.

Cornwell conclui que a hostilidade comunista era, à sua maneira, justificada. “Para os governos marxistas da Europa Oriental, o catolicismo era divisionista; estimulava a ociosidade, as atitudes burguesas e a injustiça. Os católicos eram acusados de terem ficado do lado dos nazistas durante a guerra”<sup>207</sup>.

Um exemplo de reação ao comunismo chegou às raias do martírio e foi protagonizado pelo cardeal Mindszenty que enfrentou bravamente as retaliações por sua aberta oposição ao ateísmo militante das autoridades marxistas. Mindszenty sempre contou com as bênçãos de Pio XII. Seu exemplo, contudo, é apresentado por Cornwell para salientar falhas em Pio XII, que para este autor poderia ter este mesmo padrão de conduta durante todo o seu pontificado.

---

<sup>205</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 360.

<sup>206</sup> Ibid. p. 362.

<sup>207</sup> Ibid. p. 371.

Difícilmente se encontra um parágrafo completo no livro de Cornwell no qual o autor faça um juízo completamente positivo de Pio XII. Quando ele aponta uma ou outra virtude no papa, esta sempre aparece precedida ou sucedida por um juízo crítico, não deixando margens para dúvidas quanto ao conceito negativo prévio do autor sobre seu biografado.

Ele tinha uma visão triunfante da Igreja e da autoridade papal; e os aplausos universais que recebera no final da guerra pareciam lhe confirmar o senso de certeza infalível. Sua visão do papado, apesar de sua humildade e decência pessoal, era de poder incontestável, concedido por Deus, em termos místicos, pelo interesse da sobrevivência e unidade da Igreja católica<sup>208</sup>.

O mesmo padrão é seguido ao identificar alguns sinais de modernização da Igreja nas encíclicas *Divino Afflante Spiritu* sobre estudos das Sagradas Escrituras utilizando métodos modernos de análise, e da *Mediator Dei* sobre reformas na liturgia. Cornwell aponta uma volta à rígida ortodoxia e uma ampliação das noções da infalibilidade papal na encíclica *Humani Generis*. “Se os Supremos pontífices, em seus documentos oficiais, deliberadamente formulam um julgamento sobre uma questão naquele momento em discussão, é obvio que essa questão [...] não pode mais ser considerada aberta à discussão entre teólogos”<sup>209</sup>.

O auge do período do triunfalismo eclesiástico pacelliano sob aplausos estrondosos é atingido, na visão de Cornwell, com a definição formal do dogma da Assunção de Maria – o primeiro e ainda único “decreto solene e irreformável feito por um papa, de acordo com a definição de infalibilidade adotada no Primeiro Concílio do Vaticano, em 1870”<sup>210</sup>.

---

<sup>208</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 376.

<sup>209</sup> Ibid. p. 379. (No 20º parágrafo da encíclica, Pio XII afirma que os ensinamentos do magistério ordinário, que na maioria das vezes já pertencem ao patrimônio da doutrina católica, obrigam ao assentimento quando os pontífices formulam sentenças em suas constituições com a intenção de dirimir uma matéria controvertida).

<sup>210</sup> Ibid. p. 384.

Ao final do pontificado, Pio XII é o “autocrata mais exaltado do mundo, mas seu estilo de vida permanecia simples, monacal, regulado com o maior rigor”<sup>211</sup>. Sua saúde, porém, que sofria abalos desde 1953, se deteriora acentuadamente no início de outubro de 1958 e na madrugada do dia nove daquele mês o pontífice é declarado morto. A grandiosidade do seu funeral é retratado com certo exagero pelo *L'Osservatore Romano* como “o maior da longa história de Roma, superando até mesmo o de Julio César”<sup>212</sup>.

Em sua linha de juízos críticos e caricaturais sobre Pio XII, e alinhado com os gostos confessos pelo extraordinário e macabro, Cornwell reproduz notas sobre as consequências de um novo método usado no embalsamamento de seu cadáver, sem a remoção dos intestinos.

O corpo começou a deteriorar imediatamente, no calor do outono. Quando o carro fúnebre parou diante da igreja de São João de Latrão, as pessoas mais próximas puderam ouvir uma série terrível de gases e arrotos dentro do caixão, resultado da rápida fermentação, ao que tudo indica. Durante o velório na Basílica de São Pedro, o rosto do papa falecido tornou-se cinza-esverdeado e depois púrpura. O mau cheiro era tão forte que um dos guardas chegou a desmaiar. Uma indignidade final: seu nariz ficou preto e caiu, antes do sepultamento<sup>213</sup>.

O último capítulo do livro se mostra revelador quanto às intenções do autor, que procura estabelecer uma linha de continuidade entre dois papados recentes, o de Pio XII e o de João Paulo II. Alguns autores críticos de Cornwell, como Dalin e Richlak, afirmam que Cornwell – apesar de mirar em Pio XII, tinha como alvo o pontificado de João Paulo II.

---

<sup>211</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 389-390.

<sup>212</sup> *Ibid.* p. 399.

<sup>213</sup> *Ibid.* p. 400.

Ao lado da continuidade entre aqueles dois pontificados, Cornwell destaca a ruptura entre o pontificado de Pio XII e o seu imediato, o do papa João XXIII. O centralizador contra o descentralizador, o orgulhoso autocrata contra o humilde camponês que eleito, convoca um Concílio Ecumênico e insiste na necessidade do *aggiornamento*. Dentre as decisões de mudança no Concílio, a mais importante seria a da colegialidade entre os bispos e o papa.

Mas a colegialidade desejada não aconteceu, a Cúria não sofreu reformas importantes e o Código de Direito Canônico de 1917 não sofreu mudanças, especialmente quanto à nomeação dos bispos que continuou exclusivamente reservada aos Pontífices. E para Cornwell, este é o principal empecilho à plena colegialidade entre o episcopado e o papa.

Cornwell se mostra inconformado ao ver frustradas suas expectativas sobre as mudanças pós conciliares. É crítico de João Paulo II em sua luta para restabelecer a ideologia do poder papal. Wojtyła também rejeita a Teologia da Libertação na América Latina, além de uma prática de repressão a teólogos progressistas como Hans Küng, Edward Schillebeeckx, Charles Curran, o arcebispo Raymond Hunthausen e outros<sup>214</sup>.

Após identificar o padrão das acusações de Cornwell em toda a sua obra, entendemos que o seu olhar crítico também merece críticas. O autor padece de uma tendência unilateral nas suas condenações, supervalorizando as fontes negativas e minimizando os caracteres positivos quando os encontra em Pio XII. A ausência da abertura ao contraditório nas opiniões acolhidas e formuladas por este autor comprometem a isenção de sua análise.

Concluiremos nossa exposição sobre a obra *O Papa de Hitler* considerando sua importância para o revigoramento da polêmica sobre Pio XII, além de seus desdobramentos mais significativos.

---

<sup>214</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 409-410.

### 2.3 - A importância e os desdobramentos mais significativos da obra de Cornwell

As motivações de Cornwell para escrever esta obra parecem pertencer ao contexto interno do catolicismo, no qual existem grupos divergentes, cada um desejando impor aos demais a sua própria visão e posições eclesiológicas. O principal propósito da obra *O Papa de Hitler* está alinhado com a ideologia de correntes que se opõem ao processo de beatificação de Pio XII. “O processo de beatificação de Pacelli está impregnado de significado político [...] Se for bem sucedido, as políticas de Pacelli serão confirmadas [...] endossando-se a ideologia moderna do poder papal e justificando-se seu comportamento durante a guerra”<sup>215</sup>.

Neste sentido, a canonização de Pio XII representaria uma vitória dos conservadores e a permanência do poder centralizador da cúria e do papa em detrimento da colegialidade, descentralização e demais aspirações mais caras à agenda liberal progressista. A publicação do livro de Cornwell pode ser vista como uma reação a esta possibilidade e seu impacto influenciou em alguma medida no adiamento do processo de canonização – opinião compartilhada por Gilles Lapouge<sup>216</sup> e Doris Bergen<sup>217</sup>, entre outros.

Certas estatísticas sobre *O Papa de Hitler* ajudariam a mensurar sua relevância para os desdobramentos da polêmica após sua publicação. Assim, tentamos estabelecer contatos com a editora Penguin Books que publicou a versão original do livro, com a editora Imago que a publicou no Brasil, e com o próprio autor, solicitando informações sobre a tiragem geral da obra, suas versões em vários idiomas e as estatísticas comparativas com suas demais obras.

<sup>215</sup> CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 424.

<sup>216</sup> LAPOUGE, Gilles. Livro sobre 'papa de Hitler' carece de provas. In: *O Estado de São Paulo*, ed. 18/09/99. Disponível em : <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19990918-38686-nac-0023-int-a23-not>>. Acesso em 03/05/2013.

<sup>217</sup> BERGEN, Doris L. An easy target?: the controversy about Pius XII and the Holocaust. In: RITTNER, Carol & ROTH, John K. (Ed). *Pope Pius XII and the Holocaust*. London & New York: Continuum, 2002. p. 111.

Não obtivemos retorno sobre tais questões e tampouco à nossa consulta ao autor sobre as consequências da publicação no desenvolvimento de sua carreira como escritor já que, notoriamente, *O Papa de Hitler* foi a sua obra de maior relevo<sup>218</sup>. Embora sem as respostas das fontes diretas para estas questões, a importância da obra se constata pelo fato dela ter se tornado um *best seller* no Brasil, tendo sido listada entre os dez livros mais vendidos durante o ano de 2000, com vendagem superior a 45.000 exemplares<sup>219</sup>.

O mesmo se deu no mercado editorial norte-americano no qual o livro de Cornwell figurou em listas de *best sellers* como as publicadas pelo jornais New York Times<sup>220</sup> e Usa Today<sup>221</sup>, entre outros. Também o site da Amazon, uma conhecida empresa norte-americana de comércio eletrônico, destaca a obra *Hitler's Pope* com 285 avaliações dos leitores, enquanto que a segunda obra do mesmo autor que recebeu mais avaliações é *Hitler's Scientist* que teve 25, e a terceira colocada é *The Pontiff in Winter*, com 18<sup>222</sup>.

Contudo, o mais relevante sinal indicador dos desdobramentos de uma obra em uma polêmica estabelecida são as opiniões expressas por diversos autores e historiadores com estudos acadêmicos e publicações cujas investigações se situam na mesma temática ou em assuntos afins. No caso do embate sobre Pio XII, os que escreveram em linha de acusação e defesa. Ilustrativamente, citaremos algumas destas opiniões avaliativas entre as muitas que são verificáveis nos dois lados da contenda.

---

<sup>218</sup> Autores e Realizadores: John Cornwell. In: *Wook Livros*. Disponível em <<http://www.wook.pt/authors/detail/id/8162>>. Acesso em 08/05/2013.

<sup>219</sup> Os mais vendidos de 2000. In: *VEJA*. Ed. 1682, 10/01/2001. p. 135. Disponível em <[http://veja.abril.com.br/acervo\\_digital/home.aspx](http://veja.abril.com.br/acervo_digital/home.aspx)>. Acesso em 03/05/2013.

<sup>220</sup> Best Sellers. In: *The New York Times*. Published November 14, 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/11/14/books/best-sellers-november-14-1999.html?agewanted=all&src=pm>>. Acesso em 03/05/2013.

<sup>221</sup> Best Selling Books. In: *Usa Today*. Ed. October 07, 1999. Disponível em <<http://usatoday30.usatoday.com/life/books/book/john-cornwell-hitlers-pope-the-secret-history-of-pius-xii/128585>>. Acesso em 03/05/2013.

<sup>222</sup> Books by John Cornwell. In: *Amazon: Books*. Disponível em: <[http://www.amazon.com/John-Cornwell/e/B001HMNE44/ref=sr\\_tc\\_2\\_0?qid=1368104133&sr=8-2-ent](http://www.amazon.com/John-Cornwell/e/B001HMNE44/ref=sr_tc_2_0?qid=1368104133&sr=8-2-ent)>. Acesso em 08/05/2013.

Do lado dos acusadores de Pio XII, Suzan Zuccotti inclui o livro de Cornwell entre os que reacenderam a controvérsia, como uma nova tempestade. Zuccotti, no mesmo artigo, também menciona o alerta do próprio Cornwell aos leitores norte-americanos sobre o redespertar da controvérsia – como a erupção de um vulcão adormecido, – por ocasião da publicação de trechos de *O Papa de Hitler* na revista *Vanity Fair* de outubro de 1999<sup>223</sup>.

Entre vários outros acusadores, a título ilustrativo, podemos nomear David I. Kertzer que cita *O Papa de Hitler* como um “recente bestseller”<sup>224</sup>, Richard L. Rubenstein se refere à obra de Cornwell como uma das mais controversas e denunciatórias<sup>225</sup> e Gerard Noel que elogia Cornwell pela mais erudita e fascinante exposição sobre o tema<sup>226</sup>.

Entre os que defendem Pio XII estão, entre outros, autores que se referem ao livro *O Papa de Hitler* como uma obra completamente refutada mas que, segundo Andrea Tornielli, “contribuiu para que se tecesse mais um pedaço desta lenda negra”<sup>227</sup>. Para David Dalin, autor americano e rabino judeu, o livro de Cornwell se tornou um *bestseller* internacional<sup>228</sup>, e para o autor português Bruno Cardoso Reis, o livro “mereceu destaque em parte significativa da imprensa diária portuguesa. [Na qual] foram publicadas extensas e elogiosas paráfrases”<sup>229</sup>.

<sup>223</sup> ZUCCOTTI, Susan. Reigniting a controversy: studies of Pius XII and the Shoah in the United States since 1999. In: *La Rassegna Mensile di Israel*. Terza serie, Vol. 69, n.º. 2, Saggi sull'ebraismo italiano del Novecento in onore di Luisella Mortara Ottolenghi, Tomo II (Maggio - Agosto 2003). p. 681. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41287558>>. Acesso em 06/05/2013.

<sup>224</sup> KERTZER, David. I. *O Vaticano e os Judeus: os papas e a ascensão do anti-semitismo moderno*. Tradução Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 26.

<sup>225</sup> RUBENSTEIN, Richard L. Pope Pius XII and the Shoah. In: RITTNER, Carol & ROTH, John K. (Ed). *Pope Pius XII and the Holocaust*. London & New York: Continuum, 2002. p. 174.

<sup>226</sup> NOEL, Gerard. *Pius XII: the hound of Hitler*. London & New York: Continuum, 2005. p. 205.

<sup>227</sup> TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o papa dos judeus*. Tradução António Maia da Rocha. Porto: Civilização Editora, 2002. p. 12.

<sup>228</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 6.

<sup>229</sup> REIS, Bruno Cardoso. J. Cornwell, Hitler's Pope. The Secret History of Pius XII, Londres, Viking, 1999. In: *Análise Social* - Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Vol. XXXV (Inverno) 2001 (n.º 157) 891-1162. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122399291607jAO7xj4Ps37OF6.pdf>>. Acesso em 07/05/2013.

Assim, o que se constata, quer no âmbito estatístico, quer em relação às opiniões de diversos autores, *O Papa de Hitler*, se não a mais importante, certamente é uma das mais importantes obras para a reativação e os desdobramentos da polêmica em cujo cerne o livro em questão inscreveu-se já a partir da sua publicação. Após o livro de John Cornwell, outras obras continuaram sendo sucessivamente publicadas, na mesma linha de abordagem conferida a Pio XII e as questões da Shoah. Na sequência, pretendemos examinar, dentre estas, algumas das mais relevantes para a compreensão da polêmica reativada com o livro de Cornwell.

### **3 - Outros autores críticos sobre a atuação de Pio XII nos episódios da Shoah**

Em ondas sucessivas muitos livros foram escritos com o objetivo de expressar acusações sobre a conduta do Papa Pio XII e seu pontificado frente aos acontecimentos da Shoah que vitimaram em torno de seis milhões de judeus no período da Segunda Guerra Mundial. A primeira onda foi despertada com a obra de Rolf Hochhuth e, depois de alguma calma, uma nova onda se criou após a publicação do livro de Cornwell.

Dentre os vários autores que acusam Pio XII constata-se que um número significativo deles são escritores católicos liberais como os ex seminaristas John Cornwell, Garry Wills, ou os ex padres James Carrol e Carlo Falconi. Em menor número se encontram autores judeus como Saul Friedländer, Robert Wistrich e Daniel Jonah Goldhagen. E, dado o interesse que o tema desperta, também outros pesquisadores e historiadores, independentemente de seu credo religioso ou mesmo à ausência dele, adentraram seus estudos no território minado desta polêmica que se arrasta há cinquenta anos, sem previsão de alguma conclusão definitiva.



Em nossa pesquisa, justificamos a escolha do livro de John Cornwell como a principal obra de acusação contra o silêncio, o antissemitismo e o filonazismo que o autor atribui a Pio XII. Dada a necessidade de um recorte, pretendemos em seguida abordar em particular duas novas obras publicadas por acusadores escritas em momentos próximos e subsequentes ao livro *O Papa de Hitler*, quer tenham sofrido influência direta deste último, ou não.

De forma ainda mais sucinta, pretendemos avaliar a obra do também católico e ex padre James Carrol, de linha progressista – ou liberal, como esta linha é conhecida nos Estados Unidos, – *A Espada de Constantino*, publicado originalmente em 2001.

A segunda obra que avaliaremos é o livro da pesquisadora Susan Zuccotti, *Under his very Windows*, (Sob suas próprias janelas) de 2000. O interesse neste livro, contemporâneo à obra de Cornwell, é seu estudo sobre o aprisionamento e deportação de judeus da Itália e territórios por ela ocupados na guerra, e particularmente de Roma, a capital do catolicismo.

Além destes dois livros contemporâneos a Cornwell, faremos uma avaliação geral e breve menção sobre algumas das outras obras mais importantes que apresentam acusações contra Pio XII, sem nos atermos às épocas em que foram publicados.

### **3.1 - James Carrol e sua obra *A Espada de Constantino***

James Carrol<sup>230</sup> nasceu em Chicago no ano de 1943 e cresceu em Washington onde seu pai, general da Força Aérea, serviu como o diretor da Agência de Inteligência de Defesa. Estudou na Universidade de Georgetown antes de entrar no seminário para tornar-se padre.

---

<sup>230</sup> Biography: James Carrol. Disponível em: <<http://www.jamescarroll.net/JAMESCARROLL.NET/Biography.html>>. Acesso em 19/05/2013.

Carrol fez bacharelado e mestrado no Colégio de S. Paulo, o seminário dos Padres Paulinos em Washington, e foi ordenado sacerdote em 1969. Atuou como capelão católico da Universidade de Boston (1969-1974), em seguida, deixou o sacerdócio para se tornar escritor.

Após adotar a carreira de escritor, publicou dez romances e sete livros de não-ficção, incluindo a obra que aqui examinamos, *A Espada de Constantino: A Igreja Católica e os Judeus*. Esta obra é uma tradução para o português publicada em 2002, do título original *Constantine's Sword: the Church and the Jews*, publicado em 2001. Seu livro mais recente foi publicado em 2011, *Jerusalem, Jerusalem: How the Ancient City Ignited Our Modern World*. (Jerusalém, Jerusalém: Como a Cidade Antiga incendiou nosso Mundo Moderno).

A Espada de Constantino é uma obra intensa e extensa, composta de oito partes e nada menos que sessenta capítulos. Nela o autor traça um arco histórico que abrange os dois mil anos do cristianismo, identificando em seu bojo – desde o seu próprio surgimento, as origens do ódio aos judeus que identifica já em textos bíblicos do Novo Testamento. De alguma forma, suas acusações universalizam a culpa pelo antissemitismo cristão que se distribui com nuances a todos os seus membros, do cume da hierarquia até o mais anônimo batizado.

As raras exceções constituídas por figuras nomeadas nos capítulos da obra, se tivessem sucesso em imprimir na Igreja as suas escolhas – o que não aconteceu – teriam alterado a dinâmica interior do cristianismo em suas relações com o judaísmo. E como consequência teriam abortado o surgimento do antissemitismo, esta perseguição insidiosa que sempre aparece na obra perfilando os cristão às forças de opressão contra o povo judeu.

Vista por este ângulo de culpa universalizada, nenhum dos culpados de per si tem uma importância absoluta e a culpa de Pio XII é um tanto diluída pelo histórico precedente da aversão ao judeu cultivada e transmitida na Igreja geração após geração.

Uma cruz na entrada de Auschwitz é o fio condutor que pontua a narrativa de Carrol. A cruz, instrumento de tortura e morte de Jesus de Nazaré acabou por transformar-se em um símbolo triunfalista da Igreja em sua simbiose com o poder temporal configurada desde a visão de Constantino, na véspera da batalha contra Maxêncio em 312. Esta cruz simbólica perpassa toda a narrativa como um pano de fundo da história contada pelo autor.

Carrol apresenta alguns temas centrais para a identidade católica em oposição ao grupo judaico do qual se destacou. Um dos principais destes temas é o supersessionismo, ou seja, a noção cristã de que a Nova Aliança substitui a Antiga, que o Novo Testamento supera o Velho, que os seguidores de Jesus se tornaram a nova e verdadeira Israel<sup>231</sup>. Esta oposição ao grupo religioso rival é que cunhou a expressão antijudaísmo cristão.

No decorrer do tempo a identidade católica foi se firmando sobre o binômio cruz e espada, que associou os poderes da religião e os do estado monárquico – e quanto maior o poder auferido, maior a tentação, na perspectiva do supersessionismo, de conferir ao inferior superado o tratamento que se dá aos inimigos vencidos. E o autor relata uma série de *pogroms* que aniquilariam milhões de judeus no decorrer da história.

O primeiro destes *pogroms* aconteceu em Alexandria no ano de 414 “eliminando por certo período a comunidade judaica dessa cidade”<sup>232</sup>. E entre tanta violência assassina contra os judeus no decorrer dos séculos, Carrol relata os *pogroms* praticados por cruzados na Renânia, no ano de 1096; em várias cidades da Espanha em 1391; novamente na Renânia no início do século XIX;. E já no século XX, em 1938, os episódios da *Kristalnacht* – atos de violência em que pereceram judeus, além da destruição de suas sinagogas e estabelecimentos.

---

<sup>231</sup> CARROL, James. *A Espada de Constantino: A Igreja Católica e os Judeus*. Tradução Renato Pompeu. Barueri: Editora Manole, 2002. p. 491.

<sup>232</sup> Ibid. p. 193.

A definição específica dos termos antijudaísmo e antissemitismo estão ligadas como em um processo evolutivo de uma até a outra, e ambas são operantes quando apontam o problema judeu, o que demanda uma solução – e não operariam até mesmo na *Solução Final*?! É o que o autor deixa especialmente patente quando redige o capítulo 47, “do antijudaísmo cristão ao antissemitismo exterminador”<sup>233</sup>.

Após narrar nas primeiras seis partes do livro, o caminho no qual se pavimentou historicamente o antijudaísmo e o antissemitismo, Carrol apresenta os sete capítulos da sétima parte que trata de “A Igreja e Hitler”, tema central para o nosso interesse de pesquisa. E na oitava e última parte ele revela a sua agenda pessoal em relação às perspectivas que abriga, de uma nova Igreja em uma nova relação com o judaísmo.

Carrol inicia a referida sétima parte do livro informando que a história que conta atinge aqui o seu clímax, na Alemanha do século XX, onde “foi encenado o último ato do ódio da Europa aos judeus”<sup>234</sup>. O autor basicamente endossa as posições acusatórias assumidas por Cornwell em seu livro *O Papa de Hitler*. Embora cite algumas objeções publicadas sobre esta obra, Carrol afirma ter ele mesmo escrito uma resenha favorável<sup>235</sup>.

O autor compartilha com Cornwell, além da acusação do silêncio omisso e a cumplicidade inicial de Eugênio Pacelli com Hitler, também o juízo a respeito de suas motivações – o interesse na acumulação e na defesa do poder papal acima de tudo – do destino dos judeus e do destino da própria Igreja Católica. Ademais Carrol dá como evidente “que Pacelli deve ter partilhado o amplo antissemitismo de sua cultura, o desprezo cristão pelo judaísmo, desprezo que só seria repudiado no Concílio Vaticano II”<sup>236</sup>.

---

<sup>233</sup> cf. CARROL, James. *A Espada de Constantino...* p. 72-73.

<sup>234</sup> Ibid. p. 491.

<sup>235</sup> Ibid. p. 706.

<sup>236</sup> cf. Ibid. p. 549.

E Carrol, além de reproduzir em seu texto várias acusações que pesam sobre Pio XII, também endossa a acusação central da peça teatral de Hochhuth, em relação ao seu silêncio sobre a prisão dos judeus de Roma, destinados ao extermínio. “Todas as acusações contra Pio XII [...] empalidecem diante desta, datando de acontecimentos em outubro de 1943”<sup>237</sup>.

Para Carrol, contudo, coerente com as ideias desposadas no conjunto de sua narrativa, “a questão se torna, mais exatamente: como uma sucessão de papas prepara o caminho para o 'silêncio' de uma civilização inteira”<sup>238</sup>. A noção de Carrol, como Cornwell, sobre o impulso para a beatificação de Pio XII é que isto representa o desejo de um grupo de voltar ao tempo anterior ao Concílio Vaticano II. Seus promotores aspiram recuperar “um senso perdido da devoção filial que esse papa, no passado inspirava. Sua morte em 9 de outubro de 1958 desencadeou uma pletora de tributos, inclusive alguns de figuras judaicas preeminentes”<sup>239</sup>.

Na última parte do livro, Carrol dirige seu foco para o futuro desta história – uma expressão de suas aspirações como católico em relação à Igreja que ele vê necessitada de revisar seu passado para corrigir seus passos no futuro, especialmente quanto às suas relações com os judeus que por ela foram tão perseguidos desde as origens. Mas seus sonhos são tão ambiciosos e revolucionários que não levam em conta a complexidade do mundo e da Igreja que impedem a sua concretização, ao menos com a celeridade de sua ingênua impaciência.

Em vista de eliminar completamente o antissemitismo que é foco de agressão permanente contra os judeus por parte da Igreja, no primeiro ponto de sua agenda de mudanças, que começa pela convocação de um Concílio Vaticano III, “a Igreja deve, portanto, pregar os textos antijudaicos dos Evangelhos – não contra os judeus, mas contra si mesma”<sup>240</sup>

---

<sup>237</sup> CARROL, James. *A Espada de Constantino...* p. 539-540.

<sup>238</sup> Ibid. p. 550.

<sup>239</sup> Ibid. p. 545.

<sup>240</sup> Ibid. p. 582.

Outros pontos de seus projetos de mudanças profundas na Igreja contemplam a revisão das relações da Igreja com o poder, por uma nova cristologia, da afirmação da santidade da democracia, do arrependimento e o pedido de perdão por parte da Igreja. Proposições que não teriam a unanimidade dos católicos, certamente. Aqui não avaliamos tais propostas por não guardarem relação direta com nosso objeto de pesquisa.

Já a pesquisadora Susan Zuccotti, cuja obra avaliamos a seguir, incide o foco de sua crítica sobre as ações – ou a falta de ação de Pio XII a respeito da violência cometida pelos nazistas sob as janelas do Vaticano e, ainda, mais extensivamente, em toda a Itália e nos territórios ocupados por soldados italianos antes e durante a Segunda Guerra Mundial.

### **3.2– Susan Zuccotti e sua obra *Under His Very Windows***

Susan Session Zucotti nasceu nos Estados Unidos em 1940 e fez doutorado em História Europeia Moderna na Universidade de Colúmbia. Autora premiada, publicou diversos livros sobre o Holocausto. Sua obra utilizada como fonte em nossa pesquisa<sup>241</sup> é *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy* (Sob suas próprias janelas: o Vaticano e o Holocausto na Itália), publicada no ano de 2000 e sem tradução em português.

Entre os anos de 1987 e 2007 Zuccotti publicou, além desta obra que avaliamos, mais quatro livros sobre o Holocausto e seus episódios na Itália e na França, nenhum dos quais traduzidos para o português. Zuccotti, que tem uma vasta produção de artigos acadêmicos, lecionou disciplinas de História do Holocausto e da Europa Ocidental nas Faculdades Columbia e Barnard em Nova York e também na Trinity em Hartford.

---

<sup>241</sup> ZUCCOTTI, Susan. *Under his very windows: the Vatican and the Holocaust in Italy*. New Haven & London: Yale University Press, 2000.

A obra de Susan Zuccotti, *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy*, relata inúmeras ações em que judeus perseguidos pelo nazismo receberam proteção de bispos, padres e leigos católicos na Itália. Contudo, e esta é a tese principal da obra, – a autora afirma que não encontrou evidências que tais benfeitores agissem seguindo diretivas do Papa ou de autoridades do Vaticano.

Como os defensores de Pio XII afirmam que ele recomendou aos bispos fazerem o que estivesse ao seu alcance para proteger os judeus perseguidos, tese que a autora considera um mito – ela afirma que o propósito de seu livro é separar os fatos da ficção.

Nesta sua obra a autora pretende esclarecer sobre o que Pio XII (também Pio XI) e seus principais oficiais na Secretaria de Estado realmente fizeram para ajudar judeus na Itália, o país onde a Igreja tinha melhores condições de os socorrer<sup>242</sup>. Ela aponta a existência de preconceitos contra os judeus no Vaticano, e exemplifica citando publicações da revista *La Civiltà Cattolica* e no *L'Osservatore Romano*, como na edição deste de 10 de junho de 1938.

Na matéria o padre jesuíta Enrico Rosa, que também escrevia para *La Civiltà Cattolica*, contesta os erros de quem afirma que perseguir judeus era uma empreitada santa, ou que isto fizesse parte dos desígnios da divina Providência. Mas admite como válidas as acusações frequentemente ouvidas sobre as “inconveniências” causadas pelos judeus, como a de serem meros hóspedes de outras nações.

Rosa também aceita as acusações de que os judeus usurpam as melhores posições em todos os campos nem sempre por meios legítimos, e a desproporção entre seu pequeno número e o sofrimento que causam à maioria da população nativa nos países onde habitam.

---

<sup>242</sup> cf. ZUCCOTTI, Susan. *Under his very windows...* p. 7.

E ainda acrescenta acusações mais graves como o ódio dos judeus à religião cristã, ao clero católico, ao papado<sup>243</sup>. Ao concluir afirma que nada disto, entretanto, justifica a caçada violenta contra todos eles, juntando culpados e inocentes. Nem se pode reconhecer que se alcance desta maneira uma solução justa e duradoura para o formidável problema judeu<sup>244</sup>.

Zuccotti acusa o Vaticano de cegueira por não reagir quando foi promulgada a legislação anti-judaica. Não que houvesse o desejo da destruição dos judeus por parte da Igreja “mas a consequência da sua falha em compreender a relação direta entre os direitos civis de todos os seres humanos nas sociedades seculares modernas e o direito à própria vida daqueles mesmos seres humanos”<sup>245</sup>. Em virtude das leis discriminatórias, os judeus foram rebaixados a seres de segunda categoria, indignos dos mesmos direitos que os demais.

Para defender sua argumentação de que o Vaticano não teria orientado os bispos e o clero para que agissem no sentido de salvar judeus perseguidos, Zuccotti afirma que as iniciativas partiram da DELASEM, agência oficial judaica para os judeus refugiados, que requisitou ajuda de bispos e demais clérigos no sentido de defender e abrigar judeus que, de outra forma pereceriam.

No caso da Itália e seus territórios ocupados Zuccotti segue um esquema pelo qual as deportações são debitadas à inação do Vaticano e os salvamentos são atribuídos a ações autônomas das autoridades italianas. A autora não avalia com justiça, pois a Igreja também exerceu um papel importante no salvamento de judeus. Na equação territorial do genocídio contra os judeus na Europa, em torno de 80% deles foram aniquilados pelos nazistas fora da Itália enquanto que 80% dos judeus que se encontravam em território italiano sobreviveram.

---

<sup>243</sup> cf. ZUCCOTTI, Susan. *Under his very windows...* p. 25.

<sup>244</sup> cf. *Ibid.* p. 25.

<sup>245</sup> *Ibid.* p. 56.



Quando se refere às atrocidades sofridas pelos judeus na fronteira norte da Itália, em setembro de 1943, a autora afirma ser “inconcebível que o papa e os oficiais da Secretaria de Estado do Vaticano não fossem informados em um ou dois dias sobre o ocorrido”<sup>246</sup>. Mas quando se refere à proteção oferecida por mosteiros e Igrejas aos judeus ela afirma “ser mais provável que não houvesse absolutamente nenhuma diretiva papal”<sup>247</sup>. O papa sabe de tudo o que acontece de mal, mas se e quando sabe algo de bom, não expressa qualquer aprovação.

Antes do aprisionamento de residentes no gueto de Roma em 16 de outubro de 1943 com posterior destino aos campos de extermínio, o chefe da polícia alemã de segurança em Roma, Coronel Herbert Kappler, exigiu o comparecimento de dois líderes da comunidade judaica ao seu escritório para deles extorquir cinquenta quilos de ouro em um prazo de dois dias para que não fossem molestados.

Pio XII se propôs a efetuar um empréstimo da quantia eventualmente faltante após a arrecadação entre os judeus. A autora com reticência elogia o papa, mas afirma que tal disposição foi desastrosa por contribuir para que os judeus se sentissem seguros sob a sombra do Vaticano e, assim, permanecessem em suas casas até que os nazistas viessem prendê-los<sup>248</sup>.

Um dos benfeitores dos judeus com papel ativo no salvamento de milhares de vítimas foi o Padre Benoit, capuchinho francês que atuou inicialmente na França e posteriormente na capital italiana. Segundo a autora, o Vaticano estava informado das ações do Pe. Benoit e mesmo um ou outro prelado residente no Vaticano o apoiou. Mas para Zuccotti, “o melhor que se pode dizer sobre o papel de Pio XII em tudo isto é que ele permitiu que as atividades de Benoit [seu suporte aos judeus perseguidos] continuassem”<sup>249</sup>.

---

<sup>246</sup> ZUCCOTTI, Susan. *Under his very windows...* p. 151. (tradução nossa).

<sup>247</sup> Ibid. p. 193. (tradução nossa).

<sup>248</sup> cf. Ibid. p. 154.

<sup>249</sup> Ibid. p. 188. (tradução nossa).

Para provar que o papa não orientou aos bispos para a defesa de judeus, a autora cita como evidência o fato de que alguns bispos atuaram em favor das vítimas enquanto outros se negaram a fazê-lo. Ela afirma que se houvesse uma ordem do papa todos os bispos obedeceriam. Observação que não procede pois o papa falou genericamente várias vezes em favor das vítimas, mas nem todos os bispos seguiram também estas suas orientações.

A finalidade da pesquisa de Zuccotti é demonstrar que as ações de salvamentos de entidades eclesiais como conventos, escolas e também clérigos de todos os níveis não tem conexões com diretivas do Vaticano, foram iniciativas espontâneas. Na melhor das hipóteses em favor de Pio XII – na visão da autora, ele, quando soube não impediu que as ações tivessem continuidade, embora em altos círculos da cúria se encontrasse oposições explícitas.

Várias dioceses agiram em conjunto com a DELASEM, mas não a Diocese de Assisi que agiu por conta própria. E Zucotti coloca em dúvida a afirmação do bispo de Assisi que mostrou ao Padre Brunacci uma carta do Vaticano pedindo que ajudasse aos refugiados.

O padre Aldo Brunacci afirmou há muito tempo que no final de setembro de 1943, o bispo Nicolini lhe disse que havia recebido uma carta do secretário de Estado do Vaticano cardeal Luigi Maglione pedindo-lhe que ajudasse todos os refugiados, inclusive – a carta especificava, – políticos dissidentes e judeus. O padre Brunacci nunca disse que Nicolini leu a carta para ele, mas afirmou que a viu na mão de Nicolini e que este o informou sobre seu conteúdo. E o padre Brunacci ressaltou que ele era a única pessoa que sabia da carta, pois Nicolini insistiu que mantivesse segredo. Ele também afirmou que cartas semelhantes foram enviadas a outros bispos na Itália, mas não está claro como soube disto. Ao que se saiba, nenhum outro bispo ou seus assistentes próximos fizeram afirmações similares<sup>250</sup>.

---

<sup>250</sup> ZUCCOTTI, Susan. *Under his very windows...* p. 263. (tradução nossa).

Zuccotti duvida de Nicolini mas dá crédito irrestrito a uma afirmação que o diplomata alemão Friedrich Möllhausen fez em entrevista publicada por Katz no livro *Black Sabbath*<sup>251</sup>. Ele notificara ao escritório de Weizsäcker que retransmitiu a informação aos oficiais da Secretaria de Estado do Vaticano sobre os planos da detenção em massa dos judeus em Roma.

E Zuccotti aceita tudo como fato consumado: “aqueles oficiais certamente notificaram o papa<sup>252</sup>”. Sem um papel na mão, Möllhausen informou na entrevista a terceiro que notificara Weizäcker e que, portanto, oficiais da Secretaria de Estado do Vaticano teriam sido avisados e, por fim, alertaram ao papa. A palavra do bispo Nicolini é suspeita, mas a informação de Möllhausen é aceita sem resistências porque serve à causa da acusação que autora abraça.

Dentre os bispos que seguiram diretrizes gerais de Pio XII na defesa de vítimas da guerra e protegeram fugitivos, desabrigados, desertores, velhos, adultos ou crianças – aqueles que incluíram a defesa dos judeus entre seus atos, o fizeram supondo que esta seria a vontade do papa. Entretanto, a este respeito, a autora insiste em negar qualquer mérito a ele.

Em suas conclusões a autora reconhece as expressões de gratidão de personalidades judaicas a Pio XII. Mas considera que foram expressões mais voltadas para o futuro que uma justa avaliação do passado. A autora sugere um jogo político – o que soa ofensivo para muitos judeus contemporâneos aos fatos que rejeitariam tal interpretação de uma gratidão política.

Uma das razões seria proteger a frágil boa vontade iniciada nos sofrimentos da guerra, contar com a cooperação do Vaticano no resgate de crianças judias então abrigadas em instituições eclesiásticas. Obter do papa um reconhecimento formal da ligação entre cristãos e judeus, isentando estes da acusação de deicídio. E finalmente, obter o reconhecimento e a cooperação do Vaticano no projeto de restabelecer na Palestina o Estado de Israel<sup>253</sup>.

<sup>251</sup> cf. ZUCCOTTI, Susan. *Under his very windows...* p. 157.

<sup>252</sup> Ibid. p. 157. (tradução nossa).

<sup>253</sup> cf. Ibid. p. 302.

A gratidão dos judeus, um dos mais eloquentes argumentos dos apologistas de Pio XII, na visão da autora, não corresponde a um verdadeiro reconhecimento pela ajuda recebida da Igreja frente às perseguições impostas pelo nazismo. Seria uma mera expressão política.

Até aqui avaliamos obras dos autores críticos Rolf Hochhuth, John Cornwell, James Carroll e Susan Zuccotti. Finalizando este capítulo, pretendemos registrar mais alguns autores dentre os que acusam Pio XII. Não se trata, mais uma vez, de um exame exaustivo, impraticável de coligir e descrever em nosso trabalho dado o grande número de obras existentes. Mas em nosso entendimento, a seleção destes autores é representativa e abrangente em relação às principais ideias de acusação que se encontram no bojo desta polêmica.

### **3.3 - Diversos outros autores críticos de Pio XII**

A polêmica surgida com a obra teatral *O Vigário* de Rolf Hochhuth suscitou a ulterior publicação de diversos livros em duas ondas nas quais se intensificaram as produções dos vários autores. A primeira onda de maior intensidade teve início com a referida obra de Hochhuth e imediatamente a seguir foram publicadas todas em 1964 as obras de Jacques Nobécourt, *Le Vicaire et l'Histoire*, de Guenter Lewy, *The Catholic Church and Nazi Germany* e a obra a seguir avaliada, de Saul Friedländer, *Pio XII e a Alemanha Nazi*.

Após esta primeira onda surgiram obras mais esparsas. Em 1965 Carlo Falconi publicou *The Silence of Pius XII*, em 1973 Anthony Rhodes publicou *The Vatican in the Age of Dictators*, em 1970 Giovanni Miccoli publicou *La Santa Sede e le deportazioni: Spostamenti di popolazione e deportazioni in Europa, 1939-1945*, e em 1987 este mesmo autor publicou *I dilemmi e i silenzi di Pio XII: Vaticano, Seconda guerra mondiale e Shoah*.

Uma segunda onda surgiu após o livro de John Cornwell e está representada, entre outras, pelas obras de Susan Zuccotti, *Under His Very Windows*; de Garry Wills, *Papal Sin*; Daniel Jonah Goldhagen, *A Moral Reckoning*; Gerard Noel, *The Hound of Hitler*; David I. Kertzer, *O Vaticano e os Judeus*; Michael Phayer, *The Catholic Church and the Holocaust, 1930-1965*; e Robert S. Wistrich, *Hitler e o Holocausto*.

Além do registro da existência das obras citadas, dentre outras, pretendemos nesta parte de nosso trabalho um breve destaque para as obras de Saul Friedländer, *Pio XII e a Alemanha Nazi* – representante da primeira onda, contemporânea à já avaliada de Rolf Hochhuth, *O Vigário*. Da segunda onda, pós John Cornwell, nosso destaque recairá sobre a obra de David I. Kertzer, *O Vaticano e os Judeus*.

O livro de Saul Friedländer foi publicado originalmente em francês, em 1964, com o título de *Pie XII et le III Reich*, e sua versão em português aqui utilizada, foi publicada em 1967 pelas Edições Tapir, sob o título de *Pio XII e a Alemanha Nazi*. O autor é cuidadoso e até um tanto reticente em suas citações – procurando filtrar posturas tendenciosas das fontes diplomáticas, dada a natural ligação com seus respectivos governos, as quais procura cotejar com fontes de outras nações em busca de concordância.

Talvez devido a este comedimento do autor, sua obra em geral expressa mais interrogações que afirmações. E suas fontes se fundamentam em documentos diplomáticos, privilegiando sobretudo “documentos inéditos na sua maior parte, do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Terceiro Reich”<sup>254</sup> que cobrem o período desde março de 1939 até setembro de 1944. Ele também lamenta a impossibilidade de acesso aos arquivos secretos do Vaticano.

---

<sup>254</sup> FRIEDLÄNDER, Saul. *Pio XII e a Alemanha Nazi*. Tradução M. Rodrigues Martins. Lisboa: Tapir, 1967. p. 10.

O autor ressalta a pressão exercida por nações com populações católicas, Alemanha e Estados Unidos, sobre a Santa Sé para que tomasse posições contra o outro lado. E cita notas das quais se deduz os prejuízos que tais pressões poderiam causar à unidade da Igreja. “O temor dum eventual cisma no catolicismo alemão só pode levar o Soberano Pontífice a novas concessões, tal como, além disso o desejo de evitar as represálias do regime contra os católicos fieis e, finalmente, a esperança de conseguir um restabelecimento da paz”<sup>255</sup>.

O autor ainda cita uma correspondência do vice-representante americano na Santa Sé, Harold Tittman que, em 10 de outubro de 1942, comentando uma nota oficiosa desta sobre o pouco que se podia fazer em favor dos não-arianos na Polônia – compreende que “há pouca esperança de refrear as atrocidades nazis por qualquer outro método além do da força proveniente do exterior”<sup>256</sup>. De fato, pouco mais que dois meses depois, todas as nações aliadas expressam uma condenação oficial sobre o extermínio dos judeus pelos nazista

'estes governos [...] declaram que tais acontecimentos só podem reforçar a resolução de todos os povos amantes da liberdade de derrubar a bárbara tirania hitleriana. Reafirmam a sua resolução solene de fazer tudo para que os responsáveis por estes crimes não escapem à sanção e de aprovar as medidas práticas necessárias à obtenção deste fim’<sup>257</sup>.

Diferente do que sugere Cornwell em sua obra *O Papa de Hitler*, sobre a iniciativa de uma Concordata com o Reich partir de Pio XII<sup>258</sup>, Friedländer cita um relato de Weizsäcker que aponta Hitler como autor da iniciativa. “O Papa mencionou em primeiro lugar o fato de que a Concordata com o Reich tinha sido resultado dum desejo expresso da Alemanha”<sup>259</sup>.

<sup>255</sup> FRIEDLÄNDER, Saul. *Pio XII e a Alemanha Nazi...* p. 10

<sup>256</sup> Ibid. p. 113.

<sup>257</sup> Ibid. p. 118

<sup>258</sup> cf. CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 100-101.

<sup>259</sup> FRIEDLÄNDER, Saul. *Pio XII e a Alemanha Nazi...* p. 161

O autor também cita correspondências de Weiszäcker, pelas quais afirma que em agosto de 1943, “a Igreja está inquieta. Para ela, o comunismo é e continua a ser o inimigo mais perigoso em política interna como em política externa”<sup>260</sup>.

O exacerbado medo do comunismo é apontado no livro de Friedländer como onipresente entre as preocupações de Pio XII, levando-o a um silêncio sobre outras questões não relacionadas diretamente com os riscos enfrentados pelo catolicismo no período da guerra. Com isto evitou a confrontação com o poder nazista e se absteve de condenar explicitamente a política de extermínio dos judeus, mesmo em relação aos acontecimentos da deportação de judeus da Itália em geral e sequer Roma, em particular, a sua diocese.

Ao concluir, Friedländer afirma que o historiador “é obrigado a esperar que os documentos essenciais que lhe faltam, e particularmente os documentos dos arquivos vaticanos, sejam publicados brevemente, para permitir que de novo se coloquem numa justa perspectiva os acontecimentos e os personagens”<sup>261</sup>. Assim, apesar de manter uma posição crítica sobre Pio XII, este autor prefere não avançar um juízo definitivo em vista da impossibilidade de consulta aos arquivos secretos do Vaticano – uma lacuna que deixa sem respostas muitas de suas perguntas.

Concluimos nossas avaliações das obras de acusação a Pio XII ressaltando o livro do autor americano, professor de antropologia e história, David I. Kertzer, *O Vaticano e os Judeus: os papas e a ascensão do antissemitismo moderno*. Este é o título da versão traduzida que utilizamos, publicada pela Editora Rocco em 2002. A obra original foi lançada em 2001 pela Editora Alfred A. Knopf, com o título *The Popes Against the Jews: the Vatican's role in the rise of Modern Anti-Semitism*.

---

<sup>260</sup> FRIEDLÄNDER, Saul. *Pio XII e a Alemanha Nazi...* p. 168.

<sup>261</sup> *Ibid.* p. 210.

O interesse nesta obra se justifica pelo fato de ser uma das primeiras surgidas basicamente a partir da pesquisa em diversos arquivos do Vaticano, de abertura recente, e que enfocam a questão do antissemitismo na Igreja a partir do século XIX e seus dramáticos desdobramentos no século XX. O período coberto pela documentação pesquisada se estende por 125 anos (1814 – 1939), ou seja, desde a derrota de Napoleão e a restauração dos Estados Papais até a morte de Achille Ratti, o papa Pio XI.

O foco da pesquisa de Kertzer, pois, recai sobre o período prévio ao pontificado de Pio XII e os acontecimentos do Holocausto – o que a distingue da maioria das pesquisas sobre o tema que costumam enfatizar o período de 1939-1945, ou seja, o período da guerra e do próprio Holocausto.

Kertzer considera que o foco da polêmica na conduta de Pio XII é equivocado por deixar de lado os acontecimentos que deram origem e acompanharam a evolução do antissemitismo moderno que, finalmente, se consumou no genocídio dos judeus nos campos de extermínio nazistas. Para o autor, o problema “reside não na personalidade ou nas qualidades morais de um único papa, mas numa cultura muito mais disseminada de antissemitismo vaticano”<sup>262</sup>.

Sem isentar Pio XII, Kertzer avalia que Pio XI não é menos culpado – e atos de antissemitismo são identificados pelo autor em atitudes de papas, autoridades eclesiásticas e a imprensa católica. Mas a culpa do antissemitismo em si não é assumida pelos sucessivos papas, nem mesmo por João Paulo II que patrocinou uma reaproximação com os judeus e em 1997 confiou à *Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo* a tarefa de investigar a responsabilidade da Igreja pelos acontecimentos da Shoah durante a Segunda Guerra<sup>263</sup>.

---

<sup>262</sup> KERTZER, David I. *O Vaticano e os Judeus: os papas e a ascensão do anti-semitismo moderno*. Tradução Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 26.

<sup>263</sup> cf. *Ibid.* p. 9.



Segundo o autor, o resultado do trabalho desta Comissão – aguardado durante onze anos pelos que esperavam por uma purificação da memória em relação às culpas católicas pela Shoah não correspondeu a tais esperanças. Para Kertzer, o documento produzido *Nós nos lembramos: uma reflexão sobre o Shoah* conta “uma história que muitos gostariam que tivesse acontecido, mas não é o que realmente aconteceu”<sup>264</sup>. O autor afirma que em seu livro pretende contar a história dos fatos reais e não os desejados – mas que não aconteceram.

Desta obra, o interesse direto de nossa pesquisa recai sobre a última das três partes com as quais o autor a divide por tratar dos acontecimentos situados “Nas vésperas do Holocausto”, especialmente o último capítulo do livro “Antecâmara do Holocausto”. Após discorrer nos capítulos anteriores sobre os antecedentes que originaram o antissemitismo na Igreja, Kertzer afirma que “ao longo dos 17 anos do pontificado de Pio XI, as sementes do anti-semitismo moderno começaram a produzir suas flores funestas”<sup>265</sup>.

A maior originalidade que observamos na obra de Kertzer é sua crítica a Pio XI que gozava grande prestígio na Itália, onde a influência da Igreja era maior que em outros lugares. Ele anota o silêncio de Pio XI frente às leis anti-raciais promulgadas por Mussolini em 1938.

Com toda a atenção que foi dada ao que Pio XII disse ou deixou de dizer sobre a campanha conduzida pelos nazistas contra os judeus – **sobre a qual a sua influência era na melhor das hipóteses limitada** – é notável a pouca atenção que se deu ao que Pio XI teve a dizer sobre as leis raciais promulgadas na Itália em 1938. Essas leis foram concebidas, aprovadas e anunciadas na própria Cidade Santa, onde a sua influência – menos de uma década depois que o governo italiano reconheceu a Igreja Católica Romana como a religião oficial do Estado – era realmente enorme<sup>266</sup>.

---

<sup>264</sup> KERTZER, David I. *O Vaticano e os Judeus...* p. 11.

<sup>265</sup> *Ibid.* p. 329.

<sup>266</sup> *Ibid.* p. 357 (o grifo é nosso).

Mas para Kertzer este silêncio se explica porque as leis anti-raciais não eram distintas das concepções defendidas há muito tempo pela própria Igreja. As únicas objeções de Pio XI se relacionaram aos casamentos que envolviam judeus e católicos – questões que a Igreja entendia como atribuições suas e não do Estado italiano<sup>267</sup>.

E após esta breve avaliação do livro de Kertzer, concluímos este capítulo com uma síntese de seu desenvolvimento. Dando conta da existência de vários autores buscamos avaliar e expor as principais críticas publicadas quanto às posturas de Pio XII frente ao desatino nazista que culminou com os trágicos episódios da Shoah.

Apresentamos os principais autores e seus argumentos de acusação contra Pio XII. Iniciamos com o autor que suscitou a polêmica Rolf Hochhuth e sua obra dramática, *O Vigário* e seguimos com as acusações que são centrais para o nosso estudo, encontradas em *Papa de Hitler* do autor católico inglês John Cornwell. Depois abordamos outros autores que se posicionam entre os acusadores, James Carrol e seu livro *A Espada de Constantino*, bem como a obra de Susan Zuccotti, *Under His Very Windows* (Sob suas próprias janelas).

E dada a impossibilidade de um exame exaustivo das muitas obras de acusação contra Pio XII a respeito de suas atitudes frente aos acontecimentos da Shoah, finalizamos a exposição deste capítulo mencionando algumas delas, que consideramos representativas para a polêmica, ressaltando as obras de Saul Friedländer e David I. Kertzer.

A seguir, em nosso capítulo final, apresentaremos as defesas de Pio XII patrocinadas pelos principais autores que se propuseram a mergulhar na candente polêmica que teve seu início marcado por uma obra teatral. Uma polêmica que neste último meio século tem envolvido o nome e as atitudes de Eugênio Pacelli, e para a qual não se consegue prever uma definição conclusiva num horizonte próximo.

---

<sup>267</sup> cf. KERTZER, David I. *O Vaticano e os Judeus...* p. 357.

### **Capítulo III – Defensores de Pio XII**

O presente capítulo se divide em três partes, nas quais apresentamos as principais defesas e refutações às acusações contra Pio XII, especialmente em relação aos autores e obras descritas no capítulo precedente.

Na primeira parte deste capítulo, “As defesas publicadas sobre as posições de Pio XII frente à Shoah”, procuraremos demonstrar que tais defesas surgiram imediatamente após a estreia da peça teatral *O Vigário* de Rolf Hochhuth e continuaram a ser publicadas após cada novo ataque perpetrado por sucessivas publicações. Mostraremos uma reação do Vaticano expressa na antecipação da abertura de arquivos dos anos de 1939-1945, período que coincidia com a Segunda Guerra e os acontecimentos da Shoah. Também trataremos da obra de Pierre Blet, *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial: que dizem os arquivos do Vaticano*.

Na segunda parte, examinaremos a obra do rabino e historiador americano David Dalin, *The Myth of Hitler's Pope: Pope Pius XII and his secret war against Nazi Germany* (O mito do Papa de Hitler: Papa Pio XII e sua guerra secreta contra o nazismo alemão). Nesta obra, Dalin elabora uma resposta direta à obra de John Cornwell, *O Papa de Hitler*.

E na parte final apresentaremos outros autores que defendem Pio XII em sua atuação nos episódios da Shoah, dos quais examinaremos as obras de Ronald J. Rychlak e José M. Sánchez. Finalizaremos apontando diversos outros autores que defendem Pio XII, destacando dentre eles os trabalhos de Margherita Marchione e Andrea Tornielli.

Previamente à análise dos trabalhos destes autores, reputamos relevante traçar algumas considerações sobre as circunstâncias em que maior parte desta obras vieram a lume, premidas pela necessidade de uma resposta a acusações publicadas contra o papa Pio XII.

A Shoah, de importância capital em nosso trabalho, foi um acontecimento multiforme, com variados níveis de participação ativa e passiva distribuída entre os perpetradores, as testemunhas e as vítimas. A polêmica recai principalmente sobre o papel das testemunhas – dentre as quais Pio XII ocupa lugar de destaque – o que fez e falou, ou o que deixou de fazer ou falar contra os perpetradores e em favor das vítimas.

Até o início dos anos de 1960 não se imaginaria que Pio XII viesse a ser o pivô de tão grande polêmica, dada a quase unanimidade dos elogios por sua luta pela paz e pelas obras de socorro às vítimas da perseguição nazista. Mas após a peça de Hochhuth, multiplicaram-se acusações contra os alegados silêncios de Pio XII. E é em atitude de reação que viriam a se situar a maioria das expressões de defesa. Trabalhos não surgidos a partir de um interesse na pesquisa histórica em si, mas da necessidade de defender o papa ofendido – o que acabou por conferir à grande parte deles um cunho apologético.

Esta opinião é corroborada pelo atual diretor de L'Osservatore Romano, Giovanni Maria Vian: “A questão do silêncio do papa se tornou tão dominante que muitas vezes se transformou em acirrada polêmica, provocando reações defensivas de tom frequentemente apologético, e tornando mais difícil a solução de um real problema histórico”<sup>268</sup>.

No meio das acirradas disputas entre acusadores e defensores, a racionalidade acaba prejudicada e a história contada por ambos os lados sofre com a perda de isenção. As fontes são selecionadas conforme as tendências pró ou contra e como resultado da polêmica, a verdade histórica acaba sendo a maior vítima e a própria imagem de Pio XII segue deformada.

Com o cuidado que tais circunstâncias recomendam, pretendemos avaliar a seguir os principais argumentos de defesa, bem como os principais defensores de Pio XII na polêmica.

---

<sup>268</sup> VIAN, Giovanni Maria (org). *In difesa di Pio XII...* p. 11. (tradução nossa).

## 1 - As defesas publicadas sobre as posições de Pio XII frente à Shoah

Os escritos sobre Pio XII anteriores ao surgimento da polêmica sobre os seus silêncios quanto ao extermínio dos judeus pelo regime nazista de Hitler, com raras exceções – quando não eram laudatórios, mantinham um tom moderado – mesmo durante o período dos trágicos acontecimentos na Segunda Guerra. Esta quase consensual aprovação durante e logo após o término de seu pontificado não reclamava expressões de defesa sobre sua conduta.

As manifestações de Pio XII contra a guerra e os sofrimentos que ela causava são notoriamente conhecidas e, embora sem nomear as vítimas segundo suas raças ou nacionalidades, alusões a elas figuram em vários discursos e locuções radiofônicas. A encíclica *Summi Pontificatus*, que retrata o programa de seu pontificado, referindo-se à guerra que então irrompia registra um pungente lamento do pontífice. “O nosso coração enche-se de angústia, ao prevermos tudo o que poderá medrar da tenebrosa semente da violência e do ódio, depositada hoje nesses sulcos sanguinosos que a espada acaba de abrir”<sup>269</sup>.

Na radiomensagem de Natal de 1941, o papa opõe a alegria da celebração litúrgica ao desastre bélico “É verdade que os sinos difundem a alegre mensagem do Natal, iluminam-se Igrejas e oratórios, as harmonias religiosas alegram os espíritos, tudo é festa e esplendor nos sagrados templos; mas a humanidade não cessa de dilacerar-se numa guerra de extermínio”<sup>270</sup>. E na mais famosa de suas radiomensagens natalinas, antes de proferir a conhecida alusão às muitas vítimas inocentes e não combatentes que, apesar disso, padeciam sob a violência desumana da guerra, Pio XII deplora:

---

<sup>269</sup> IGREJA CATÓLICA. Documentos de Pio XII (1939-1958). *Carta Encíclica Summi Pontificatus*. São Paulo: Paulus, 1998. n° 16, p. 19-20.

<sup>270</sup> Id. Radiomensagem *Nell'alba e nella luce*. São Paulo: Paulus, 1998. n° 4, p. 100.

O que em tempos de paz jazia comprimido explodiu, ao romper da guerra, numa triste série de atos em oposição com o espírito humano e cristão. Os acordos internacionais para fazer menos desumana a guerra, limitando-a aos combatentes, e para regular as normas da ocupação e do cativeiro dos vencidos, ficaram letra morta em várias partes; e quem é capaz de ver o fim deste progressivo pioramento?<sup>271</sup>

Foi com o estrito objetivo de manter a Santa Sé sob regime de total neutralidade e imparcialidade que Pio XII sempre fez condenações genéricas da violência empregada, sem nomear as vítimas. No caso que aqui examinamos – os judeus votados ao extermínio pelos nazistas. Esta sua opção acabou por resultar, *a posteriori*, nas acusações de silêncio cúmplice.

E é em resposta a estas acusações que diversos autores se manifestam, dentre os quais se destacam membros do clero como os padres Pierre Blet e Senra Coelho. Estudiosos católicos como José M. Sánchez, Ronald Richlak, William Doyno Jr, Andrea Torielli, Joaquim Blessmann; e autoridades do judaísmo como os rabinos Pinchas Lapide e David Dalin.

### 1.1 - Primeiras reações em defesa de Pio XII

A estreia da peça *O Vigário* de Rolf Hochhuth foi seguida por uma inusitada reação expressa por grande quantidade de artigos em jornais e revistas, uma parte refutando e outra aplaudindo as acusações que o enredo de Hochhuth brandia contra Pio XII. Para Eric Bentley, foi “quase com certeza a maior tempestade já levantada por uma peça teatral em toda a história do drama”<sup>272</sup>.

---

<sup>271</sup> IGREJA CATÓLICA. Documentos de Pio XII (1939-1958). *Radiomensagem Con sempre nuova freschezza*. São Paulo: Paulus, 1998. nº 52, p. 137.

<sup>272</sup> BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy*. New York: Grove Press, 1964. p. 8. (tradução nossa).

A peça de Hochhuth foi representada pela primeira vez em fevereiro de 1963 e em junho do mesmo ano, às vésperas de ser eleito papa, o cardeal Montini escreveu à revista católica *The Tablet*, elogiando um artigo que saíra em defesa de Pio XII.

O artigo<sup>273</sup> elogiado por Montini iniciava referindo-se a matéria anteriormente publicada pelo *Sunday Times*, intitulada *Política papal e assassinatos em massa*. Nesta, George Steiner descrevia a omissão do papa em intervir a favor dos judeus que foram vítimas da política de extermínio de Hitler como um dos mais abjetos episódios da última guerra. Mas Steiner apenas ecoa a denúncia de Hochhuth, segundo o artigo da *Tablet*.

A carta de Montini foi recebida pela redação da *Tablet* uma hora após sua eleição para o pontificado - circunstância que acabou conferindo a esta correspondência um valor histórico. Seu conteúdo se inseriu no bojo da polêmica, passando a ser citada pelos autores das principais defesas de Pio XII – seja quanto ao seu temperamento, seja em relação aos seus esforços para defender os judeus perseguidos. Dado o seu inegável peso e interesse documental, examinamos a seguir algumas das considerações contidas nesta famosa carta.

Montini afirma não pretender examinar se era ou não dever de Pio XII condenar publicamente o genocídio dos judeus pelos nazistas - questão central levantada por Hochhuth. A intenção do cardeal – e seu dever, como afirma no texto – era contribuir para esclarecer os fatos de seu conhecimento e que em sua análise não correspondiam à realidade dramaticamente retratada na peça. “A História – algo muito distinto de tal manipulação dos fatos [...] mostrará quão vigilante, persistente, desinteressada e corajosa foi sua conduta, se vista em seu real contexto e nas condições concretas daquele tempo”<sup>274</sup>.

---

<sup>273</sup> Pius XII and the Jews. In: *The Tablet: the international catholic news weekly*. Edition 11th May 1963, p. 4. Disponível em: <<http://archive.thetablet.co.uk/article/11th-may-1963/4/under-the-heading-papal-policy-and-mass-murder-the>>. Acesso em 18/06/2013.

<sup>274</sup> MONTINI, G. B. Cardinal. Pius XII and the Jews. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy*. New York: Grove Press, 1964. p. 66-67. (tradução nossa).

Montini também reage ao conceito negativo de Hochhuth que apresenta um papa interesseiro e omissivo. Um líder espiritual e político preocupado apenas em salvaguardar os interesses da Igreja, indiferente ao sofrimento dos judeus e desinteressado em defendê-los.

Quanto à sua omissão em assumir uma posição de violenta oposição a Hitler, a fim de salvar as vidas dos milhões de judeus assassinados pelos nazistas, isso será facilmente compreendido por qualquer um que não caia no erro de Hochhuth em tentar avaliar o que poderia ter sido eficaz e responsabilmente feito nas condições terríveis da guerra e da opressão nazista, pelo padrão do que seria possível em condições normais – ou em algumas condições hipotéticas arbitrariamente inventadas pela imaginação de um jovem dramaturgo<sup>275</sup>.

Montini reforça seu raciocínio rebatendo a acusação central de silêncio cúmplice de Pio XII feita por Hochhuth, e procura justificar as escolhas do papa argumentando hipoteticamente sobre as consequências de uma condenação explícita a Hitler e seus seguidores.

Vamos supor que Pio XII fizesse o que Hochhuth o culpa por não ter feito. Sua ação teria levado a tais represálias e ruínas que o próprio Hochhuth poderia, quando acabasse a guerra, com maior objetividade histórica, política e moral, escrever uma outra peça muito mais realista e interessante do que a que escreveu de forma ousada e ao mesmo tempo infeliz<sup>276</sup>.

Após apresentar sua argumentação em defesa de Pio XII, o cardeal Montini finaliza afirmando a sua confiança no juízo da história, e ao mesmo tempo, lamentando que a arte possa se prestar a cometer injustiças gratuitas.

---

<sup>275</sup> MONTINI, G. B. Cardinal. Pius XII and the Jews. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy...* p. 67-68. (tradução nossa).

<sup>276</sup> Ibid. p. 68. (tradução nossa).



Digam alguns homens o que quiserem, a reputação de Pio XII como um verdadeiro Vigário de Cristo, como alguém que tentou, tanto quanto pôde, completa e corajosamente levar a cabo a missão que lhe foi confiada, não será afetada. Mas qual é o ganho para a arte e cultura, quando o teatro se presta a injustiça deste tipo?<sup>277</sup>

A manifestação do Cardeal Montini ganhou relevância em virtude de sua eleição para o trono de São Pedro, mas não foi uma expressão isolada sobre a peça teatral de Hochhuth. Ao contrário, só nos anos de 1963 e 1964, opiniões escritas sobre a peça se multiplicaram às centenas em diversos formatos tais como artigos, comentários, recensões críticas, entre outros.

Eric Bentley organizou um livro composto por pouco mais de três dezenas de textos curtos, a maioria dos quais favoráveis à obra de Hochhuth, com algumas exceções. O objetivo do autor foi o de recolher opiniões representativas sobre a controvertida peça teatral.

Dentre os textos escolhidos, aparecem críticas teatrais, editoriais, e comentários de críticos literários, filósofos, jornalistas e historiadores. Bentley inclui a citada carta endereçada à revista católica *The Tablet*, na qual o Cardeal Montini sai em defesa de Pio XII e, em seguida, reproduz a réplica que Hochhuth dirige a Montini, ratificando as acusações a Pio XII presentes no enredo de sua peça teatral *O Vigário*.

A grande quantidade de escritos em repercussão à obra dramática de Hochhuth impedia que todas fossem contempladas na obra publicada em 1964. Bentley, contudo, incluiu um levantamento em que David Beams lista os escritos publicados apenas no período de 1963 e 1964. A lista contém 551 títulos, divididos em 98 editoriais, 132 artigos, 49 debates, 85 críticas teatrais, 55 colunas, 37 revisões do livro, 5 simpósios e 90 reportagens<sup>278</sup>.

---

<sup>277</sup> MONTINI, G. B. Cardinal. Pius XII and the Jews. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy...* p. 68-69. (tradução nossa).

<sup>278</sup> cf. BEAMS, David. Bibliography. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy...* p. 237-254.

Este significativo trabalho de Bentley, que destacamos a título ilustrativo, permite uma noção ao menos aproximada da intensidade da polêmica que envolveu o drama de Hochhuth, uma controvérsia que viria a suscitar sucessivas abordagens, conquistando adeptos em ambos os lados da contenda.

O próprio Vaticano não se manteria indiferente à celeuma provocada pela peça teatral de Hochhuth, e parece que o próprio Concílio Vaticano II não ficou imune. Um artigo do historiador americano John Connelly cita a preocupação de um cardeal com os sucessivos vai-e-vem no andamento da *Nostra Aetate*. "O contexto histórico: 6 milhões de judeus mortos. Se o Concílio que acontece 20 anos após estes fatos permanecer em silêncio sobre eles, então seria inevitável evocar a reação expressa por Hochhuth em 'O Vigário'"<sup>279</sup>. Uma observação que soa bastante pertinente e ponderada para aquelas circunstâncias.

## **1.2 - A reação do Vaticano e a abertura parcial dos Arquivos Secretos relativa aos documentos do período da Segunda Guerra Mundial**

Paulo VI estava decidido a combater a desinformação e as injustiças refletidas na peça de Hochhuth e na polêmica que se seguiu sobre Pio XII, seu predecessor que ele tão bem conhecia. Tamanha a sua consciência da retidão de Pio XII que, na oitava sessão do Concílio Vaticano II, comunicou o início dos processos de beatificação de seus predecessores Pio XII e João XXIII, "a quem a Igreja e mesmo todos os homens devem tantos benefícios"<sup>280</sup>.

---

<sup>279</sup> CONNELLY, John. Converts who changed the Church. In: *The Jewish Daily* - Forward Forum. Disponível em: <<http://forward.com/articles/159955/converts-who-changed-the-church/?p=all>>. Acesso em 24/06/2013. (tradução nossa).

<sup>280</sup> PAULO VI, Papa. *Discurso na 8ª Sessão Solene do Concílio Vaticano II*. 18 de novembro de 1965. Disponível em <[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651118\\_penultima-sessione-concilio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651118_penultima-sessione-concilio_po.html)>. Acesso em 24/06/2013.

Em diversas ocasiões Paulo VI saiu em defesa de Pio XII. Concluindo a viagem à Terra Santa, em 05 de janeiro de 1964, dada a circunstância e o lugar, proferiu um surpreendente discurso de improviso com a finalidade de defender e honrar a memória daquele seu antecessor a quem servira e conhecera com muita proximidade.

A Igreja ama a todos igualmente. Nosso grande predecessor Pio XII o afirmou com força e repetidas vezes ao longo do último conflito mundial, e todo o mundo sabe que ele fez tudo pela defesa e a salvação de todos os que padeciam provas, sem nenhuma distinção. Sem embargo, sabeis, se quis lançar suspeitas e inclusive acusações contra a memória desse grande pontífice. Sentimo-nos felizes por ter a ocasião de afirmar neste dia e neste lugar: nada mais injusto que este atentado contra uma tão venerável memória. Quem como nós, conheceu de perto essa alma admirável, sabe até onde podia chegar a sua sensibilidade, sua delicadeza de coração<sup>281</sup>.

Paulo VI, ainda, em 12 de março de 1964, por ocasião da cerimônia comemorativa do 25º aniversário da coroação de Pio XII, manifestava seu profundo reconhecimento por suas grandes virtudes. O papa romano tão querido por seus concidadãos que no mesmo dia em que os Aliados libertaram a Cidade Eterna, conferiram-lhe o título de *Defensor Civitatis*.

Essa defesa não foi o único mérito que o reconhecimento público atribuiu à ação perspicaz e corajosa de Pio XII: tanto quanto as circunstâncias lhe permitiram, com intensa e conscienciosa reflexão ele usou atos e palavras para proclamar os direitos da justiça, para defender os fracos, para ajudar os que sofrem, para evitar males maiores, para aplainar os caminhos da paz<sup>282</sup>.

---

<sup>281</sup> SERROU Robert. *Pio XII: El papa-rey*. Madri: Ediciones Palabra, 1996. p. 277-278. (tradução nossa).

<sup>282</sup> PAULO VI, Papa. *Discorso per il XXV anniversario della incoronazione di Pio XII*. 12 marzo 1964. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_196403\\_12\\_monumento-pio-xii\\_it.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_196403_12_monumento-pio-xii_it.html)>. Acesso em 25/06/2013. (tradução nossa).

Contudo, proferir discursos elogiosos em defesa das atitudes tomadas por Pio XII em todo o seu pontificado não foi a única forma que Paulo VI escolheu no sentido de restabelecer a verdade que a peça teatral de Hochhuth havia contribuído para deformar. A sua decisão mais importante neste sentido foi a de autorizar a publicação dos documentos da Santa Sé relativos à guerra<sup>283</sup>.

Também parecem corroborar a importância deste gesto as considerações do padre Pierre Blet. A hierarquia da Igreja não podia deixar de reagir às acusações contra aquele que inscrevera em seu brasão pontifício a pomba branca, símbolo universal da paz. Ao aludir à polêmica gerada pela peça teatral de Hochhuth, Blet considera que só o recurso às fontes documentais pode elucidar as questões levantadas e resgatar a verdade histórica sobre Pio XII.

Só existe um jeito de passar da ficção à realidade, da lenda à história: recorrer aos documentos originais que falam diretamente da atividade do papa. Daí a decisão tomada, em 1964, por Paulo VI, que tinha sido [...] um dos colaboradores mais próximos de Pio XII, de autorizar a publicação dos documentos da Santa Sé relativos à guerra<sup>284</sup>.

Para dar conta desta publicação Paulo VI convocou uma comissão formada por três experimentados peritos em história eclesiástica, membros da Companhia de Jesus. O próprio padre Blet, além de Angelo Martini e Burkhard Schneider. Mais tarde um quarto jesuíta seria incluído – o americano Robert A. Graham. O material a ser publicado deveria ser selecionado dentre os documentos pertinentes aos atos de Pio XII durante a Segunda Guerra.

---

<sup>283</sup> cf. BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 12.

<sup>284</sup> *Ibid.* p. 12.

Este quarteto de peritos, com exceção de Graham admitido em 1967, trabalhou arduamente no período entre 1965 e 1981, e de seus esforços resultaram a publicação dos onze tomos (em doze volumes), das “*Actes et Documents du Saint Siège relatifs à la Seconde Guerre Mondiale*. [...] A narrativa é em francês, mas os documentos são mantidos em seu original italiano, francês, alemão, espanhol, latim e Inglês”<sup>285</sup>.

Estas Atas e Documentos da Santa Sé relativas à Segunda Guerra Mundial (ADSS), se tornaram uma fonte básica para as pesquisas sobre Pio XII, especialmente em relação às suas atitudes quanto aos judeus perseguidos no período da Segunda Guerra. É improvável que em estudos sobre este tema um historiador rejeite a utilização deste material de reconhecida importância. Recentemente, no final de março de 2010, as ADSS foram disponibilizadas para acesso através da Internet – facilitando ainda mais as consultas para os pesquisadores interessados.

O padre Pierre Blet, um dos membros do quarteto de jesuítas encarregados da publicação dos doze volumes das *Actes et Documents du Saint-Siège Relatifs à la Seconde Guerre Mondiale* (ADSS), visando facilitar o acesso ao público desta fontes, tomou a si a corajosa tarefa de publicar um resumo desse imenso acervo documental, da qual resultou a sua obra *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial: que dizem os arquivos do Vaticano*. Além dos documentos da ADSS, entretanto, o autor enriqueceu esta sua obra com variadas fontes pesquisadas em outros arquivos diplomáticos e eclesiásticos.

No próximo tópico deste nosso trabalho nos ocupamos com o estudo desta relevante obra que, dados os arquivos consultados pelo Pe. Blet, se caracteriza como fonte primária de pesquisa, dotada de grande interesse histórico a respeito do pontificado de Pio XII.

---

<sup>285</sup> BLET, Pierre S. J. *Pius XII and the Second World War: according to the Archives of the Vatican*. New Jersey: Paulist Press. 1999. p. xii. [Preface]. (tradução nossa).

### **1.3 - A obra do Padre Pierre Blet, *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial*: que dizem os arquivos do Vaticano**

Pierre Blet nasceu em 20 de novembro de 1918, em Thaon, Baixa Normandia francesa. Ingressou na Companhia de Jesus em setembro de 1937 e foi ordenado sacerdote no final de julho de 1950. Após doutorar-se em História em 1957 pela Universidade de Paris, em 1959 foi lecionar Metodologia na Faculdade de História da Gregoriana e alguns anos depois assumiu a cátedra de História Moderna.

Seu maior interesse de pesquisa teve por objeto as relações da Igreja, o clero e o Estado francês no período moderno, publicando várias obras e artigos em revistas científicas sobre este tema. Outro relevante tema de suas pesquisas é o pontificado de Pio XII.

Sua pesquisa sobre Pio XII é um reflexo de sua atuação na equipe que pesquisou a documentação do Arquivo Secreto do Vaticano sobre os acontecimentos da Segunda Guerra. Constatando que o acesso aos doze tomos publicados entre 1965 e 1981 era restrito a especialistas, o padre Blet quis facilitar o acesso àquelas fontes, publicando uma síntese daquele extenso trabalho realizado a oito mãos.

Recatado e estudioso, acostumado ao ambiente solitário das pesquisas em arquivos, sua projeção como especialista sobre Pio XII fez com que se tornasse alvo de convites para entrevistas e seminários. Seu propósito, ao atender a estas convocações, sempre foi o de defender a memória do Pio XII, alvo de intensa polêmica jornalística e acadêmica a partir do ano de 1963. O padre Pierre Blet faleceu em Roma aos 91 anos de idade, e recebeu diversas homenagens póstumas pelo seu trabalho acadêmico e pelo legado que deixou<sup>286</sup>.

---

<sup>286</sup> Dados biográficos extraídos do artigo: Pierre Blet sj (1918-2009), in memoriam. In: *Anuario de Historia de la Iglesia*. Vol. 20, 2011, p. 493-497. Universidad de Navarra. España. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35520812035>>. Acesso em 26/06/2013.

A versão original de sua obra, em francês, recebeu o título *Pie XII et la Seconde Guerre Mondiale d'après les archives du Vatican*. A versão que aqui utilizamos foi publicada em Portugal (Cascais) pela Princípia, traduzida para o português por António Lopes S. J., sob o título de *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial – que dizem os arquivos do Vaticano?*

Nos doze capítulos de seu livro o padre Blet expõe um apanhado de evidências das atividades de Pio XII que incluem pronunciamentos, ações diplomáticas e humanitárias, sobrepondo-se ao silêncios dos quais é acusado, a respeito dos “crimes cometidos contra a humanidade que um discurso seu teria podido impedir”<sup>287</sup>.

Blet se esforça por demonstrar a contínua preocupação de Pio XII em manter a imparcialidade da Santa Sé – algo que se revelou, contudo, muito distinto de uma indiferente neutralidade. De fato, a pura neutralidade implicaria em deliberado ausentamento do conflito, ao passo que a imparcialidade pressupõe a interação com ambos os lados da contenda, com o objetivo de alcançar a pacificação dos beligerantes.

A clara opção pela ação diplomática da parte de Pio XII logo se evidencia quando de sua iniciativa de “convocar as cinco potências europeias – França, Alemanha, Inglaterra, Itália e Polônia –, para uma conferência que permitiria discutir os pontos litigiosos dos quais, a todo momento, podia resultar uma conflagração generalizada”<sup>288</sup>. Mas naquela altura ele já não encontrou um clima favorável para conferências, restando de positivo apenas as possibilidades de futuras intervenções.

E nas vésperas da deflagração da guerra, houve um renovado esforço diplomático no Vaticano e na maior parte das capitais europeias visando distender as tensões reinantes. Em 24 de agosto de 1939 o papa convocou as autoridades mundiais a se posicionarem a favor da paz.

---

<sup>287</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 11-12.

<sup>288</sup> Ibid. p. 21.

Pio XII insistia na importância das armas diplomáticas para evitar a guerra. “É pela força da razão e não pela das armas que a justiça faz o seu caminho. [...] O perigo é iminente, mas temos ainda tempo. Nada está perdido com a paz; tudo se pode perder com a guerra.”<sup>289</sup>

Malgrado o esforço diplomático do papa e seus assistentes, a guerra eclodiu após a invasão da Polônia pelos alemães no 1º dia de setembro de 1939. Mas Pio XII não desistiu de seus esforços pela paz, apenas alterou as metas a atingir. “Limitar o conflito, trazer o mais depressa possível uma paz na justiça e na segurança continuaram a ser os objetivos da sua diplomacia em tempo de guerra. Em primeiro lugar, opor-se a uma extensão da guerra”<sup>290</sup>.

Com este desejo de um breve restabelecimento da paz, em sua mensagem radiofônica emitida na véspera do Natal de 1939, Pio XII enunciou em cinco pontos, as condições que considerava essenciais para que o concerto das nações pudesse reconstruir uma paz estável e duradoura. Estas condições tratavam do direito à vida e à independência das nações grandes e pequenas, a sustação da corrida armamentista, reforma das instituições internacionais, a questão das minorias étnicas e o reconhecimento da prevalência do direito divino sobre as normas humanas<sup>291</sup>.

Quando a Alemanha, em maio de 1940, invadiu a Bélgica, Holanda e Luxemburgo, Pio XII telegrafou aos seus governantes solidarizando-se e condenando a violação territorial de Estados neutros. Mussolini desaprovou a atitude do papa e mandou adverti-lo sobre o risco de graves consequências a que ele incorria. Pio XII replicou que não temia os riscos e que só refreava suas palavras para evitar maiores sofrimentos às vítimas, e aludindo à situação da Polônia afirmou que desejaria pronunciar “palavras de fogo contra semelhantes coisas”<sup>292</sup>.

---

<sup>289</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 31.

<sup>290</sup> Ibid. p. 37.

<sup>291</sup> cf. Ibid. p. 41.

<sup>292</sup> Ibid. p. 56.



Mas a Igreja na Alemanha já vinha sofrendo perseguições antes de sua eleição e Pio XII desejava pacificar a relação com o Estado Alemão. Neste sentido é a sua carta que aos 8 de dezembro de 1940 dirigiu ao cardeal Bertram, presidente da Conferência Episcopal de Fulda.

Agora, como antes, consideramos que é um imperioso dever de consciência não deixar passar nenhuma ocasião suscetível de assegurar uma paz aceitável entre a Igreja e o Estado. [...] Falamos de uma paz aceitável diante de Deus e do futuro da Igreja católica, de uma paz que assegure a vida da Igreja, mesmo se algumas das suas atividades tivessem de ser diferentes das do passado. Mas não falamos de uma 'paz a qualquer preço': tal formulação, como expressão das aspirações da Igreja à paz, seria incompatível com os princípios da fé e com a própria natureza da Igreja católica<sup>293</sup>.

Pio XII se ressentia das dificuldades de comunicação com o povo alemão, ante a cultura de violência nazista que influenciava particularmente aos jovens. De outro lado, qualquer influência externa seria rejeitada pelas autoridades nazistas. Eventuais intervenções poderiam gerar represálias e mal-entendidos até entre os católicos, e o papa decidiu confiar aos bispos a decisão de se pronunciarem ou silenciarem segundo a realidade de suas dioceses.

Nesta linha de raciocínio é que em 30 de abril de 1943 Pio XII escreveu a Preysing, bispo de Berlin, “deixamos aos pastores que trabalham em cada zona o cuidado de pesar se e em que medida o perigo das represálias [...] parecem aconselhar o uso de reservas, *ad majora mala vitanda* [para evitar maiores males], apesar dos motivos alegados”<sup>294</sup>. Mas Pio XII se alegrava quando os bispos condenavam as ações desumanas. Von Galen, bispo de Münster, denunciou o assassinato de 800 deficientes mentais, além da expulsão de jesuítas e religiosas.

---

<sup>293</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 71.

<sup>294</sup> *Ibid.* p. 79.

“Causaram-nos, a nós também, uma consolação e uma satisfação que há muito não experimentávamos no caminho doloroso que percorremos com os católicos da Alemanha”<sup>295</sup>.

A Polônia dividida e ocupada por comunistas e nazistas tornou-se um foco de muito sofrimento e preocupações para a Igreja e o Santo Padre. E foi mesmo a única nação ocupada mencionada explicitamente pelo papa em sua encíclica *Summi Pontificatus*. Alguns bispos foram impedidos de permanecer em suas dioceses, outros foram presos e deportados para campos de concentração onde muitos morreram. E muitos sacerdotes tiveram igual destino.

O tratamento à Igreja piorou ainda mais quando a Santa Sé não aceitou ingerências na nomeação de bispos. A rádio Vaticana denunciou as agressões sofridas pela Igreja tanto pelos nazistas quanto pelos comunistas. Em torno de 500 mil cidadãos da Ucrânia, em sua maioria católicos de rito grego, foram deportados segundo estimativa do metropolitano de Lvov<sup>296</sup>.

Os sofrimentos impingidos pelos nazistas levavam membros do clero polonês a pedir que Pio XII denunciasse seus crimes. Foi o caso do padre Breitinger, Monsenhor Radonsk e cardeal Hlond – de outra parte os bispos poloneses não divulgavam as mensagens recebidas do papa por medo de retaliações dos nazistas. O cardeal Maglione questionou a Radonsk se era correto que o remetente divulgasse as cartas que os destinatários temiam divulgar<sup>297</sup>.

Dentre as iniciativas de Pio XII havia um projeto humanitário para facilitar a troca de notícias entre prisioneiros de guerra e suas famílias – mas este projeto sofreu percalços pela recusa do governo alemão em fornecer listas de seus prisioneiros, justamente o governo que detinha o maior número deles. Algum sucesso foi obtido através da associação de esforços com a Cruz Vermelha Internacional – entidade responsável pelo cuidado dos prisioneiros<sup>298</sup>.

---

<sup>295</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 80.

<sup>296</sup> Ibid. p. 90.

<sup>297</sup> cf. Ibid p. 98

<sup>298</sup> cf. Ibid. p. 154-155.

O plano inicial nazista em relação aos judeus parecia propor a sua expulsão da Alemanha. Esta indicação orientou as ações humanitárias da Santa Sé a buscar em diversos países livres do jugo alemão a autorização de ingresso dos perseguidos, particularmente os judeus batizados relegados a um plano secundário pelos organismos de ajuda judaicos. Dentre diversas ações neste sentido, a obra de São Rafael (*Raphaelsverein*) teve uma atuação destacada. O caso da *ação brasileira (Brasilienaktion)* esteve sob seus cuidados e, embora com sucesso inferior ao esperado, mais de oitocentos judeus foram salvos do extermínio. Mas na sucessão dos fatos o plano nazista foi sendo perceptivelmente alterado. Depois da proibição de vistos de saída aos judeus em geral, surgiram sinais de massacres em massa e a perda das relativas imunidades antes conferidas aos judeus batizados. Notícias preliminares indicaram a existência de campos de concentração na Polônia, com altas taxas de letalidade, supunha-se – mais por condições aviltantes que propriamente por execuções planejadas.

Contudo, no início de 1942, na Conferência de Wannsee, foi aprovado o plano da “solução final da questão judaica<sup>299</sup>” cujo objetivo básico era eliminar 11 milhões de judeus na Europa. Este plano previa a deportação dos judeus para campos de extermínio na Polônia e, aos primeiros indícios de que estava em andamento, a Santa Sé reorientou suas iniciativas de ajuda às vítimas. Abandonando o projeto de viabilizar a emigração de judeus a vários países, optou por tentar evitar as deportações – cujo destino trágico se começava a suspeitar.

Em suas pesquisas o padre Blet constatou que durante o período em que se desenrolou a guerra, o destino dos deportados permaneceu obscuro. Mas dado o silêncio de notícias dos internados na Polônia ocupada pelos nazistas, raramente quebrado por certas cartas forjadas no interesse da propaganda nazista, as opiniões e receios convergiam no sentido de que as deportações representavam mesmo uma sentença de morte.

---

<sup>299</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 166.

As possibilidades de se influenciar sobre a sorte das vítimas no território alemão se reduziam drasticamente diante da disposição nazista em rejeitar interferências de quem quer que se atrevesse a apelar em favor dos judeus. Os que tentaram acabaram sofrendo a mesma sorte das vítimas que tentaram socorrer – foi o caso do franciscano Odilo enviado para Dachau e da senhora Luckner enviada para Ravensbrück<sup>300</sup>.

No decorrer da guerra, a percepção da inutilidade das condenações que só agravavam as condições de quem se desejava proteger fez com que o papa evitasse condenações ostensivas às perseguições nazistas e o aniquilamento de vítimas indefesas, particularmente os judeus votados ao desaparecimento como restou patenteado após o fim da guerra.

Da mesma forma, Pio XII também não se pronunciou sobre os milhares de membros do clero, religiosos e leigos católicos também assassinados em campos de extermínio nazistas. Em todos os casos, os seus silêncios foram motivados pela prudência – evitando agravar os riscos de uma retaliação com uma escalada ainda maior das perseguições.

Pio XII defendeu sempre e intransigentemente a independência da Igreja presente nos diversos países beligerantes, em relação aos poderes políticos destes Estados – evitando, de outro lado, toda intromissão indevida por parte da Igreja em assuntos que fugiam à sua natureza. Isto não significou, contudo, renunciar à via das negociações sempre que houvesse a possibilidade de intervir em favor das vítimas, em vista de mitigar seus sofrimentos.

As ações em defesa aos judeus foram diversificadas e com graus variados, destacando-se em países como a Eslováquia, a Croácia, a Romênia e a Hungria. Nestes países de maioria católica a Igreja pode se pronunciar e protestar com menor restrição que no território alemão – inclusive através de publicações de documentos eclesiásticos em defesa de judeus.

---

<sup>300</sup> cf. BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 167-168.

A atuação de Pio XII pela preservação da cidade de Roma, embora se inscreva entre os argumentos de críticos posteriores, foi uma luta árdua e bem sucedida – para o que contribuiu a sua teimosia em permanecer na Cidade Eterna quaisquer que fossem os riscos a enfrentar. Das principais capitais dos países em conflito, Roma foi a menos atingida por bombardeios durante a guerra, embora tenha sido ocupada tanto pelos alemães quanto pelos Aliados.

Dentro das possibilidades que o clima de adversidades da guerra permitiam, Pio XII quis fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para mitigar o sofrimento de todos as vítimas da guerra, sem qualquer tipo de distinção. E “esta universalidade não era fruto de um cálculo político ou de interesse. Nada se afiguraria mais contrário às intenções do papa do que a utilização do sofrimento humano como meio de promover o seu prestígio e o seu poder”<sup>301</sup>.

O que se pode afirmar com segurança, após uma justa avaliação dos fatos, conforme conclui o prefaciador do livro do padre Blet, é que durante todo o período da guerra Pio XII “defendeu intransigentemente a imparcialidade e a liberdade da Igreja. Preferiu atuar mais pelos canais diplomáticos do que através da mobilização das opiniões públicas, estratégia que pode ser discutida. O que não se pode é negar o seu empenhamento pela paz”<sup>302</sup>.

Além do padre Blet que saiu em defesa de Pio XII após obter autorização da Secretaria de Estado para consultar utilizar o material dos Arquivos Secretos – outros autores também envidaram seus esforços de pesquisa em variadas fontes, com o intento de defender Pio XII contra as acusações que – segundo tais autores – injustamente pesavam sobre ele.

A seguir avaliaremos um sugestivo trabalho de outro destes autores, o historiador e rabino judeu David Dalin, cuja obra expressa sua reação direta às conclusões exaradas no livro de John Cornwell, principal acusador dentre os que escolhemos para ilustrar a polêmica.

---

<sup>301</sup> BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial...* p. 304.

<sup>302</sup> Ibid. p. 8.

## **2 - A obra do rabino e historiador americano David Dalin, *The Myth of Hitler's Pope: Pope Pius XII and his secret war against Nazi Germany***

Um aspecto secundário de nossa pesquisa acabou por evidenciar que certas nuances do desenvolvimento da polêmica avançavam para além do seu objeto mesmo, qual seja, as acusações e defesas sobre antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah. A eclosão da controvérsia foi nitidamente demarcada com a peça teatral de Rolf Hochhuth que coincidiu com o período em que se desenvolvia o Concílio Vaticano II e suscitou uma primeira onda de adesões acusatórias e reações defensivas.

A coincidência entre a estreia da peça *O Vigário* e o Concílio Vaticano II não foi a única, porque uma nova coincidência se fez notar quando após esta primeira onda da polêmica se aplacar – passados mais de trinta anos em relativa calma apenas pontilhada por uma ou outra manifestação escrita – uma nova onda se levantou.

Nas vésperas do ano 2000, coincidindo com os preparativos para a celebração do Grande Jubileu, nos moldes propostos pelo papa João Paulo II, surge a publicação da obra de John Cornwell, *O Papa de Hitler*, demarcando o início de uma nova leva de adesões e rejeições às diatribes levantadas contra Pio XII. Cornwell faz uma associação direta entre os pontificados de Pio XII e o de João Paulo II, a quem chama de Pio XII redivivo.

Uma das reações mais diretas à obra de Cornwell, já desde o título escolhido, é a obra do rabino americano David Dalin, *The Myth of Hitler's Pope*. O fato de tratar-se de uma resposta àquela obra – mas também a outras obras alinhadas a ela – é o argumento com o qual justificamos nossa escolha para inscrevê-la em nossa pesquisa como a principal obra de defesa das acusações que Cornwell apresenta contra Pio XII em seu livro *O Papa de Hitler*.

## 2.1 - David Dalin, rabino judeu, historiador e autor americano

David G. Dalin<sup>303</sup> nasceu nos Estados Unidos em 1949. Graduou-se na Universidade de Califórnia em Berkeley, fez mestrado e doutorado na Universidade de Brandeis, além de um segundo mestrado no Seminário de Teologia Judaica da América, onde também recebeu a ordenação rabínica.

Dalin, além de historiador, é um rabino conservador, autor, co-autor ou editor de onze livros sobre História e Política Judaico Americana. Atualmente leciona disciplinas de História e Política na Universidade Ave Maria, na Flórida. Anteriormente foi professor associado da Universidade de Hartford onde lecionou História Judaica Americana, além de professor visitante no Seminário de Teologia Judaica da América e pesquisador em História Americana da Hoover Institution na Universidade de Stanford.

Além da obra que avaliamos *The Mith of Hitler's Pope: How Pope Pius rescued jews from the nazis* (O mito do Papa de Hitler: como o Papa Pio resgatou judeus dos nazista), suas principais publicações são *The Presidents of the United States and the Jews* (Os Presidentes dos Estados Unidos e os Judeus) publicada em 2000 em co-autoria com Alfred J. Kolatch; *The Pius War: Responses to the Critics of Pius XII* ( A guerra de Pio: respostas aos críticos de Pio XII) publicada em 2004 em co-autoria com Joseph Bottum .

Dalin ainda publicou em 2008, *Icon of Evil Hitler's Mufti and the Rise of Radical Islam* (Ícone do Mal, o Mufti de Hitler e a Ascensão do Islamismo Radical) em co-autoria com John Rothmann; e em 2008, editou com Matthew Levering, *John Paul II and the Jewish People: A Jewish-Christian Dialogue* (João Paulo II e o Povo Judeu: um Diálogo Judeu-Cristão).

---

<sup>303</sup> David G. Dalin - Biography. In: *Jewage*. Disponível em: <[http://www.jewage.org/wiki/en/Article:David\\_G.\\_Dalin\\_-\\_Biography](http://www.jewage.org/wiki/en/Article:David_G._Dalin_-_Biography)>. Acesso em 04/07/2013. Alguns dados foram acrescidos/atualizados através de mensagens eletrônicas trocadas com o autor em 08/07/2013.

Além de onze livros, Dalin também tem quase três dezenas de escritos entre capítulos de livros, ensaios e artigos publicados em jornais e revistas. Ele, ainda, fez parte do conselho editorial e consultivo da revista *First Things*, do conselho editorial do *Jornal Conservative Judaism*, e foi membro do conselho acadêmico consultivo da Sociedade de História Judaica Americana. A família de Dalin é formada por várias gerações de rabinos. Além de bisneto e neto de rabinos, seu pai, William Dalin foi rabino em São Francisco, Califórnia e seu irmão Ralph Dalin é rabino em Rockaway, New Jersey<sup>304</sup>.

## 2.2 - A obra *The Myth of Hitler's Pope*

Seis anos após a publicação do livro de John Cornwell, *O Papa de Hitler*, a pesquisa acadêmica do rabino e professor americano David G. Dalin resultou em uma obra que em seus sete capítulos refuta as acusações contra Pio XII, em resposta à obra de Cornwell, mas também às de Susan Zuccotti, Daniel Goldhagen, James Carrol, David Kertzer e outros.

*The Myth of Hitler's Pope* (O Mito do Papa de Hitler), é o título de seu livro publicado em 2005 pela editora americana Regnery, obra depois traduzida para o francês, espanhol e italiano. Dalin inicia considerando uma ironia que quase sessenta anos após o Holocausto, quando se observa “o virulento antissemitismo dos fundamentalistas islâmicos crescendo rapidamente entre seculares europeus, – que os meios de comunicação liberais do ocidente tentem culpar Pio XII e a própria Igreja Católica de antissemitismo”<sup>305</sup>.

---

<sup>304</sup> cf. PEARL, Lesley. Rabbi William Dalin, first leader of S.F.'s Ner Tamid, dies at 90. In: *Jweekly.com*. August 30 1996. Disponível em: <<http://www.jweekly.com/includes/print/3966/article/rabbi-wil...>>. Acesso em 09/07/2013.

<sup>305</sup> DALIN, David G. *The myth of Hitler's Pope: how pope Pius XII rescued jews from the nazis*. Washington, DC: Regnery, 2005. p. 1. (tradução nossa).



O autor afirma que a ironia se torna ainda mais patente quando se observa que até 1963 – antes da estreia da peça teatral *O Vigário* de Rolf Hochhuth – as censuras a Pio XII, respeitado por cristãos e judeus, soariam incompreensíveis aos seus contemporâneos. Dalin então se pergunta porque o mito criado por uma obra de ficção persiste após 40 anos de sua estreia, e qual a importância em combater a distorção dos fatos provocadas por este mito.

Cada vez mais uma classe de intelectuais de esquerda quer denegrir não só o catolicismo tradicional, mas o cristianismo e mesmo o Judaísmo. Não é por acaso que alguns dos mais extremos detratores do papa - incluindo James Carrol [...] e Garry Wills [...] são também críticos abertos do falecido Papa João Paulo II<sup>306</sup>.

Os autores católicos liberais que acusam Pio XII exploram o tema do Holocausto não para uma genuína defesa dos judeus, mas apenas como um pretexto em favor de sua combativa agenda. O seu real desejo é o de impor mudanças no perfil da Igreja – que consideram conservador – em relação às questões morais ligadas à sexualidade, incluindo aborto, contracepção, celibato, bem como o papel das mulheres na Igreja<sup>307</sup>.

Dalin afirma que a mídia dominante privilegia as publicações dos críticos da Igreja, razão pela qual são alardeados como bestsellers as obras de autores como John Cornwell. Contudo, livros favoráveis a Pio XII como os de Ronald Rychlak, Pierre Blet, Margherita Marchione, Ralph McInerny e Jose Sanchez, entre outros, não despertam o interesse das editoras seculares e somente tem suas publicações aceitas por pequenas editoras ou editoras católicas que não recebem a mesma cobertura da grande imprensa.

---

<sup>306</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 2. (tradução nossa).

<sup>307</sup> cf. *Ibid.* p. 2.

Como consequência, o público tem mais acesso às obras divulgadas massivamente, ou seja, as que acusam de Pio XII. Assim, a opinião que se forma a partir desse balanço desfavorável acaba deformada pois, independente da qualidade das pesquisas e publicações, prevalece quantitativamente para o conhecimento público as acusações, muito mais que as defesas.

Além dos autores católicos liberais que acusam Pio XII, Dalin reconhece e lamenta que entre os detratores se encontrem autores judeus como Guenter Levy, Saul Friedlander e outros – mas afirma que para cada um destes detratores, Pio XII é abençoado com um correspondente defensor judeu. E entre estes cita Pinchas Lapide, Joseph L. Lichten, Jeno Levai, Robert M. W. Kempner, entre outros.

Kempner, por exemplo, representante dos EUA no julgamento de Nuremberg, como um dos membros da promotoria, afirmou que os difamadores de Pio XII agem como os revisionistas que negam a extensão e a plenitude do Holocausto.

Nos anos recentes não faltaram tentativas forçadas ou maliciosas para obscurecer ou interpretar perversamente este fato histórico... Nos referimos aqui a outro método deliberado, ou no mínimo negligentemente aplicado, que visa reduzir a culpa daqueles que foram realmente responsáveis<sup>308</sup>.

E Dalin continua a reproduzir a explicação de Kempner sobre o método que é utilizado pelos detratores de Pio XII.

Isto é feito concentrando-se a culpa pelo Holocausto não sobre Hitler como figura central do sistema de aniquilação dos judeus, mas sobre o Papa Pio XII, através da propagação na imprensa e no teatro de uma nova teoria [...]:

---

<sup>308</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 12. (tradução nossa).

o Papa Pio XII nunca fez um protesto enérgico contra a 'Solução Final para o problema judaico' de Hitler, e foi por isto que a catástrofe atingiu tais proporções. Tanto a premissa quanto a conclusão são igualmente insustentáveis. Os arquivos do Vaticano, das autoridades diocesanas, e do Ministério das Relações Exteriores de Ribbentrop registram uma séria de protestos - diretos e indiretos, diplomáticos e públicos, secretos e abertos<sup>309</sup>.

Um dos argumentos mais enfatizados pelo Rabino David Dalin é a sua convicção de que ao contrário do que os detratores de Pio XII afirmam, os atos deste papa em favor dos judeus recomendam que, ao invés do epíteto de *Papa de Hitler* que tentam lhe imputar, ele merece ser reconhecido como *Justo entre as Nações*, título com que os judeus já honraram vários membros do clero e episcopado católico. Dentre estes, Dalin, exemplificando cita o Monsenhor Angelo Rotta e o cardeal Pietro Palazzini<sup>310</sup>.

Um aspecto original que distingue esta obra de David Dalin é a contraposição que ele faz entre Pio XII que considera acusado injustamente e o grade mufti de Jerusalém, Hajj Amin al-Husseini, um aberto aliado de Hitler que se encontrou várias vezes com o Führer. E Dalin afirma que “é o Islamismo radical, aliado ostensivo de Hitler na Segunda Guerra Mundial, e não a Igreja Católica, a ameaça aos judeus da atualidade<sup>311</sup>”.

Em outra linha de argumentação defensiva, Dalin opõe-se aos muitos autores liberais que traçam uma linha contínua de antissemitismo atravessando a história do papado nos períodos medieval e moderno – culminando durante o pontificado de Pio XII, com os horrores da Shoah, envoltos pelas nuvens de violência disseminada da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>309</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 12. (tradução nossa).

<sup>310</sup> cf. *Ibid.* p. 15.

<sup>311</sup> *Ibid.* p. 16. (tradução nossa).

Dalín nomeia neste alinhamento autores como David Kertzer, James Carroll e Daniel Goldhagen. Contudo, afirma que esta visão não corresponde à realidade dos fatos históricos, tendo em vista o extenso número de papas que se posicionaram francamente em linha de proteção aos judeus no curso da história.

O papa Gregório I, o Magno, (590-604) inaugurou a tradição de defesa dos judeus. Seu decreto *Sicut Judaeis* (Quanto aos Judeus) proibia que se vilipendiassem os judeus e permitia que estes vivessem como romanos, possuindo e administrando seus bens com autonomia<sup>312</sup>. Muitos de seus sucessores seguiram a senda aberta por Gregório Magno.

Entre estes se pode mencionar Gregório X (1271-1276), Clemente VI (1342-1352), Bonifácio IX (1389-1403), Martinho V (1417-1431), Sisto IV (1471-1484), Nicolau V (1447-1455), Alexandre VI (1492-1503), Julio II (1503-1513), Leão X (1513-1521), Clemente VII (1523-1534) e Paulo III (1534-1549).

Um eixo problemático da relação entre cristãos e judeus teve início na Idade Média (século XII) e se arrastou até o século XX. Trata-se da questão do chamado “Libelo de Sangue”, pelo qual os judeus foram acusados da prática de sacrifício rituais de crianças – acusação infundada que mereceu o repúdio de diversos papas ao longo do tempo, inclusive através de bulas papais. A primeira delas foi promulgada por Inocêncio IV em 1247.

Inocêncio IV não apenas condenou tais acusações fantasiosas como proibiu aos católicos de colaborar na propagação destas fantasias persecutórias contra os judeus sob pena da perda do ofício que exercessem e até mesmo a excomunhão da Igreja<sup>313</sup>. Vários papas posteriores viriam a manter estas orientações exaradas por Inocêncio IV.

---

<sup>312</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 19. (tradução nossa).

<sup>313</sup> cf. *Ibid.* p. 31.

Leão XIII (1878-1903) foi o último papa do século XIX e o primeiro do século XX, e foi uma das poucas lideranças religiosas que tomou partido a favor do capitão Dreyfus, militar francês falsamente acusado de traição. Seus sucessores, Pio X (1903-1914) e depois Bento XV (1914-1922), ambos se opuseram e denunciaram o antissemitismo – fato que não costuma ser declinado pelos detratores dos papas, como Kertzer, Carrol e Goldhagen.

O papa seguinte foi Pio XI (1922-1939), pontífice do período entre guerras, conhecido por sua franca rejeição ao antissemitismo e por suas frequentes defesas em relação aos judeus. “Pio XI foi amigo de rabinos italianos e de outros líderes judeus desde seus tempos como diretor da Biblioteca Ambrosiana de Milão, quando frequentemente discutia manuscritos hebreus com o rabino chefe de Milão e outros notáveis da comunidade judaica do lugar”<sup>314</sup>.

Em março de 1937 Pio XI publicou a encíclica *Mit Brenender Sorge* (Com profunda preocupação), escrita em alemão para que o povo alemão tivesse conhecimento de sua mensagem. É uma condenação explícita às teorias raciais do nazismo. A reação nazista foi raivosa e ameaçadora, por ter sido considerada uma agressão às autoridades do nacional socialismo alemão e, ao mesmo tempo, um posicionamento favorável para com os judeus<sup>315</sup>.

Pio XI em muitas ocasiões manifestou expressamente a sua apreciação pelos judeus e sua condenação explícita ao antissemitismo. Uma famosa locução foi proferida em 06 de setembro de 1938 quando recebia um grupo de peregrinos belgas e, após a leitura de uma oração de um antigo livro de orações, com lágrimas nos olhos ele sentenciou: “o antissemitismo é inadmissível, espiritualmente, somos todos semitas”<sup>316</sup>.

---

<sup>314</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 37. (tradução nossa).

<sup>315</sup> cf. *Ibid.* p. 39.

<sup>316</sup> *Ibid.* p. 40.

Pio XI desejava fazer uma condenação ao antissemitismo através de uma encíclica cujo esboço encomendou ao padre jesuíta LaFarge. LaFarge entregou o trabalho feito ao superior geral dos jesuítas, Pe. Ledochowski que a reteve meses a fio e quando a enviou ao papa ele já se achava enfermo, vindo a falecer em seguida sem que a encíclica fosse publicada. Mas registros dela permaneceram nos Arquivos do Vaticano<sup>317</sup>.

À sua morte, Pio XI recebeu homenagens póstumas generalizadas dos judeus. Algo que pode ser sintetizado na homenagem prestada por Bernard Joseph em nome da Agência Judaica – futuro governo do Estado israelense e dirigida ao patriarca latino em Jerusalém: “Juntamente com toda a civilização humana, o povo judeu pranteia a perda de um dos maiores expoentes da causa da paz e da boa vontade entre as nações”<sup>318</sup>.

Estas foram as heranças da tradição do papado que Pio XII recebeu. E seguindo as pegadas destes antecessores, Pio XII defendeu os judeus da perseguição sistemática a que sempre estiveram expostos – mas que de maneira brutal se consumou na Shoah durante a Segunda Guerra Mundial.

Dalin revela em seu livro diversas situações favoráveis a Pio XII e que são omitidas nas obras resultantes das pesquisas de seus detratores como Cornwell, Zuccotti, Goldhagen, Kertzer e outros. Dentre estas situações que desmentem o presumido antissemitismo atribuído a Pio XII por seus acusadores, Dalin cita as amizades da juventude nutridas por Eugênio Pacelli em relação aos seus colegas de classe, com destaque para Guido Mendes – relacionamentos que o ajudaram a rejeitar quaisquer sentimentos de antissemitismo<sup>319</sup>.

---

<sup>317</sup> cf. DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 41.

<sup>318</sup> Ibid. p.42.

<sup>319</sup> cf. Ibid. p. 54.

Dalin também faz referência aos quarenta e quatro pronunciamentos feitos pelo cardeal Pacelli enquanto núncio na Alemanha, entre os anos de 1917 a 1929, dos quais “quarenta denunciavam algum aspecto da ideologia do Nazismo emergente”<sup>320</sup>.

E também afirma que os detratores de Pio XII não mencionam o fato de que durante os anos da década de 1930, “a imprensa nazista ridicularizou Pacelli como o cardeal de Pio XI que 'amava os judeus', em virtude dos mais de 55 protestos que enviou ao regime nazista enquanto servia como Secretário de Estado do Vaticano”<sup>321</sup>.

E aquela importante afirmação de 1938 contida na frase de Pio XI que se tornou famosa, foi endossada por Pacelli que a repetiu publicamente, “é impossível para um cristão se associar ao antissemitismo, o antissemitismo é inadmissível; espiritualmente, somos todos semitas”<sup>322</sup>. O proeminente filósofo católico Jacques Maritain, um anos após essa frase ter sido pronunciada, elogiou Pio XI e Pacelli quando escreveu “espiritualmente somos todos Semitas – nenhuma palavra mais forte foi proferida por um cristão contra o antissemitismo, e este cristão era o sucessor do Apóstolo Pedro”<sup>323</sup>.

O quarto capítulo do livro é central e emblemático para situar o pensamento de Dalin em defesa de Pio XII quanto às suas ações em favor dos judeus durante o Holocausto. Adotando uma posição diametralmente oposta à de vários detratores, em especial John Cornwell que em suas acusações identifica Pio XII como “o Papa de Hitler”, David Dalin conclui que este papa, por seus esforços e atos de salvamentos de judeus merece o título de *Justo entre as Nações*.

---

<sup>320</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 63. (tradução nossa).

<sup>321</sup> Ibid. p. 64. (tradução nossa).

<sup>322</sup> Ibid. p. 66. (tradução nossa).

<sup>323</sup> Ibid. p. 66-67. (tradução nossa).

Meses antes da eleição de Pio XII para suceder Pio XI, Mussolini publicara o seu *Manifesto da Raça* através do qual os judeus italianos passaram a ser considerados estranhos inassimiláveis. A legislação antissemita de Mussolini demitiu centenas de judeus dos organismos do governo e das universidades, bem como os impediu de exercerem livremente suas outras profissões. Logo no início de seu pontificado Pio XII respondeu a esta situação admitindo vários acadêmicos judeus para trabalharem na Biblioteca Vaticana.

Dentre estes se destacam o eminente cartógrafo Robert Almagia, o Professor Giorgio Levi della Vida – grande autoridade judaica sobre o Islã, e o Professor Tullio Levi-Civita – físico de grande renome. Pio XII também providenciou documentos que habilitaram outros professores a emigrarem para a Palestina ou para a América. Neste caso se inscrevem o seu amigo de juventude, o médico Guido Mendes e o físico e matemático Vito Voltera.

Quanto aos protestos frontais contra a perseguição nazista serem ineficientes e objetos de retaliações é um argumento pontuado por defensores de Pio XII que citam o exemplo da Holanda, onde os bispos – que atribuíram ao papa sua inspiração para fazê-lo – protestaram claramente contra o tratamento desumano conferido aos judeus. O resultado final verificado foi que a retaliação nazista na Holanda foi tamanha que 79 por cento da população judaica do país foi deportada para os campos da morte<sup>324</sup>

Em muitas ocasiões líderes das comunidades judaicas dos países ocupados pelos nazistas pediram que os bispos e o papa não se pronunciassem publicamente contra a perseguição nazista em vista das inevitáveis represálias que estas atitudes provocavam. Há registros destes fatos, por exemplo, em relação ao bispo Von Galen na sua diocese na Alemanha e igualmente ao bispo Jean Bernard de Luxemburgo.

---

<sup>324</sup> cf. DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 80.



Os detratores de Pio XII, particularmente Susan Zuccotti, fazem referência à prisão de 1259 judeus em 16 de outubro de 1943 – sob as janelas do papa. Alegam sem comprovações que Pio XII teve conhecimento prévio do fato – embora existam evidências conhecidas concordando em que ele soube das prisões dos judeus apenas na manhã do próprio dia 16, quando já era um fato consumado. Pio XII protestou e, embora 1095 destes judeus presos tenham sido deportados – a partir daquele dia não ocorreram mais prisões em massa em Roma – embora se saiba que o plano nazista consistia na deportação de todos os judeus romanos.

Incluindo as prisões em massa do dia 16 de outubro de 1943 e as que depois foram realizadas de maneira esparsa, um total de 2091 judeus foram deportados de Roma para campos de extermínio nazistas. É possível afirmar que a abertura de conventos, escolas, igrejas e outros estabelecimentos religiosos – incluindo a residência de verão do Papa em Castelgandolfo e o próprio Vaticano onde foram acolhidos judeus em perigo de morte, foi um elemento essencial na preservação de suas vidas. Como consequência, a quantidade de judeus mortos na Itália foi a menor dentre os países ocupados pelo regime nazista.

Há inúmeros registros de salvamentos de judeus realizados por bispos, padres e leigos católicos – o que não é refutado pelos detratores de Pio XII. O que estes rejeitam é aceitar que o papa tenha ordenado as ações de salvamento ou mesmo influenciado para que membros da Igreja oferecessem ajuda concreta aos judeus.

Susan Zuccotti, por exemplo, dedica páginas e páginas de seu livro *Under his very windows* (Sob suas próprias janelas), para negar algum papel de Pio XII nos salvamentos de judeus da Roma ocupada em 1943 pelos nazistas. Sua alegação é a inexistência de documentos ordenando expressamente ações em prol dos judeus.

Dalin, reagindo ao ceticismo de Zuccotti, afirma que existem vários testemunhos em primeira pessoa que confirmam as instruções de Pio XII. E cita os cardeais Roncalli e Martini, assim como o monsenhor John Patrick Carrol-Abbing que deixou registrado seu testemunho em dois livros escritos em 1952 e 1965, e ainda, o núncio Rotta em conjunto com o ainda jovem Tibor Baranski que o assistiu nas ações de resgate de judeus. Este último sempre insistiu afirmando que ele e Rotta agiram sempre em nome e sob as orientações de Pio XII<sup>325</sup>.

Creditaram igualmente a Pio XII os seus feitos em favor dos judeus o jesuíta padre Henri de Lubac, o bispo italiano Giuseppe Palatucci e, talvez o mais conhecido de todos, o capuchinho padre Pierre-Marie Benoit – que muitos chamaram de *pai dos judeus*. Benoit acabou assumindo a direção da organização judaica DELASEM quando seu presidente judeu foi preso pelos nazistas.

Contrariando as afirmações de Zuccotti e outros detratores de Pio XII de que este benfeitor realizara por conta própria e sem qualquer suporte do Vaticano todas as suas atividades de salvamento de judeus, o próprio padre Benoit afirma que teve apoio explícito do papa através de palavras de encorajamento e de suporte financeiro. O assistente do padre Benoit, Fernande Leboucher, também atesta em seu livro *A incrível missão do Padre Benoit*, que este recebeu em torno de quatro milhões de dólares do Vaticano para a sua organização – a maior parte desta soma provinda do Comitê Católico Americano para os refugiados<sup>326</sup>.

Cornwell, Zuccotti e vários críticos não mencionam que milhares de judeus foram acolhidos na própria residência de verão do Papa em Castelgandolfo. No período em que Roma esteve sob ocupação alemã, nada menos que três mil judeus ali estiveram refugiados.

---

<sup>325</sup> cf. DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 88.

<sup>326</sup> cf. *Ibid.* p. 91-92.

Outros críticos, quando mencionam este fato, afirmam – de forma absurda – que isto teria ocorrido sem a anuência ou o conhecimento de Pio XII. Mas, de acordo com inúmeros testemunhos, inclusive o monsenhor Carrol-Abbing, foi o próprio Pio XII que autorizou esta ação de abrigo em Castelgandolfo.

O salvamento de muitos milhares de judeus se tornou possível graças à associação de esforços do núncio Angelo Rotta na Hungria e do então arcebispo Angelo Roncalli na Bulgária, Eslováquia, Turquia e Transnístria – uma província romena. Ambos contaram com o apoio de líderes judeus como Isaac Herzog e Chaim Barlas – resultando em grande sucesso os seus esforços conjuntos. Dalin cita, neste sentido, o rabino chefe da Romênia, Alexander Safran, que em 7 de abril agradeceu ao delegado apostólico Roncalli pelos esforços em prol dos judeus romenos.

Não nos é fácil encontrar as palavras corretas para expressar a cordialidade e a consolação que experimentamos por causa da preocupação do supremo pontífice que ofereceu uma grande soma para aliviar os sofrimentos dos judeus deportados, sofrimentos que o senhor lhe noticiou após ter visitado a Transnístria. Os judeus da Romênia nunca esquecerão estes fatos de importância histórica<sup>327</sup>.

Quando em 1957 o Cônsul Geral de Israel no Vaticano agradeceu em nome daquele Estado ao Cardeal Roncalli pela ajuda inestimável que este prestara com a finalidade de salvar milhares de judeus – o futuro papa João XXIII o interrompeu elevando as mãos e afirmando que diante daquelas situações dolorosas “eu as relatei à Santa Sé e em seguida simplesmente executei as ordens do papa: primeiro e sobretudo salvar vidas humanas”<sup>328</sup>.

---

<sup>327</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 95-96. (tradução nossa).

<sup>328</sup> Ibid. p. 96. (tradução nossa).

Além dos relatos que testemunham as ações de salvamento inspiradas nas diretrizes de Pio XII, o autor menciona variados registros de protestos diretos do papa ou de seus subordinados em relação à perseguição aos judeus da Itália, Hungria, Eslováquia e Transnístria. E as manifestações de reconhecimento e gratidão que se seguiram da parte de personalidades e autoridades judaicas é um dos principais elementos que ratificam a existência de ações concretas do Vaticano e do papa justificando tais gratas expressões.

Dalin menciona as manifestações de Albert Einstein, Chaim Weizman – que se tornaria o primeiro presidente de Israel, rabino Maurice Pelzweig, Judge Joseph Proskauer – presidente do Comitê Judaico Americano, rabino Louis Finkelstein – chanceler do Seminário Judaico Teológico da América, Moshe Sharet – futuro ministro do exterior e primeiro ministro de Israel, rabino Isaac Herzog, Alexander Safran – rabino chefe da Romênia.

E, ainda, Leon Kubowitzky – o segundo secretário geral do Congresso Judaico Mundial, Maurice Edelman – membro do parlamento britânico e presidente da Associação Anglo-Judaica, Rafael Cantom – dirigente da comunidade Judaico-Italiana junto ao Comitê de Assistência Judaica na guerra, William Rosenvald e Golda Meir, então ministra dos negócios estrangeiros de Israel, que manifestou seu pesar por ocasião da morte de Pio XII, em 1958.

Dalin também refuta as invectivas de Susan Zuccotti e outros detratores de Pio XII que veem motivações políticas nas expressões de gratidão de personalidades judaicas e não um genuíno ato de reconhecimento. Para Dalin, tais afirmações equivalem a uma banalização do Holocausto e a um desrespeito ao sincero sentimento manifestado pela geração de judeus que viveram naquele período e que reconheceram os esforços de Pio XII em favor de seus contemporâneos que foram as principais vítimas do nazismo.

Após fazer todas as considerações sobre as ações do Vaticano e seus representantes em favor dos judeus durante os episódios do Holocausto, Dalin acredita que é chegada a hora de “Pio XII receber o reconhecimento formal do Yad Vashem [Memorial e museu do Holocausto em Jerusalém] como um dos 'justos entre as nações'”<sup>329</sup>.

Dalin também aponta em seu livro a existência de um padrão duplo adotado pelos meios de comunicação liberais em seu combate a Pio XII ao “popularizar e perpetuar o mito do papa de Hitler e ao mesmo tempo reduzir ou ignorar as evidências em contrário”<sup>330</sup>. E ele ilustra sua afirmação citando o caso de uma nova acusação contra Pio XII levantada no final de dezembro de 2004 pelo jornal *Il Corriere della Sera* afirmando que o papa teria ordenado ao núncio na França, Angelo Roncalli, que crianças judias batizadas abrigadas por instituições e lares católicos não fossem devolvidas às suas famílias ou instituições judaicas.

O artigo publicado no *Il Corriere de la Sera* pelo jornalista e historiador Alberto Melloni, teve por base uma tradução francesa de uma orientação transmitida pelo Monsenhor Domenico Tardini, assistente de Pio XII. A tradução, por engano ou má-fé, inverte totalmente o sentido do texto original em italiano que o jornalista Andrea Tornielli localizou no Centro Nacional dos Arquivos da Igreja na França. A instrução de Tardini orienta exatamente no sentido contrário, ou seja – que as crianças judias abrigadas durante a guerra fossem devolvidas aos seus pais ou instituições judaicas.

Mas à grande cobertura dada ao artigo de Alberto Melloni não correspondeu igual atenção ao desmentido. O mesmo se pode dizer da grande repercussão às escandalosas acusações de Cornwell em seu livro *O Papa de Hitler*, das quais em parte ele se retratou.

---

<sup>329</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 105. (tradução nossa).

<sup>330</sup> Ibid. p. 112. (tradução nossa).

De fato, foi praticamente ignorada pela mídia secular a retratação parcial de Cornwell em sua obra de 2004, *The Pontiff in Winter* (O Pontífice no Inverno). Neste livro ele contemporiza suas acusações afirmando que as novas evidências surgidas após a publicação de *O Papa de Hitler*, tornam difícil julgar as ações de Pio XII nos tempos de guerra<sup>331</sup>.

E no penúltimo capítulo de seu livro o rabino David Dalin insere no contexto da polêmica um aspecto não abordado por outros autores. Ele compara as ações de Pio XII em favor dos judeus – fato rejeitado pela mídia liberal dominante, – com as do Grande Mufti de Jerusalém (suprema autoridade muçulmana) Al-Husseini, simpatizante de Hitler e seu aliado contra os judeus – algo que a grande mídia simplesmente ignora. Husseini tem um histórico de lutas contra o Sionismo e contra a imigração de judeus para a Palestina.

Dalin parafraseia a afirmação de Cornwell sobre Pio XII que teria sido o clérigo mais perigoso da história moderna, atuando como o *Papa de Hitler*, substituindo este entendimento por sua constatação de que, de fato, Al-Husseini foi este clérigo perigoso e atuou como “o *Mufti de Hitler*”<sup>332</sup>. Para Dalin, o antissemitismo da atualidade não tem relação com a Igreja Católica mas sim com o mundo islâmico, em desdobramentos de atitudes como as de Husseini, que foi inspirador e representante exemplar do antissemitismo no mundo árabe.

Nenhuma surpresa que o livro de Dalin tenha sido liminarmente ignorado pela mídia secular que namora as ideias liberais e repele os ideais conservadores. Quando a obra de Dalin é mencionada nestes meios, quase sempre o é para ser criticada e alinhada entre as defesas meramente apologéticas de Pio XII. Suas fontes são consideradas pelos críticos como comprometidas ou de historicidade duvidosa.

---

<sup>331</sup> cf. DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 112; 118.

<sup>332</sup> *Ibid.* p. 131.

Esta posição dos meios de comunicação em geral são coerentes com os seus juízos sobre outros autores que defendem Pio XII – quaisquer que sejam as suas fontes. A pequena repercussão do livro do padre Blet é um exemplo que corrobora esta asserção, apesar do uso de fontes primárias dos Arquivos do Vaticano, bem como de outros arquivos autorizados.

À guisa de conclusão de nossa avaliação sobre esta obra de David Dalin, traçaremos algumas considerações sobre as razões que levaram este rabino judeu conservador a pesquisar e escrever um livro ratificando as posições de defensores de Pio XII e refutando as acusações de diversos autores como John Cornwell, Susan Zuccotti, James Carrol, Garry Wills e Daniel Jonah Goldhagen, entre outros.

### **2.3 - As razões da defesa do rabino David Dalin**

John Cornwell afirmou em seu livro *O Papa de Hitler* que sua pesquisa visava inocentar Pio XII das acusações que ouvira de alguns alunos de pós graduação durante um jantar em comum. Mas em determinado momento da pesquisa constatou ter se encontrado em um estado de choque moral pois, além de não descobrir elementos para inocentar Pio XII, as evidências que encontrou o incriminavam e indicavam que ele fora, de fato, *o Papa de Hitler*.

Quais seriam as razões do rabino David Dalin para ingressar nesta polêmica, colocando-se no polo oposto, em companhia dos defensores de Pio XII? Ele mesmo conta, nos “Agradecimentos” finais de seu livro, que a gênese deste trabalho se deu a partir de seu ensaio intitulado *Pius XII and the Jews* (Pio XII e os judeus) publicado pela revista *Weekly Standard* em 26 de fevereiro de 2001 a convite do amigo e editor da revista, Joseph Bottum. Mais tarde Dalin ainda publicaria na mesma revista, outros dois ensaios sobre Pio XII.

Ele ainda conta que começou sua pesquisa para o livro *The Myth of Hitler's Pope* na *Princeton University*, durante o ano acadêmico 2002-2003 quando atuou como membro visitante em um programa da *James Madison*. Mas suas razões foram melhor esclarecidas por seu amigo Joseph Bottum, em um artigo publicado na revista *First Things* em abril de 2004, sob o título de *The end of the Pius Wars* (O fim das Guerras de Pio)<sup>333</sup>.

Neste artigo Bottum faz um passeio panorâmico sobre a literatura recente pró e contra Pio XII que tivera seu advento com a peça teatral de Rolf Hochhuth. E afirma que começou a sentir um mal estar a cada vez que lia as sucessivas obras que detratavam Pio XII, culminando com sua recusa em fazer avaliações críticas para a revista *Weekly Standard*, onde trabalhava, sobre novas obras que surgiam com este mesmo padrão de acusações contra Pio XII.

Encontrando-se casualmente com David Dalin em Washington, DC, ouviu deste que estava lendo os livros de Cornwell e Zuccotti, e que "havia algo nestes livros que ele não confiava: um manifesto desejo de encontrar culpa, houvesse ou não, um tom fortuito e raivoso que o aborrecia"<sup>334</sup>. A partir da sintonia que este tipo de literatura despertava em ambos, Bottum convidou Dalin para elaborar um ensaio avaliando as obras mais recentes sobre a polêmica – trabalho seminal que introduziu Dalin no universo de pesquisas sobre Pio XII.

Outra explicação adicional que ajuda a justificar a adesão de David Dalin ao grupo dos autores que defendem Pio XII é o seu alinhamento entre os rabinos judeus conservadores. O próprio autor afirma que os judeus conservadores veem cada vez mais os religiosos cristãos conservadores como aliados.

---

<sup>333</sup> BOTTUM, Joseph. The End of the Pius Wars. In: *First Things*. April 2004. Disponível em: <<http://www.firstthings.com/article/2008/12/001-the-end-of-the-pius-wars-1>>. Acesso em: 09/07/2013.

<sup>334</sup> Ibid. p. 10. (tradução nossa).



Conservadores judeus e cristãos tem ideias convergentes em questões como a liberdade de expressão religiosa, a importância da fé para a vida, o apoio ao casamento tradicional, a oposição ao aborto e o suporte às escolas religiosas. A oposição ao antissemitismo e ao antiamericanismo de grupos islâmicos extremistas e de ateístas militantes de esquerda são outras questões que unem judeus e cristãos conservadores nos Estados Unidos e alhures.

Dalín também se perfila ao lado dos defensores de Pio XII por considerar que os ataques aos judeus durante seu pontificado não partiam de cristãos devotos que foram “os primeiros a resgatar vidas de judeus no Holocausto, mas dos nazistas anti-católicos, ateus comunistas e do Mufti de Hitler em Jerusalém”<sup>335</sup>.

Mas entre os defensores de Pio XII não encontramos apenas rabinos judeus conservadores. Neste grupo também identificamos membros da hierarquia eclesiástica, religiosos e estudiosos leigos católicos, além de outros estudiosos de perfil conservador não necessariamente vinculados ao catolicismo. Um grupo de formação heterogênea, composto por autores ecleticamente distribuídos entre historiadores, jornalistas, professores e estudiosos de outras áreas. Nas páginas a seguir, avaliaremos alguns trabalhos destes autores.

### **3 - Outros autores que defendem Pio XII em sua atuação nos episódios da Shoah**

Entre as publicações refletindo a polêmica sobre Pio XII, cada nova acusação suscita não apenas artigos escritos para refutar ou corroborar os argumentos dos detratores, mas também um incremento de novas pesquisas com a finalidade de defender a sua imagem.

---

<sup>335</sup> DALIN, David G. *The Myth of Hitler's Pope...* p. 125.

Na primeira onda de acusações contra Pio XII surgida após a peça *O Vigário* de Rolf Hochhuth em 1963, as reações iniciais de defesa se deram através de artigos, comentários e revisões críticas em jornais e revistas. O mesmo se deu após a publicação do livro de Cornwell, *O Papa de Hitler*, em 1999.

Livros em defesa de Pio XII, propriamente, surgiriam apenas mais tarde, dada a necessidade de uma pesquisa para que o autor pudesse rebater as acusações. Vários destes livros de defesa tiveram origem ou inspiração em artigos e ensaios prévios escritos em defesa de Pio XII – como foi o caso da obra do rabino David Dalin, *O Mito do Papa de Hitler*.

Dentre vários autores com publicações que defendem a conduta de Pio XII durante os acontecimentos da Shoah, até aqui avaliamos o livro do jesuíta Padre Pierre Blet e em seguida abordamos a obra do rabino David Dalin, Escolhemos o primeiro por sua obra representar um desdobramento de seu trabalho na equipe de jesuítas que elaborou as Atas e Documentos da Santa Sé sobre a Segunda Guerra – a reação inicial da Igreja à onda difamatória surgida com a obra dramática de Rolf Hochhuth. E o segundo, por ter sido escrito por um rabino e por ter surgido após a segunda onda iniciada com a obra de John Cornwell, *O Papa de Hitler*.

A seguir avaliamos sinteticamente obras de outros autores que defendem Pio XII. Escolhemos as obras de Ronald J. Rychlak, *Hitler the war and the Pope* (Hitler, a guerra e o Papa), e de José M. Sánchez, *Pius XII and the Holocaust: understanding the controversy* (Pio XII e o Holocausto: entendendo a controvérsia), esta última escolhida por ser uma das mais sóbrias obras sobre a questão. Já a obra de Ronald J. Rychlak escolhemos como representativa no debate por ter sido escrita por um jurista e pesquisador católico que nas duas últimas décadas tem pesquisado e escrito livros, ensaios e artigos sobre este tema.

### 3.1 - Ronald J. Rychlak e sua obra *Hitler the War and the Pope*

Ronald J. Rychlak é professor de direito na Universidade de Mississippi desde 1987, tendo nascido em Columbus, Ohio, nos Estados Unidos, em 23 de setembro de 1957. Além de suas atividades como professor de direito, Rychlak tem atuado como membro de vários conselhos acadêmicos, civis, atléticos e científicos. Também é conselheiro do comitê do Estado do Mississippi na Comissão de Direitos Civis dos Estados Unidos desde 2007 e conselheiro membro da delegação do Vaticano na ONU desde o ano 2000<sup>336</sup>.

Seu primeiro livro, entre os vários que escreveu ou colaborou para tratar da questão de Pio XII e a Shoah é o que aqui avaliamos, *Hitler, the War, and the Pope* (Hitler, a Guerra, e o Papa), publicado em 2000<sup>337</sup>. O projeto deste livro começou casualmente quando o autor ouviu um amigo acusando Pio XII de ter sido um nazista. Desejando refutar o amigo pesquisou em bibliotecas e leu muitas biografias de líderes religiosos daquele tempo – inclusive de Pio XII, e outros livros sobre a Segunda Guerra, sobre a ascensão de Hitler e relações internacionais. Mas tais livros não esclareceram o suficiente para rebater a acusação.

O autor decidiu, então, fazer a sua própria pesquisa para melhor avaliar a performance de Pio XII e descobrir quais teriam sido as suas ações ou inações, silêncios e palavras. E ao fazê-lo, levar em conta o contexto próprio do tempo em que se deram os acontecimentos, considerando que “a melhor maneira de analisar o desempenho de Pio XII durante o período da guerra é ver o mundo a partir da perspectiva do Vaticano durante aquela época”<sup>338</sup>.

---

<sup>336</sup> RYCHLAK, Ronald J. *Curriculum Vitae*. Disponível em: <<http://law.olemiss.edu/assets/rychlak-cv.pdf>>. Acesso em: 19/07/2013; e, RYCHLAK, Ronald Joseph. University of Mississippi School of Law. Disponível em: <[http://www.martindale.com/Search\\_Tools/Law\\_Schools/schl0500.aspx](http://www.martindale.com/Search_Tools/Law_Schools/schl0500.aspx)>. Acesso em 20/07/ 2013.

<sup>337</sup> RYCHLAK, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope*. Huntington: Our Sunday Visitor, 2000.

<sup>338</sup> *Ibid.* p. 3. (tradução nossa).

Pacelli, já durante a Primeira Guerra teve um papel relevante na ajuda humanitária que Bento XV quis oferecer às vítimas daquele conflito bélico. Esta experiência o inspiraria mais tarde em ações equivalentes por ocasião da Segunda Guerra.

O risco representado pela eventual chegada ao poder de um governo nazista na Alemanha foi denunciado repetidamente por Pacelli durante o período em que foi Núncio em Munique e Berlim, o que se pode deduzir a partir de seus discursos da época. “Dentre os 44 pronunciamentos que o Núncio Pacelli fez na Alemanha entre 1917 e 1929, pelo menos 40 continham ataques às doutrinas do Nacional Socialismo ou de Hitler”<sup>339</sup>.

A despeito das suas advertências, Hitler alcançaria o poder máximo na Alemanha em março de 1933. Em junho do mesmo ano o Reich assinaria um tratado de paz com a Itália, França e Reino Unido. Em seguida, devido ao desejo de Hitler em obter reconhecimento internacional e ao desejo de Pio XI em preservar a Igreja e fiéis das políticas de agressão nazista, a Santa Sé e a Alemanha assinariam uma Concordata em 20 de julho de 1933<sup>340</sup>.

Apesar das reiteradas violações da concordata por parte dos nazistas, Hitler também acusou a Igreja de desrespeitá-la ao contrariar as políticas do Nacional Socialismo através de cartas pastorais, sermões, panfletos e encíclicas que insultaram o governo. Hitler pretendia revogar a concordata ao final da guerra e chegou a afirmar, “me dará um grande prazer pessoal apontar para a Igreja todas as ocasiões que ela quebrou termos do acordo”<sup>341</sup>. Em 1935 foram promulgadas leis persecutórias contra os judeus em Nuremberg e em 1936, Pacelli – então Secretário de Estado do Vaticano, constituiu um organismo destinado a oferecer suporte para permitir a fuga de judeus da perseguição nazista<sup>342</sup>.

---

<sup>339</sup> RYCHLAK, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope...* p. 18. (tradução nossa).

<sup>340</sup> cf. *Ibid.* p. 58-59.

<sup>341</sup> *Ibid.* p. 64. (tradução nossa).

<sup>342</sup> cf. *Ibid.* p. 77-78.

Dentre os protestantes também houveram certas resistências, mas membros “realistas da Igreja Confessional reconheceram que 'qualquer oposição confessional ou política ao estado Nazista seria imprudente, se não um suicídio’”<sup>343</sup>. Hitler, de outro lado, se sentia cada vez mais confiante em seu plano de eliminar os judeus da Europa, como deixou claro em discurso por ocasião do sexto aniversário de sua ascensão ao poder, em 30 de janeiro de 1939.

Hoje serei novamente um profeta: se os financistas judeus internacionais dentro e fora da Europa conseguirem mergulhar as nações mais uma vez numa guerra mundial, então o resultado não será a bolchevização da terra e, por conseguinte, a vitória dos judeus, – mas a aniquilação da raça judaica na Europa<sup>344</sup>.

As ameaças de Hitler não foram bravatas e viriam a se consumir na aniquilação de seis milhões de judeus, além de três milhões de poloneses católicos, – afirmação recolhida por Rychlak em uma obra de Victória Barnet<sup>345</sup>.

Pio XII, através da encíclica *Summi Pontificatus* esclareceu o seu projeto de condução da Igreja, mas também a sua rejeição ao Estado sem Deus, a sua visão sobre a unidade do gênero humano e a conseqüente condenação aos racismos, ditaduras e violações de tratados<sup>346</sup>. Minutas de um encontro do alto comando Britânico avaliaram que “a encíclica é em si mesma, talvez, em alguns aspectos, o documento mais importante que a guerra já produziu e quanto maior a sua circulação tanto melhor em todos os pontos de vista”<sup>347</sup>.

---

<sup>343</sup> RYCHLAK, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope...* p. 87. (tradução nossa).

<sup>344</sup> World War II in Europe. In: *The History Place*. Disponível em: <<http://www.historyplace.com/worldwar2/timeline/threat.htm>>. Acesso em 13/07/2013.

<sup>345</sup> cf. Ibid. p. 121.

<sup>346</sup> cf. Ibid. p. 125.

<sup>347</sup> Ibid. p. 126. (tradução nossa).

Rychlak se refere aos esforços de Pio XII em organizar um serviço de socorro às vítimas da guerra. Também menciona o uso da Rádio Vaticana e do jornal *L'Osservatore Romano*, meios que enfrentaram dificuldades mas que não foram censurados, como uma forma de reagir às atrocidades nazistas. Mas, principalmente, o papa insistia na necessidade da oração como arma para enfrentar os sofrimentos da guerra. “Sob a vigilante providência divina e armado apenas com a oração, exortação e consolação, nós perseveraremos em nossa luta pela paz em favor da humanidade sofredora”<sup>348</sup>.

Pio XII mobilizou a diplomacia vaticana no sentido de aplacar a perseguição nazista e mesmo Hitler foi abordado neste sentido – sem qualquer sucesso, como relatou o núncio Cesare Orsenigo enviado para discutir a questão dos judeus na Alemanha e territórios ocupados. Hitler o ouviu impaciente, virando-lhe as costas e olhando pela vidraça da janela e “de repente, [...] virou-se, apanhou um copo de uma mesa próxima e arremessou-o ao chão em um gesto raivoso”<sup>349</sup>. Diante deste fato, o núncio considerou encerrada aquela missão.

Hitler, supondo ações de bastidores de Pio XII na deposição de Mussolini, ameaçou raptar o papa, afirmando não ter qualquer dificuldade em invadir o Vaticano. “Depois, podemos dizer que lamentamos. Podemos fazer isto facilmente. Estamos em guerra”<sup>350</sup>.

Em 16 de outubro de 1943 houve a conhecida operação em que os nazistas prenderam 1259 judeus em Roma, dos quais um pouco mais de mil deles foram deportados e mortos em Auschwitz. Imediatamente após as prisões, seguindo orientação de Pio XII, muitos edifícios eclesiásticos acolheram judeus ameaçados pelo risco de também serem deportados e mortos<sup>351</sup>.

---

<sup>348</sup> RYCHLAK, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope...* p. 156. (tradução nossa).

<sup>349</sup> *Ibid.* p. 184. (tradução nossa).

<sup>350</sup> *Ibid.* p. 200. (tradução nossa).

<sup>351</sup> cf. *Ibid.* p. 208.

Após a entrada dos soldados aliados em Roma, Pio XII foi aclamado *Defensor Civitatis* (Defensor da Cidade), recebendo muitos agradecimentos de personalidades e instituições judaicas. Entre estas, o Grupo da Brigada Judaica do Exército Americano, os capelães judeus da 5ª Companhia do Exército Americano, o Conselho de Assistência Judaico Americana, o presidente do Comitê Judaico Americano, o rabino chefe de Roma Israel Zolli.

Também expressaram gratidão o rabino Safran da Hungria, William Zukerman, a Comunidade Judaica Italiana, o Conselho dos Refugiados de Guerra, Maurice Edelman – presidente da Associação Anglo Judaica. E em 1955 os judeus italianos proclamaram o dia 17 de abril como “O Dia da Gratidão”, em tributo a Pio XII.

Rychlak conta que quando estava prestes a concluir sua pesquisa foi lançado o livro de John Cornwell, *O Papa de Hitler*. Assim, no epílogo da obra, ele refuta a argumentação de Cornwell. Inicia fazendo menção às conhecidas notas de suspeição quanto à credibilidade deste autor. Cita as edições da foto de capa do livro que induz o leitor a concluir que Pacelli saiu de um encontro com Hitler, além das alegações inverídicas de Cornwell de ter pesquisado durante meses nos Arquivos Secretos do Vaticano e de ter acessado documentos inéditos.

Em seguida Rychlak demonstra que fatos da infância de Pacelli retratados negativamente na obra *O Papa de Hitler* não correspondem à realidade. Cornwell omite a amizade de Pacelli com um colega de classe judeu, traduz incorretamente uma expressão que um seu professor teria proferido como – “judeus de coração duro” – quando a locução original em italiano não faz referência a judeus mas a “alunos estúpidos”. Pacelli também teria sido repreendido por outro professor quando afirmara que Santo Agostinho era sua figura histórica preferida, quando o professor – de fato – o elogiara por sustentar as suas crenças<sup>352</sup>.

---

<sup>352</sup> cf. RYCHLAK, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope...* p. 288-291.

Sustentado por estas informações incorretas, Cornwell afirma que as impressões de antissemitismo e autoritarismo oriundas das atitudes destes homens respeitados por uma criança pequena jamais seriam esquecidas. Rychlak concorda que, de fato, Pacelli jamais esqueceria as impressões colhidas a partir das atitudes de seus bons professores na infância<sup>353</sup>.

Cornwell atribui grande influência de Pacelli nas tratativas da Concordata Sérvia e a consequente eclosão da Primeira Guerra Mundial, mas Rychlak colige evidências que “a concordata Sérvia foi absolutamente irrelevante para a eclosão da guerra”<sup>354</sup>. Rychlak também refuta a alegada autonomia em relação a Pio XI que Pacelli teria como Secretário de Estado quando, de fato, este executava fielmente a vontade do Papa. O próprio Pio XI afirmou: “o Cardeal Pacelli fala com a minha voz”<sup>355</sup>.

Em todo o livro de Cornwell aparecem condenações a Pacelli em matérias que estavam fora da alçada deste. Destas, Rychlak destaca a dissolução do Partido de Centro Alemão, a encíclica de Pio XI que ele teria escondido e, principalmente, a acusação de antissemitismo a qual Cornwell fundamenta em dois episódios do período em que Pacelli era núncio em Munique. Um deles é a recusa de Pacelli em intervir junto ao governo italiano, com o qual o Vaticano não mantinha relações diplomáticas, visando atender ao pedido de um rabino que desejava importar palmas para uma festa judaica.

O outro episódio é a invasão da nunciatura por comunistas, relatada a Roma em uma carta que identifica os invasores como “uma gangue de mulheres jovens de aparência dúbia, judias como os demais [...] a chefe do grupo era uma jovem russa judia e divorciada [enquanto seu comandante] é um homem entre 30 e 35 anos, também russo e judeu”<sup>356</sup>.

---

<sup>353</sup> cf. RYCHLAK, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope...* p. 291.

<sup>354</sup> Ibid. p. 292. (tradução nossa).

<sup>355</sup> Ibid. p. 295. (tradução nossa).

<sup>356</sup> Ibid. p. 299. (tradução nossa).



Rychlak faz várias objeções ao trabalho de Cornwell que identifica como não genuinamente acadêmico e por suas tentativas em denegrir Pio XII visando atingir João Paulo II. Para Rychlak a intenção de Cornwell fica patenteada quando este identifica João Paulo II como Pio XII redivivo no último capítulo de seu livro. Para o autor esta parte conclusiva da obra de Cornwell demonstra que não é Pio XII o seu verdadeiro objeto de estudo. Seu objeto é o que Pio XII representa e que ele identifica como um tradicionalismo eclesiástico centralizador e em direta oposição às suas convicções perfiladas com o catolicismo liberal.

A obra de Rychlak merece respeito por ser criteriosa, bem documentada e coerente do princípio ao fim com o seu propósito de defender Pio XII. E nisto este autor se distingue de Cornwell que alegou iniciar sua pesquisa com a intenção de defender Pio XII, mas mudou diametralmente a sua posição de defensor para aberto detrator. Mas nem o viés acusatório de Cornwell nem o viés defensivo de Rychlak desqualificam seus trabalhos, tendo em vista que ambos fundamentaram suas pesquisas em evidências e fontes documentais.

Em nossa avaliação, a obra de Rychlak – apesar de seu claro objetivo em refutar as acusações dos detratores de Pio XII – nos parece oferecer argumentações mais razoáveis que as dos acusadores, especialmente devido ao fato de que este autor não tergiversa sobre seus propósitos de defesa. Algo que em nossa visão depõe favoravelmente quando à honestidade intelectual das motivações pelas quais se empenhou em profundidade na sua pesquisa.

Esta obra de Rychlak que foi publicada em 2000, apesar de respeitável e consistente, não foi a última a ser escrita sobre a polêmica de Pio XII e a Shoah. Várias outras obras foram escritas depois e uma das mais respeitadas por seu equilíbrio e ponderação é a representada pelo livro de José M. Sánchez que a seguir avaliamos.

### 3.2 - José M. Sánchez e sua obra *Pius XII and the Holocaust*

José M. Sánchez é um professor emérito de história da Universidade de Saint Louis, no Estado de Missouri, EUA. Destacamos sua obra não propriamente por ser uma defesa típica de Pio XII, mas por sua análise serena e imparcial das fontes, resultando em um trabalho de cunho acentuadamente acadêmico. Em suas conclusões ele não condena ou absolve Pio XII, mas procura esclarecer a controvérsia para que os leitores possam formar seus próprios juízos.

Sua pesquisa teve início após a Pontifícia Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo publicar em março de 1998 o documento *Nós Recordamos: uma reflexão sobre a Shoah*, na qual Pio XII era justificado em suas posições frente àquele acontecimento. O Documento reativou a polêmica, contudo, um ano depois esta já se atenuara novamente. Mas a controvérsia foi retomada com a publicação do livro de John Cornwell, *O Papa de Hitler*. A reação dos defensores de Pio XII não tardou e Margherita Marchione e Ronald Rychlak publicaram obras que foram bem recebidas entre os católicos conservadores<sup>357</sup>.

Estudos acadêmicos foram em seguida publicados por Michael Phayer e Susan Zuccotti, ambos críticos de Pio XII, e Giovanni Micoli, um crítico moderado. A perspectiva de novas obras se abria e o autor, então, decidiu ele próprio examinar escritos de críticos e defensores, observando a forma como uns e outros se citavam nas respectivas argumentações.

Para Sánchez, a controvérsia se tornara um campo livre para “anti-católicos e defensores católicos, anticlericais e clericais, libertários e autoritários, permitido a todos desabafarem seus sentimentos e frustrações independentemente dos fatos”<sup>358</sup>.

---

<sup>357</sup> cf. SÁNCHEZ, José M. *Pius XII and the Holocaust: understanding the controversy*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2002. [prefácio – p. viii]

<sup>358</sup> Ibid. p. 3. (tradução nossa).

Diante da barbárie nazista, Pio XII teve que escolher entre duas opções: silenciar qualquer protesto para proteger aos católicos, ou denunciar os nazistas por sua desumanidade contra todas as vítimas. Moralmente, a segunda opção era a mais defensável, mas dada a quase nula chance do regime nazista reagir positivamente aos seus protestos, “a primeira opção tinha melhor chance de ser bem sucedida. Este foi o dilema que Pio enfrentou”<sup>359</sup>.

Tão logo o Vaticano foi notificado sobre o início da aniquilação sistemática de judeus nos campos de concentração, os núncios papais nos países ocupados pelos nazistas protestaram e solicitaram a interrupção das deportações das vítimas para os campos de morte, obtendo, de palpável, “pouco resultado em alguns países e maior sucesso em outros”<sup>360</sup>.

Apesar de Pio XII ter escolhido o caminho diplomático para encaminhar os protestos contra as atrocidades nazistas, na sua mensagem de Natal de 1942 ele se expressou, ainda que sem citar perpetradores e vítimas, no caso, os alemães e os judeus. “A humanidade deve este voto às centenas de milhares de pessoas que, sem qualquer culpa da sua parte, às vezes apenas por causa de sua nacionalidade ou raça, são destinadas à morte ou a um lento declínio”<sup>361</sup>.

Apesar dos detratores de Pio XII considerarem que suas manifestações públicas foram tímidas e enviesadas, “parece haver pouca dúvida de que durante a guerra o governo alemão acreditava que Pio os criticava e que estava do lado dos Aliados”<sup>362</sup>.

A Santa Sé também, em iniciativas que podem ser creditadas a Pio XII, pois dificilmente poderia ser feito sem o seu aval, utilizou seguidamente a rádio Vaticano e o jornal *L'Osservatore Romano* para denunciar a perseguição contra os judeus durante a guerra.

---

<sup>359</sup> SÁNCHEZ, José M. *Pius XII and the Holocaust...* p. 38. (tradução nossa).

<sup>360</sup> *Ibid.* p. 20. (tradução nossa).

<sup>361</sup> *Ibid.* p. 57. (tradução nossa).

<sup>362</sup> *Ibid.* p. 67. (tradução nossa).

O autor afirma que provavelmente foram múltiplas as razões para o silêncio de Pio XII. A milenar hostilidade de cristãos contra judeus é um dos argumentos utilizados para associar o próprio Pio XII ao antissemitismo, o que o levaria a não se interessar e nem protestar contra a perseguição aos judeus. Outra razão seria a sua preocupação com a segurança do Vaticano e, ainda outra, seu medo de ser capturado e aprisionado<sup>363</sup>. Para Sánchez nenhuma destas razões tem grande consistência em vista das fontes que as sustentam.

Uma razão entre as que tem real fundamento é o medo de Pio XII de que sua amada Roma fosse destruída durante a guerra, e Michael Phayer é um dos que também apontam este medo do Papa. Outro fato relevante para o silêncio de Pio XII é a Concordata com a Alemanha – acordo pouco compreendido por muitos de seus detratores. O historiador Konrad Repgen considera que “a concordata não foi uma aliança e sim um instrumento de defesa”<sup>364</sup>. Assim, Pio XII manteria silêncio para evitar que Hitler revogasse tal instrumento de proteção.

Entre as alegações de detratores também aparece a de que Pio XII desejava evitar que os católicos alemães sofressem uma crise de consciência se ele condenasse Hitler e seus seguidores – induzindo-os a fazer uma escolha entre a Igreja e a nação alemã<sup>365</sup>. Mas o autor considera que outras razões tiveram mais peso que esta.

Um dos argumentos mais referidos sobre a questão do silêncio do papa, é que ele teria mais medo do comunismo que do nazismo. Seus propositores alegam que sua experiência enquanto núncio em Munique, quando enfrentou uma gangue de comunistas que invadiram a nunciatura e o ameaçaram, fariam com que – no futuro – este trauma sempre o acompanhasse e criasse uma ojeriza em particular contra os comunistas.

---

<sup>363</sup> cf. SÁNCHEZ, José M. *Pius XII and the Holocaust...* p. 79.

<sup>364</sup> Ibid. p. 88. (tradução nossa).

<sup>365</sup> cf. Ibid. p. 97.

O autor também cita a Guerra Civil espanhola como um dos fatores que ajudaram a fomentar em Pio XII a sua aversão ao comunismo. Ainda que os agitadores ali fossem de esquerda mas não propriamente comunistas, a perseguição à Igreja naquela situação fora também muito cruel, provocando a morte de muitos clérigos e fieis católicos<sup>366</sup>.

Contudo, as evidências não comprovam que tal aversão ao comunismo pudesse induzir Pio XII a desejar uma aliança com Hitler. Ademais, ele não se opôs ao ingresso da União Soviética no campo dos Aliados e também, embora admirador da Alemanha, não confiava que sob o governo nazista ela pudesse ser uma barreira confiável contra o avanço bolchevista<sup>367</sup>.

O argumento considerado mais forte e mais bem documentado para explicar o silêncio de Pio XII é o fato dele crer que se fizesse uma condenação direta contra os nazistas, as coisas ficariam ainda piores para os perseguidos, como ele próprio afirmou claramente.

Cada palavra em nossos pronunciamentos dirigidos às autoridades competentes, e cada um de nossos discursos públicos, teve de ser pesado e ponderado por Nós com profunda gravidade, no próprio interesse daqueles que estão sofrendo, de modo a não tornar a sua situação – mesmo involuntariamente – ainda mais difícil e insuportável do que antes<sup>368</sup>.

O dilema de Pio XII, pois, era responder se “ele salvaria mais [vidas] protestando ou não protestando? A questão nunca poderá ser respondida, pois não sabemos o que teria acontecido se um forte protesto tivesse sido feito”<sup>369</sup>. O que se sabe é que ele preferiu adotar uma postura de silêncio de um lado, contrapondo ações de salvamentos, de outro.

---

<sup>366</sup> cf. SÁNCHEZ, José M. *Pius XII and the Holocaust...* p. 104.

<sup>367</sup> cf. *Ibid.* p. 107.

<sup>368</sup> *Ibid.* p. 114. (tradução nossa).

<sup>369</sup> *Ibid.* p. 120. (tradução nossa).

Sánchez cita a prisão dos judeus de Roma como “assunto de grande controvérsia, provavelmente a mais intensa de toda a questão de Pio e o Holocausto”<sup>370</sup>. No drama de Hochhuth é mesmo o ponto central de sua acusação, mas também outros autores, especialmente Susan Zuccotti, consideram que Pio XII falhou por não alertar aos judeus sobre as prisões que aconteceriam no dia 16 de outubro de 1943. Tais autores, claro, partem da suposição não corroborada por evidências fáticas, que ele estivesse ciente do que iria ocorrer.

O autor menciona os vários países ocupados pelos nazistas nos quais ocorreram protestos de autoridades eclesiásticas. O caso da Croácia, contudo, é mais complicado para explicar o silêncio de Pio XII, tendo em vista que o governo era alegadamente católico e do qual não se esperaria represálias por eventuais protestos. Com o movimento fascista Ustasha no poder, além de conversões forçadas, foram massacrados 350 mil sérvios ortodoxos, talvez 9 mil judeus tenham sido deportados e a maioria dos judeus remanescentes foram mortos<sup>371</sup>.

Ao finalizar sua obra o autor considera que uma das maiores ironias da história consiste na tentativa de emparelhar e nivelar duas personalidades de temperamentos e ideologias opostas: “Adolf Hitler, que alguns veem como o único indivíduo responsável pelo Holocausto, e o Papa Pio, destacado de forma semelhante como a única pessoa que poderia ter evitado ou reduzido seus terrores”<sup>372</sup>.

De fato, as simplificações exageradas, os preconceitos e as tentativas de se identificar bodes expiatórios acabam por identificar detratores e testemunhas no mesmo plano de responsabilidade e culpa enquanto, por vezes, obscurecem os juízos sobre os maiores responsáveis pela tragédia representada pela Shoah, durante a Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>370</sup> SÁNCHEZ, José M. *Pius XII and the Holocaust...* p. 142. (tradução nossa).

<sup>371</sup> cf. *Ibid.* p. 161-162.

<sup>372</sup> *Ibid.* p. 179. (tradução nossa).

Esta obra de José M. Sánchez, embora não seja uma típica defesa de Pio XII no sentido apologético, não perde relevância por isto – mas ao contrário, é o que lhe confere maior credibilidade. Sánchez não nega nem os acertos nem os erros da política de Pio XII. Ele aponta os fatos e identifica os exageros de interpretação de um lado e de outro e ajuda ao leitor a formar seus próprios juízos. Mas ao concluir criticando o emparelhamento feito entre Hitler e Pio XII, ele demonstra acreditar que os juízos negativos sobre este último se tornam injustos ao serem exagerados. E nisto nos perfilamos em pleno acordo com este autor.

Além dos autores que entendemos alinhados na defesa de Pio XII que avaliamos até aqui, iniciando por Pierre Blet e David Dalin de maneira mais exaustiva, seguido de Ronald Rychlak e José M. Sánchez com maior brevidade, pretendemos encerrar este capítulo com o exame de algumas obras representativas de outros autores que defendem Pio XII. Apontaremos a existência de trabalhos de alguns autores e destacaremos dois dentre eles para uma sintética avaliação: Margheritta Marchione e Andrea Torielli.

### **3.3 – Diversos outros autores que defendem Pio XII**

Na avalanche de obras provocadas após a estreia da peça teatral de Rolf Hochhuth, que denominamos em nosso trabalho como a “primeira onda”, uma das reações mais determinadas em defesa de Pio XII partiu do diplomata judeu polonês Dr. Joseph Lichten que escreveu uma monografia em 1963 com o título de *A Question of Judgment: Pius XII & the Jews* (Uma questão de Julgamento: Pio XII e os Judeus). Outra obra famosa é o livro do diplomata judeu canadense Pinchas E. Lapide.

A obra de Lapede em fervorosa defesa de Pio XII foi publicada em 1967 com o título *Three Popes and the Jews* (Três Papas e os Judeus). No Brasil e à margem da polêmica suscitada por Hochhuth, em 1994, Avraham Milgram publicou *Os Judeus do Vaticano*, obra que lista os 802 judeus que conseguiram migrar para o Brasil, além dos 157 autorizados que ficaram retidos em Amsterdam sem conseguir embarcar. Da mesma forma, em 1996, o jornalista Robert Serrou publicou *Pio XII: el papa-rey*; e Margherita Marchione publicou em 1997, *Yours is a Precious Witness* (Seu testemunho é precioso).

Já no bojo da segunda onda suscitada pela obra de John Cornwell, diversos autores saíram em defesa de Pio XII, com destaque para Ralph McInnery que publicou em 1999 *Defamation Of Pius XII* (Difamação de Pio XII); o jornalista italiano Andrea Tornielli que publicou em 2002, *Pio XII: o papa dos judeus*; e no Brasil, em 2003 Joaquim Blessmann publicou *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*.

A polêmica continuou sendo alimentada mesmo após amainar esta segunda onda, de tal forma que a incansável freira Margherita Marchione, em 2007, publicou *Did Pope Pius XII help the Jews?* (O papa Pio XII ajudou os judeus?); em 2009, Giovanni Maria Vian organizou e publicou *In difesa di Pio XII* (Em defesa de Pio XII); e, finalmente, entre outros, em uma das obras mais recentes, Gordon Thomas publicou em 2012, *Os Judeus do Papa*.

E enquanto finalizávamos nossa pesquisa, já ao final do primeiro semestre de 2013, foi publicado o livro escrito pelo general romeno asilado nos Estados Unidos Ion Mihai Pacepa em parceria com o professor Ronald Rychlak, autor especializado em assuntos do Vaticano em geral, e Pio XII, em particular. A obra, que tem o título *Disinformation* (Desinformação) revela diversas articulações realizadas pelos serviços secretos da União Soviética e países satélites destinadas a denegrir biografias por razões políticas, dentre as quais a de Pio XII.



Dentre a vasta bibliografia disponível selecionamos dois autores de obras que defendem Pio XII e das quais faremos breves avaliações para concluir esta nossa pesquisa. Como no caso das obras que acusam Pio XII que mencionamos no capítulo anterior, nossa escolha procurou destacar autores que consideramos representativos no contexto da polêmica. Escolhemos o jornalista italiano e conhecido jornalista e vaticanista Andrea Tornielli e também uma obra da aguerrida freira americana Margheritta Marchione que tem dedicado muitos anos de sua vida em pesquisas e publicações com a finalidade de defender Pio XII.

O livro de Margherita Marchione que escolhemos para ilustrar este seu empenho em defesa de Pio XII, foi publicado em 1997 por uma editora paulina, com o título de *Yours Is a Precious Witness* (Seu testemunho é precioso)<sup>373</sup>. Como o título sugere, o enfoque principal é sobre testemunhos prestados por judeus e católicos italianos.

Os depoimentos elencados pela autora ajudam a formar uma imagem de Pio XII como um líder de ações silenciosas mas efetivas. E era esta a imagem positiva que prevalecia para estes católicos e judeus italianos contemporâneos aos trágicos acontecimentos que assolavam a Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

A autora lembra que a situação dos judeus na Itália foi a de menor risco comparado com os demais países ocupados pelos nazistas durante todo o período da guerra, exceto nos meses em que os alemães também ocuparam territórios italianos. A população italiana não se submetia passivamente às leis anti-raciais, nem aprovava o ingresso da Itália na guerra, decidido por Mussolini. Em vista disto muitos resistiram aos comandos nazistas, acolhendo e escondendo judeus e outras vítimas do nazi-fascismo.

---

<sup>373</sup> MARCHIONE, Margherita. *Yours Is a Precious Witness: Memoirs of Jews and Catholics in Wartime Italy*. Mahwah, NJ: Paulist Press, 1997.

Dentre a população italiana a autora destaca ações de membros da Igreja integrantes do clero, religiosos e leigos que defenderam os judeus sob risco de deportação, abrigando-os em igrejas, conventos, mosteiros, escolas e mesmo em suas residências. Tudo isto ajuda a explicar porque a Itália foi o lugar onde se registrou o maior percentual de judeus sobreviventes dentre os países ocupados pelos nazistas.

A argumentação utilizada por Marchione não apresenta grandes novidades comparada com as de outros defensores de Pio XII. Ela contesta a acusação de indiferença do papa quanto à sorte dos judeus apresentada na peça teatral de Hochhuth, a afirmação de acusadores de que Pio XII silenciou por ocasião da prisão dos judeus do gueto de Roma em 16 de outubro de 1943. E lembra a afirmação de Pio XI de que “espiritualmente todos somos semitas”<sup>374</sup>.

No início da segunda parte do livro a autora menciona ações de abrigo e salvamento realizadas por clérigos e leigos que agiram inspirados nas palavras de Pio XII, em importantes cidades italianas como Roma, Milão, Ferrara, Assis, Gênova, Florença e Veneza. E seu relato é repleto de casos pessoais e familiares de vítimas socorridas. Entre tantos, em caráter ilustrativo e representativo dos demais, citamos a seguir um destes casos ocorrido em Cave [Província de Roma] em um convento das Irmãs Filipinas.

No mês de novembro de 1942, Clara Coen-Capon e seu marido Luciano, além de uma filhinha de um ano, procuraram ajuda no convento e foram atendidos pela irmã Lúcia De Angelis. Mãe e filha ficaram abrigadas no convento, enquanto que Luciano foi abrigado pelos padres franciscanos de uma igreja próxima. Em 25 de abril de 1979, Clara registrou por escrito o seu comovido relato:

---

<sup>374</sup> MARCHIONE, Margherita. *Yours Is a Precious Witness...* p. 53. (tradução nossa).

Durante a perseguição racial no início de novembro de 1943, eu fui hospedada pelas Irmãs Filipinas em Cave, onde a superiora, irmã Lúcia, sem nos conhecer, apenas pela bondade de seu coração, cheia de compaixão por minha pequena filha de um ano que eu trazia nos braços, me ofereceu seu hábito para eu permanecer disfarçada entre elas e me salvar. [...] Dias mais tarde meu marido chegou com um jornal matutino que noticiava a decisão de Mussolini em aplicar a pena de morte a quem protegesse os judeus. Meu marido, que era um homem santo e altruísta, com relutância decidira nos levar embora para não comprometer as queridas freiras. Depois de trinta e sete anos, eu ainda tenho ante meus olhos a visão da amorosa irmã Lúcia que, depois de ouvir meu marido e refletir por um momento, exclamou com grande determinação: 'vamos compartilhar seu destino, permaneçam aqui'<sup>375</sup>.

Marchione também relata diversos agradecimentos expressos por judeus dirigidos ao papa Pio XII, em virtude de suas ações de salvamento. Um deles foi feito em 14 de dezembro de 1956, por Sergio Piperno, presidente da União das Comunidades Judaicas Italianas. Piperno ressalta que o papa, além de providenciar para que os judeus fossem abrigados nos “edifícios extraterritoriais do Vaticano, se esforçou para mitigar as duras medidas raciais, enviou famílias inteiras para conventos onde padres e freiras, a despeito do perigo, as socorreram”<sup>376</sup>.

Uma das conclusões da autora é que, em vista dos mais de onze milhões de vítimas assassinadas pelos nazistas, entre judeus e não judeus, ninguém tem o direito de afirmar que o que foi feito por elas, foi suficiente. “Afirmar, contudo, que nada foi feito pelo Papa e pela Igreja, ou que a falha em fazer mais foi resultado da indiferença, cinismo ou covardia, é uma grave falsificação histórica”<sup>377</sup>.

---

<sup>375</sup> MARCHIONE, Margherita. *Yours Is a Precious Witness...* p. 114-115. (tradução nossa).

<sup>376</sup> Ibid. p. 130. (tradução nossa).

<sup>377</sup> Ibid. p. 181. (tradução nossa).

No final do livro a autora lista nominalmente os refugiados abrigados no Pontifício Colégio dos Sacerdotes para a Emigração Italiana, no Pontifício Seminário Maior Romano e com as Irmãs Filipinas, a cuja congregação a irmã Margherita Marchione pertence. E ela reproduz também a listagem compilada pelo historiador italiano Renzo de Felice, das instituições religiosas romanas que acolheram judeus e os respectivos números de abrigados.

A obra de Margherita Marchione – muito mais abrangente que apenas este livro que avaliamos – reflete um devotamento pessoal da autora em relação à figura de Pio XII. Apesar desta constatação que ela mesma deixa claro em seus escritos, este sentimento subjetivo motivador das investigações que ela tem empreendido não compromete a sua objetividade acadêmica consistente e bem fundamentada.

A última obra que avaliamos é a do jornalista e vaticanista Andrea Tornielli, *Pio XII: o Papa dos Judeus*. Justificando as razões de sua pesquisa o autor afirma que foram devidas ao seu inconformismo com a propagação na imprensa italiana e também em outros países de “fábulas e reconstituições históricas bastante grosseiras, que parecem querer transformar Pio XII num bode expiatório com graves responsabilidades pelo holocausto dos judeus, ou [...] pesadas omissões por não ter dito e feito quanto estava em seu poder de dizer ou fazer”<sup>378</sup>.

Referindo-se ao livro de John Cornwell, *O Papa de Hitler*, Tornielli após considerar tal obra totalmente refutada por conceituados estudiosos, lamenta que ela tenha fomentado a lenda negra sobre Pio XII. E em seguida pondera, “qualquer declaração, ou escrito, mesmo que possua escasso valor histórico, mas vise atacar Pio XII e se refira à já velha questão dos seus 'silêncios', conquista logo as primeiras páginas dos jornais e obtém enormes titulares”<sup>379</sup>.

---

<sup>378</sup> TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o Papa dos Judeus*. Tradução Antônio Maia da Rocha. Porto: Editora Civilização, 2002. p. 11.

<sup>379</sup> Ibid. p. 12.

O ponto nevrálgico da questão, que tem faltado, segundo este autor é a averiguação e o debate sobre as razões que levaram Pio XII a se manter circunspecto nos anos da Segunda Guerra Mundial, “sem cair no estribilho do Papa *responsável moral pela Shoah*”<sup>380</sup>. E Tornielli esclarece o objetivo central de seu livro.

Suscitar no leitor algumas interrogações. Pretende ser um convite a não aceitar passivamente teses não demonstradas ou claramente falsas que, passando de boca em boca, de página em página ou até de *talk show* em *talk show*, acabam por tornar-se mais 'verdadeiras' do que a própria verdade. Isto é, acabam por tornar-se um *dado adquirido*, indiscutido e indiscutível. É um dever de justiça, no entanto, enfrentar de modo sereno, e sobretudo documentado, o problema dos 'silêncios', procurando compreender os motivos que determinaram o Papa a assumir certas decisões<sup>381</sup>.

E após perpassar os louvores expressos por personalidades e políticos judaicos que se seguiram à morte de Pio XII, o autor traça em seguida as primeiras críticas alçadas contra o papa, mas evidencia a peça teatral de Rolf Hochhuth como principal responsável pelo surgimento da polêmica.

Tornielli faz alusão à defesa de Pio XII que o papa Paulo VI assumiu nos primeiros momentos da controvérsia e também ao interesse praticamente nulo da imprensa judaica sobre a peça teatral de Hochhuth. Depois analisa a crítica de Cornwell a respeito dos episódios em que aquele autor identifica a origem de um suposto antissemitismo do ainda cardeal Pacelli que negou-se a atender a uma solicitação de um rabino que pedira sua intervenção para obter a importação de palmas para uso cultural em uma festa judaica<sup>382</sup>.

<sup>380</sup> TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o Papa dos Judeus...* p. 15. (destaque em itálico é do autor citado).

<sup>381</sup> Ibid. p. 20-21. (destaques em itálicos e aspas são do autor citado).

<sup>382</sup> cf. Ibid. p. 47-54.

O autor detalha os episódios da invasão da nunciatura em Munique por um grupo de judeus comunistas e a impressão causada a Monsenhor Schioppa quando de sua visita ao líder do grupo Max Levien – que Pacelli relatou em carta a Roma. Cornwell alega que as expressões contidas na carta assinada pelo núncio denunciam o seu antissemitismo.

Tornielli responde que o rabino judeu tinha consideração por Pacelli, caso contrário não dirigiria a ele seu pedido. Quanto às expressões na carta enviada a Roma, a respeito dos judeus espartaquistas de Munique, o episódio foi assustador mas sem qualquer ligação com o terror antissemita que se verificaria sob o III Reich alemão. A extrapolação que Cornwell faz do episódio para acusar um suposto antissemitismo de Pio XII é forçada e mal fundamentada<sup>383</sup>.

Tornielli também rebate a acusação de Cornwell e outros autores para os quais a Concordata com o Reich Alemão foi um ato de reconhecimento internacional ao governo de Hitler. O autor afirma que previamente à Concordata assinada com a Santa Sé, o III Reich já havia assinado pactos de 'colaboração e solidariedade' com a França, Inglaterra e Itália. “Por conseguinte, antes do Vaticano, outros Estados importantes, as maiores potências europeias, tinham fornecido ao futuro ditador eleito pelos cidadãos da Alemanha uma patente política de legitimidade”<sup>384</sup>.

O autor enfatiza a importância das denúncias contra o nazismo contidas na encíclica de Pio XI escrita em alemão, a *Mit Brennender Sorge* (Com ardente preocupação), cuja redação teve bastante influência de Pacelli. Também ressalta a má-fé dos detratores de Pio XII através do exemplo da avaliação que fazem do chamado “engavetamento da encíclica escondida”.

---

<sup>383</sup> cf. TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o Papa dos Judeus...* p. 54-74.

<sup>384</sup> Ibid. p. 83.

O texto esboçado pelo jesuíta LaFarge, embora recuse qualquer teoria de uma raça superior, conserva contudo, as enraizadas noções de antijudaísmo pelo qual aponta um “malsinado povo que se afundou sozinho, na sua desgraça, cujos chefes obcecados invocaram a maldição divina sobre as suas cabeças”<sup>385</sup>. Como os detratores de Pacelli estão dispostos a avaliar negativamente todas as suas ações e o responsabilizam por engavetar a encíclica, aí igualmente encontrariam razões para o acusar de antisemitismo se ela tivesse sido publicada.

Refutando as acusações sobre os silêncios do Papa, o autor menciona e comenta mais de uma dúzia de manifestações públicas de Pio XII, através de mensagens radiofônicas, alocações por ocasiões das festas de Natal e outros discursos pelos quais ele lançou apelos em favor das vítimas de perseguições durante a guerra<sup>386</sup>. E nestas suas manifestações o papa aludiu aos judeus em pelo menos seis ocasiões diferentes, segundo o autor Pinchas Lapide, citado por Tornielli.

Tornielli também destaca uma situação que os acusadores de Pio XII geralmente omitem, as ações de governos aliados que impediram muitos judeus de emigrar das zonas ocupadas pelos nazistas para territórios livres. “O governo inglês opõe-se à entrada dos judeus na Grã-Bretanha [...] aliás, já em 1933, isto é, imediatamente depois da tomada de poder por Hitler, os ingleses se tinham opostos ao ingresso dos judeus na Palestina”<sup>387</sup>.

E os Estados Unidos não agiram de forma muito diferente dos seus aliados europeus, pois “em 1940, o Congresso americano também recusou a abrir o Alasca aos refugiados judeus alemães e, em 1941, chega até a bloquear a mediação da Suécia que se afirmava disposta a acolher 20.000 crianças judias europeias”<sup>388</sup>.

---

<sup>385</sup> TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o Papa dos Judeus...* p. 145.

<sup>386</sup> cf. *Ibid.* p. 157.

<sup>387</sup> *Ibid.* p. 317.

<sup>388</sup> *Ibid.* p. 319.

Tornielli reproduz um parágrafo da obra de Malcom Hay, *Europe and the Jews*, na qual aquele autor afirma, “os alemães assassinaram mais de um milhão de crianças, [...] a maior parte deste inocentes teria podido ser salva, se as outras nações tivessem decidido salvá-las. Mas as portas permaneceram fechadas”<sup>389</sup>.

Gerhart Riegner, membro do Congresso Mundial Judaico encaminhou ao Vaticano um relatório datado de 18 de março de 1942 no qual denunciava o início das deportações e atrocidades nazistas contra os judeus. O documento, que não alude à “solução final” ou às câmaras de gás, não aparece transcrito nas Atas e Documentos da Santa Sé, embora citado em nota. Esta “omissão” viria a ser considerada um sério erro por Riegner em dezembro de 1999, ao que o padre Blet rebateu afirmando que o relatório todo já era conhecido por outras fontes.

O mesmo Riegner que também enviou relatórios às autoridades inglesas e americanas sobre tais ocorrências trágicas contra os judeus sem conseguir obter qualquer ação em defesa das vítimas, sentencia:

Foi muito grande a responsabilidade dos Aliados sobre o que se passava nos campos de extermínio. Estou convencido que centenas de milhares de pessoas podiam ter sido salvas. Pedi muitas vezes aos governos aliados que bombardeassem a linha ferroviária em que transitavam os fornecimentos de gás destinados a Auschwitz. Responderam-me que era perigoso. Mentiram-me. Só depois da guerra é que vim a saber que em 1944 as forças aliadas tinham não apenas o controle aéreo sobre toda a região, mas que, precisamente no mesmo período em que fiz o pedido, também os bombardeios tinham destruído algumas indústrias implantadas a uns escassos cinco quilômetros de Auschwitz. Porque é que, nem desta vez, fizeram alguma coisa?<sup>390</sup>

---

<sup>389</sup> TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o Papa dos Judeus...* p. 323.

<sup>390</sup> Ibid. p. 339.



Tornielli conclui o seu trabalho mencionando uma série de manifestações de gratidão de jornais e personalidades judaicas que corroboram a sua compreensão positiva sobre as atitudes de Pio XII em relação à perseguição dos judeus sofridas durante a Segunda Guerra. Esta obra, que com seu estilo jornalístico prende a atenção do leitor e ajuda a elucidar muitas nuances da polémica, assim como a obra de Marchione anteriormente avaliada, é também solidamente documentada. Embora advogue a causa de Pio XII, o texto não peca por excessos apologéticos, o que torna sua argumentação, além de ponderada, também convincente.

E em seguida a esta sucinta avaliação da última obra selecionada dentre os defensores de Pio XII, concluímos este capítulo final com uma síntese do mesmo. Iniciamos com as defesas publicadas sobre as posições de Pio XII frente à Shoah mencionando as primeiras reações de representantes da Igreja às acusações – a abertura parcial dos Arquivos Secretos do Vaticano e a publicação das Atas e Documentos da Santa Sé. Na sequência apresentamos a obra do padre jesuíta Pierre Blet, *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial: que dizem os arquivos do Vaticano*. A isto seguiu-se a avaliação da obra do rabino David Dalin, *O Mito do Papa de Hitler*.

Depois apresentamos outros defensores de Pio XII, com destaque para Ronald J. Rychlak e sua obra *Hitler the War and the Pope* (Hitler, a Guerra e o Papa), e José M. Sánchez e sua obra *Pius XII and the Holocaust* (Pio XII e o Holocausto). E finalizamos avaliando brevemente os livros de Margherita Marchione, *Yours is a Precious Witness* (Seu testemunho é precioso), e do jornalista italiano Andrea Tornielli, *Pio XII: o Papa dos Judeus*.

E após encerrarmos este último capítulo no qual retratamos as principais defesas sobre as atitudes de Pio XII em face da Shoah – a tragédia humana que se desenrolou durante a Segunda Guerra Mundial, traçaremos a seguir algumas considerações finais que expressam nossas conclusões resultantes da pesquisa.

## **Conclusão**

No andamento da pesquisa, apurando e decantando as múltiplas expressões da polêmica sobre Pio XII e a Shoah, o cerne da discussão entre acusadores e defensores nos parece retratado na forma que os dois lados interpretam os silêncios e as ações do papa.

Os acusadores alegam que Pio XII nada falou condenando explicitamente o holocausto dos judeus praticado pelos nazistas e com isto teria sido conivente com suas ações genocidas. Para os defensores, ele fez muito para salvar os judeus do extermínio embora tenha se contido em ponderado silêncio para evitar males maiores – uma referência às retaliações que supostamente recrudeseriam diante de condenações frontais e explícitas feitas pelo papa.

As avaliações mais apaixonadas, quer positivas ou negativas sobre Pio XII, revelam cada uma um viés que por vezes se distancia do próprio objeto principal da polêmica – ou seja – o silêncio do papa em relação à aniquilação dos judeus pelo nazismo. Os autores identificados com o pensamento liberal criticam o papa por considerá-lo um conservador, e dentre estes se podem citar John Cornwell, Garry Wills e James Carrol, entre outros.

Há os que, opostamente, rejeitam as acusações dos detratores e, identificados com a Tradição eclesial representada por Pio XII, defendem o seu pontificado, bem como suas atitudes de prudência e silêncio em vista de proteger à Igreja e evitar males maiores às vítimas. Dentre estes se podem destacar autores católicos como Pierre Blet e Ronald Rychlak, entre outros – mas também autores judeus como Pinchas Lapide e David Dalin.

Nenhum ser humano, na verdadeira acepção da palavra, haverá de concordar com a aplicação da sentença de morte a uma única pessoa inocente – quanto mais a todo um povo. Sobre todas as pessoas que tomaram conhecimento dos trágicos acontecimentos na Europa, especialmente sobre as autoridades e governos dos vários países pesa grave responsabilidade.

E, dentre estas, de modo particular o Papa Pio XII em vista da dimensão religiosa de sua função de líder da Igreja Católica, é cobrada uma responsabilidade em atuar com todas as suas forças e possibilidades para se contrapor à aniquilação de vítimas civis inocentes.

Mas Pio XII não se omitiu diante do drama da guerra e optou por ajudar através dos canais diplomáticos e do encorajamento aos responsáveis pelos conventos, paróquias e demais organismos eclesiásticos a oferecerem abrigo e proteção às vítimas da perseguição nazista.

Ele preferiu não condenar explicitamente as decisões genocidas de Hitler contra os judeus, os ciganos, os poloneses, os próprios membros do clero católico que foram também vitimizados, considerando o risco das represálias que poderiam causar males a um número ainda maior de pessoas, e não acreditando que os protestos aplacassem a sanha das operações assassinas em curso. Não existem elementos de prova que justifiquem a pecha de *papa de Hitler* pespegada por John Cornwell. Pio XII poderia ter agido de forma diferente da que escolheu – argumento válido, mas que não garante que outra escolha tivesse sido mais eficaz.

A escolha de Pio XII é defensável sob o ponto de vista das circunstâncias de guerra enfrentadas na oportunidade por todo o mundo civilizado, no qual praticamente todos permaneceram em silêncio. Os Aliados, que tinham poder bélico suficiente para bombardear as estradas férreas por onde circulavam os trens da morte ou as próprias instalações dos campos de extermínio – não o fizeram. Os cidadãos alemães, os poloneses, a resistência interna dos países sob o jugo alemão e todos os que testemunharam os acontecimentos também poderiam ter reagido aos fatos de outra forma para tentar impedi-los ou minimizá-los.

Os temores de Pio XII tinham sustentação na realidade então conhecida. Hitler e seus adeptos demonstraram em várias circunstâncias que apelos e admoestações não produziam qualquer efeito sobre seus atos e, ao contrário, tornavam mais ostensivas as suas violências.

Uma eventual manifestação explícita de condenação - sem garantias de qualquer efeito prático, – ainda poderia causar uma ruptura nas relações da Santa Sé com os países do Eixo. O governo alemão e o italiano poderiam alegar que o Vaticano renunciara à neutralidade e com isto denunciar, respectivamente, a Concordata e o Tratado de Latrão.

Muitas instituições eclesiásticas, garantidas por tais acordos, poderiam ser assaltadas pelas forças nazistas e os judeus e outras vítimas abrigadas poderiam ser presas e deportadas. E a população da Alemanha era constituída de um grande número de católicos que poderiam sofrer retaliações diante de palavras contundentes do papa contra as ações nazistas. É lícita a suposição de que os riscos eram maiores que os benefícios ao se adotar uma posição aberta de condenação da parte do papa. Avaliações feitas mais de meio século após os acontecimentos facilmente podem cair nos equívocos do anacronismo.

Dentre as responsabilidades do historiador, não deixa de estar presente a necessidade de avaliar os fatos do passado – não apenas com a intenção de conhecer tais fatos – mas considerando suas consequências para o presente e para o futuro, procurando valorizar os acertos e criar barreiras preventivas para não permitir o pesadelo deste tipo de tragédia humana no porvir.

Quanto a Pio XII, especificamente, especula-se muito a respeito de como teria sido o andamento ou o resultado da guerra e das perseguições e aniquilamento das vítimas da guerra – particularmente os seis milhões de judeus chacinados – se ele tivesse optado por um insistente discurso explícito de condenação. Teria diminuído ou aumentado o número de vítimas; as consequências teriam agravado as condições para a Igreja? De outro lado se poderia especular também sobre as consequências de uma eventual vitória da Alemanha e não dos Aliados na guerra.

As conjecturas sobre fatos que não se verificaram não são consideradas pelo crivo do historiador. A história virtual pertence ao reino da ficção e as infinitas especulações possíveis carecem da necessária objetividade na avaliação de acontecimentos históricos. Como os demais líderes políticos de seu tempo, Pio XII poderia ter agido de forma diferente da que escolheu e, quem sabe, com maior efetividade e sucesso – ou, como temia, agravando a situação das vítimas. Não há como reescrever a história a partir de hipóteses.

Mas não se pode negar que Pio XII atuou efetivamente como líder da Igreja e soberano do Estado da Cidade do Vaticano – a história registra e os historiadores reconhecem seu empenho em defesa da paz e dos direitos de Deus e dos homens. E o testemunho de seus contemporâneos, católicos e judeus, lhe foram majoritariamente respeitosos e favoráveis.

O surgimento tardio das críticas a partir de uma obra de arte e o agrupamento de vários detratores entre as correntes liberais que rejeitam certos valores da Tradição católica bem representados na Cúria Romana e, particularmente, no pontificado de Pio XII, é outro aspecto que leva a questionar os reais motivos dos acusadores. Rolf Hochhuth e John Cornwell, representantes dos acusadores de Pio XII, ilustram suas acusações centrais – silêncio e antissemitismo, abusando no uso de adjetivos com o que prevalece a subjetividade aos fatos.

Sem apresentar qualquer evidência, Cornwell opina que Pio XII não era nenhum monstro, mas tinha uma ambição desmedida pelo poder<sup>391</sup>. E Hochhuth considera que “não deve ter perturbado tão profundamente ao Papa a longa perseguição dos inermes habitantes da Europa”. E arremata: “Não se tratava de um 'criminoso por razões de Estado', mas sim de um neutro, de alguém preocupado com a carreira, que às vezes desperdiçava o tempo [...] enquanto o mundo torturado esperava uma palavra de orientação espiritual”<sup>392</sup>.

---

<sup>391</sup> cf. CORNWELL, John. *O Papa de Hitler...* p. 10-11.

<sup>392</sup> HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário*. p. 338.

Mas ao lado das limitações de acusadores e defensores, a pesquisa também nos permitiu constatar a existência de lacunas importantes a serem preenchidas com documentos ainda não publicados dos Arquivos Secretos do Vaticano, bem como de outros arquivos de governos e chancelarias, que poderão melhor evidenciar os atos de Pio XII e seus colaboradores no período em que se deram os acontecimentos da Shoah, durante a Segunda Guerra Mundial.

Um aceno alvissareiro na direção da abertura dos arquivos secretos do Vaticano se deu com a eleição do papa Francisco em 13 de março de 2013. No período em que foi arcebispo de Buenos Aires, o então cardeal Bergoglio escreveu uma obra conjunta com seu amigo rabino Abraham Skorka. Skorka opina que “em relação à atuação do papa Pio XII na Shoah, se faz muito difícil emitir uma opinião conclusiva<sup>393</sup>” e se refere a um pedido do Congresso Judaico Mundial no sentido de que sejam abertos os arquivos do Vaticano. Concordando com a opinião de Skorka, Bergoglio afirma ao seu interlocutor judeu:

O que você disse sobre abrir os arquivos da Shoah me parece perfeito. Que se abram e se esclareça tudo. Que se veja se foi feito tudo, até onde se podia fazer, e se nos equivocamos em algo temos que dizer: 'erramos nisto'. Não há que se temer a isto. A verdade tem que ser o objetivo. [...] Há que conhecer a verdade e ir aos arquivos<sup>394</sup>.

Com a total abertura Arquivos Secretos do Vaticano é possível supor que as dúvidas remanescentes sobre Pio XII sejam substancialmente sanadas, permitindo que se formem juízos mais esclarecidos e definitivos sobre os seus atos a respeito da situação dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, dirimindo assim a grande controvérsia sobre a Shoah.

---

<sup>393</sup> BERGOGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. *Sobre el cielo y la tierra*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana [s.d.] p. 292. (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/002080055a8b71b163859>>. Acesso em: 03/04/3013.

<sup>394</sup> Ibid. p. 294-295. (tradução nossa).

Não tivemos neste nosso trabalho de pesquisa a pretensão de exarar um veredito sobre a polêmica instaurada a respeito dos atos e palavras de Pio XII frente à maior tragédia da humanidade em relação à história judaica, atualmente conhecida como *Shoah*.

Contudo, descontadas as paixões de alguns dos acusadores e defensores e em vista das intrincadas circunstâncias de uma guerra mundial, consideramos que a argumentação em defesa de Pio XII é mais compatível com a realidade dos fatos. E as evidências documentais comprovam que durante a guerra, no imediato pós-guerra e mesmo quase duas décadas mais tarde, o depoimento de inúmeras vítimas corrobora os argumentos dos defensores.

Os acontecimentos da Shoah, essa catástrofe da nossa história recente talvez jamais possa ser racionalmente compreendida, mas nela todos, ainda hoje, estamos envolvidos e moralmente compelidos a manter acesa a sua memória. Não para uma reparação às vítimas ou sua descendência, algo impossível de levar cabalmente à termo – mas para evitar que as amargas lições da história sejam esquecidas.

E se para um ínfimo que seja dessa dimensão preventiva de resgate da memória nosso esforço acadêmico puder contribuir, já abrigaríamos o senso de missão cumprida, ao mesmo tempo em que nos traria o estímulo de prosseguir no aprofundamento da pesquisa.

## Bibliografia

### 1. Fontes Primárias

IGREJA CATÓLICA. Actes et Documents du Saint Siège Relatifs à la Seconde Guerre Mondiale - Le Saint Siège et les victimes de la guerre – Mars 1939/Décembre 1940. Vol. 6. In: *Actes Officiels du Saint-Siège*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/atti-ufficiali-santa-sede/index\\_fr.htm](http://www.vatican.va/archive/atti-ufficiali-santa-sede/index_fr.htm)>. Acesso em 28/04/2012.

IGREJA CATÓLICA. Nós Recordamos: uma reflexão sobre o Shoah. In: *Comissão para as relações religiosas com o Judaísmo*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_16031998\\_shoah\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_po.html)>. Acesso em 07/06/2012.

IGREJA CATÓLICA. *Documentos de Pio XII (1939-1958)*. São Paulo: Paulus, 1998.

IGREJA CATÓLICA. Paulo VI. Discorso per il XXV anniversario della incoronazione di Pio XII. 12 marzo 1964. In: *Paolo VI: Discorsi*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640312\\_monumento-pio-xii\\_it.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640312_monumento-pio-xii_it.html)>. Acesso em 25/06/2013.

IGREJA CATÓLICA. Paulo VI. Discurso na 8ª Sessão Solene do Concílio Vaticano II. 18 de novembro de 1965. In: *Paulo VI: Discursos*. Disponível em <[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651118\\_penultima-sessione-concilio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651118_penultima-sessione-concilio_po.html)>. Acesso em 24/06/2013.

### 2. Bíblia

BÍBLIA: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1985.



### 3. Básica

BLET, Pierre S.J. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial: que dizem os arquivos do Vaticano?* Cascais: Princípia, 2001.

\_\_\_\_\_ *Pius XII and the Second World War: according to the Archives of the Vatican.* New Jersey: Paulist Press, 1999.

CARROL, James. *A Espada de Constantino: A Igreja Católica e os Judeus.* Tradução Renato Pompeu. Barueri: Editora Manole, 2002.

CORNWELL, John. *O papa de Hitler: a história secreta de Pio XII.* Tradução A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

DALIN, David G. *The myth of Hitler's Pope: how pope Pius XII rescued jews from the nazis.* Washington, DC: Regnery, 2005.

FRIEDLÄNDER, Saul. *Pio XII e a Alemanha Nazi.* Tradução M. Rodrigues Martins. Lisboa: Tapir, 1967.

HOCHHUTH, Rolf. *O Vigário.* Tradução João Alves dos Santos. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1965.

KERTZER, David I. *O Vaticano e os Judeus: os papas e a ascensão do anti-semitismo moderno.* Tradução Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

MARCHIONE, Margherita. *Yours Is a Precious Witness: Memoirs of Jews and Catholics in Wartime Italy.* Mahwah, NJ: Paulist Press, 1997.

RYCHLAK, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope.* Huntington, IN: Our Sunday Visitor, 2000.

SÁNCHEZ, José M. *Pius XII and the Holocaust: understanding the controversy*. Washington, DC.: The Catholic University of America Press, 2002.

TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: o papa dos judeus*. Tradução António Maia da Rocha. Porto: Civilização Editora, 2002.

ZUCCOTTI, Susan. *Under his very windows: the Vatican and the Holocaust in Italy*. New Haven & London: Yale University Press, 2000.

#### **4. Complementar**

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BEAMS, David. Bibliography. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy*. New York: Grove Press, 1964.

BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy*. New York: Grove Press, 1964.

BERGEN, Doris L. *An easy target?: the controversy about Pius XII and the Holocaust*. In: RITTNER, Carol & ROTH, John K. (Ed). *Pope Pius XII and the Holocaust*. London & New York: Continuum, 2002.

BIGSBY, Christopher. *Remembering and imagining the Holocaust: the chain of memory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BLESSMAN, Joaquim. *O Holocausto: Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

BRADLEY, James e POWERS, Ron. *A Conquista da Honra*. Tradução Miryam Campello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CARLETTI, Ana. *O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

COELHO, Senra. *Pio XII e os Judeus*. Col. Ensaios. Prior Velho: Paulinas, 2009.

CORNWELL, John. *Quebra da fé: o papa, o povo e o destino do catolicismo*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

\_\_\_\_\_ *Seminary boy*. New York: Doubleday, 2006.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado . São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ECARDT, Thomas M. *Secrets of the Seven Smallest States of Europe: Andorra, Liechtenstein, Luxembourg, Malta, Monaco, San Marino and Vatican City*. New York: Hippocrene Books, 2005.

ELLSBERG, Patrícia Max. An Interview with Rolf Hochhuth. In DELLZEL, Charles F. (Ed). *The papacy and totalitarianism between the two world wars*. New York: John Willey & Sons, 1974.

FARHAT, Saïd. Apaziguamento. In: *Dicionário Parlamentar e Político: o processo político e legislativo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis: Companhia Melhoramentos, 1996.

\_\_\_\_\_ Políticas de poder no plano internacional. In: *Dicionário parlamentar e político: o processo político e legislativo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis: Companhia Melhoramentos, 1996.

GILBERT, Martin. *A Noite de Cristal: a primeira explosão do ódio nazista contra os judeus*. Tradução Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

GOLDBERG, Jacó Pinheiro e D'AMBRÓSIO, Oscar. *A Clave da Morte*. São Paulo: Maltese, 1992.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: Breve Século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORDAN, David. *História da Segunda Guerra Mundial: A maior e mais importante guerra de todos os tempos*. Tradução Ricardo Souza. São Paulo: M. Books, 2011.

JUDT, Tony. *Pós Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Tradução José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KERSHAW, Ian. *Dez decisões que mudaram o mundo: 1940-1941*. Tradução Berilo Vargas, Celso Mauro Paciornik, Clóvis Marques, Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LILL, Rudolf. *Il potere dei papi: dall'età moderna a oggi*. Bari: Editori Laterza, 2010.

LUCACKS, John. *O Duelo: Churchill x Hitler: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial*. Tradução Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MACHADO, Dom Adelmo. *Memória do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 1998.

MATTAI, G. Democracia. in: *Lexicon - Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

MILGRAM, Avraham. *Os Judeus do Vaticano: a tentativa de salvação de católicos – não arianos – da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MONDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Loyola, 2006.

MONTINI, G. B. Cardinal. Pius XII and the Jews. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy*. New York: Grove Press, 1964.

MOOREHOUSE, Roger. *Quero matar Hitler: uma investigação completa sobre todas as tentativas para assassinar o ditador que enganou a morte*. Tradução Débora S. G. Isidoro. São Paulo: Ediouro, 2009.

MOSCONI, Luigi. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus: para cristãos e cristãs rumo ao Novo Milênio*. São Paulo: Loyola, 2005.

NEVES, Luis Felipe Silva. A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945. In: COGGIOLA, Osvaldo (org). *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã: USP: FFLCH: Historia, 1995.

NOEL, Gerard. *Pius XII: the hound of Hitler*. London & New York: Continuum, 2005.

NORONHA, Olinda Maria. *História da Educação: sobre as origens do pensamento utilitarista no ensino superior brasileiro*. Campinas, SP: Editora Alínea, 1998.

OLIVEIRA, Josaphat Pinto de. *Evangelho e diálogo inter-religioso*. São Paulo: Loyola, 2003.

PACEPA, Ion Mihai and RYCHLAK, Ronald J. *Disinformation*. Washington, DC: WND Books, 2013.

POLIAKOV, Léon. *Bréviaire de la Haine*. Paris: Calmann-Lévi, 1951.

RUBENSTEIN, Richard L. Pope Pius XII and the Shoah. In: RITTNER, Carol & ROTH, John K. (Ed). *Pope Pius XII and the Holocaust*. London & New York: Continuum, 2002.

SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

STONE, Elaine Murray. *Maximilian Kolbe: saint of Auschwitz*. New Jersey: Paulist Press, 1997.

STONE, Judy. Interview with Rolf Hochhuth. In: BENTLEY, Eric (ed). *The Storm over the Deputy*. New York: Grove Press, 1964.

SUFFERT, Georges. *Tu és Pedro: santos, papas, profetas, mártires, guerreiros, bandidos. A história dos primeiros 20 séculos da Igreja fundada por Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

TAUB, Michel. Hochhuth, Rolf (1931 - ). In: PATTERSON, David; BERGER, Alan L; CARGAS, Sarita (Ed). *Encyclopedia of Holocaust Literature*. Westport, CT: Oryx Press, 2002.

VAGTS, Detlev F. and REGINBOGIN, Herbert R. *Faces of Neutrality: A Comparative analysis of the neutrality of Switzerland and other neutral nations during World War II*, Berlin: Ed. Lit Verlag, 2009.

VIAN, Giovanni Maria (org). *In difesa di Pio XII: le ragioni della storia*. Venezia: Marsilio, 2009.

WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. (Coleção: Histórias da Repressão e da Resistência; 9) São Paulo: Humanitas, 2008.

WISTRICH, Robert S. *Hitler e o Holocausto*. Tradução José R. O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. SERROU Robert. *Pio XII: El papa-rey*. Madri: Ediciones Palabra, 1996.

SERROU Robert. *Pio XII: El papa-rey*. Madri: Ediciones Palabra, 1996.

## 5. Artigos em Periódicos

TORNIELLI, Andrea. Pio XII. Suplemento a *Famiglia Cristiana* n. 29 del 21 luglio 2001. *Edizione speciale per Famiglia Cristiana*. Casale Monferrato (AI) Italia: Edizioni Piemme S.p.A, 2001. p. 116; 299.

GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história, In LIMA, Lana Lage da Gama et al. (Orgs). *História & religião*. Rio de Janeiro, Faperj/Anpuh/Mauad, 2002. p. 21.

## 6. Publicações via Internet

### 6.1 – Livro

BERGOGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. *Sobre el cielo y la tierra*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana [s.d.] Disponível em: <<http://www.calameo.com/read/002080055a8b71b163859>>. Acesso em: 03/04/2013.

### 6.2 – Artigos em Periódicos e Sites

AYDOS, Marcos. Flores para Theodor Herzl. In: *Observatório da Imprensa*. Feitos e Desfeitos. Edição de 13/04/2010. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/flores-para-theodor-herzl>>. Acesso em 10/06/2012.

BERTONE, Cardeal Tarcisio. Discurso na apresentação do livro “Pio XII, Eugênio Pacelli. Um homem no trono de Pedro”. In: *Discursos do Secretário de Estado Cardeal Tarcisio Bertone, S.D.B.* - 2007. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/card-bertone/2007/documents/rc\\_segt\\_20070605pio-xii\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2007/documents/rc_segt_20070605pio-xii_po.html)>. Acesso em 01/03/2013.

BOTTUM, Joseph. The End of the Pius Wars. In: *First Things*. April 2004. Disponível em: <<http://www.firstthings.com/article/2008/12/001-the-end-of-the-pius-wars-1>>. Acesso em: 09/07/2013.

CALDWELL, Simon. Wartime pope's secret heroism. In: *The Jewish Chronicle Online*. Edição 26/02/2009. Disponível em <<http://www.thejc.com/news/world-news/wartime-pope's-secret-heroism>>. Acesso em 19/06/2012.

CÂMARA, Bira. Protocolos dos Sábios de Sião, a história de uma fraude. In: *Jornal do Bibliófilo: Literatura & Bibliofilia*. Edição 05/05/2009. Disponível em <<http://jornalivros.com.br/2009/05/protocolos-dos-sabios-de-siao-a-historia-de-uma-fraude/>>. Acesso em 10/06/2012.

CAVALLI, Dimitri. Much-maligned Pontiff. In: *Jornal Haaretz*. Edição de 22/01/2010. Disponível em <<http://www.haaretz.com/print-edition/opinion/much-maligned-pontiff-1.261908>>. Acesso em 18/06/2012.

COELHO, Antônio Carlos. Pio XII e os Judeus. In: *Visão Judaica online* – julho/2011. p. 21. Disponível em <[http://www.visaojudaica.com.br/Principal/edicoes\\_online/edicoesonline1.htm](http://www.visaojudaica.com.br/Principal/edicoes_online/edicoesonline1.htm)>. Acesso em 06/02/2013.

CONNELLY, John. Converts who changed the Church. In: *The Jewish Daily - Forward Forum*. Disponível em: <<http://forward.com/articles/159955/converts-who-changed-the-church/?p=all>>. Acesso em 24/06/2013.

FONTANA, Maurício. Pio XII e a Comunidade Judaica: a verdade histórica. In: *Revista Acção Médica*. Ano LXXII, nº4, dez 2008, p.40. Disponível em <<http://csgois.web.interacesso.pt/revista/dezembro2008.pdf>>. Acesso em 04/03/2013.

JORNAL DO BRASIL. Edição 28/09/1940. Seção Serviço Telegráfico do Exterior. p. 7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_06](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_06)>. Acesso em 06/05/2012.

LANTIER, Alex. Setenta anos desde o pacto Hitler-Stalin. In: *World Socialist Web Site*: publicado em 02/09/2009, por El Comité Internacional de la Cuarta Internacional (CICI). Disponível em: <<http://www.wsws.org/pt/2009/sep2009/ptst-s02.shtml>>. Acesso em 07/05/2012.

LAPOUGE, Gilles. Livro sobre 'papa de Hitler' carece de provas. In: *O Estado de São Paulo*. Ed. 18/09/99. Disponível em : <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19990918-38686-nac-0023-int-a23-not>>. Acesso em 03/05/2013.



LEÃO, L.G. de Miranda. A procela iminente e o complô para eliminar Hitler. In: *Diário do Nordeste*. Suplemento de Cultura e Literatura. Edição 30/07/2006. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=355104>>. Acesso em 10/06/2012.

MATHEWS, Herbert L. Pius XII: militant for peace. In: *The New York Times*. Published: November 19, 1939. In: <<http://query.nytimes.com/mem/archive/pdf?res=F50A1EFF3A5E10728DDDA00994D9415B898FF1D3>>. Acesso em 02/04/2013.

MILGRAM, Avraam. Reflexões Sobre o Vaticano, os Judeus, e a América Latina Durante a II Guerra Mundial. In: *E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de America Latina Y el Caribe*. Disponível em <[http://www.tau.ac.il/eial/VI\\_1/milgram.htm](http://www.tau.ac.il/eial/VI_1/milgram.htm)>. Acesso em 16/06/2012.

MIRANDA AMARAL, Sergio. Notas à carta constitucional do Vaticano. nº 3. In: *Revista Âmbito Jurídico*. Rio Grande, XIII, n. 74, mar 2010. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=7379](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7379)>. Acesso em 08/05/2012.

OLSEN, Arthur. An Interview with Rolf Hochhuth. In: *The New York Times*. Published: March 1, 1964. Disponível em: <<http://select.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F10C13FD385B1B728DDDA80894DB405B848AF1D3>>. Acesso em 06/03/2013.

OS PROTOCOLOS dos Sábios de Sião: Cronologia. In: *Enciclopédia do Holocausto*. United States Memorial Museum. Disponível em <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007244>>. Acesso em 12/06/2012.

PHILLIP, Bárbara. 1963: "O vigário" abala Alemanha e Vaticano. In: *DW-Deutsch Welle*. Notícias, Calendário Histórico. Disponível em <<http://www.dw.de/p/1rwc>>. Acesso em 05/02/2013.

PIUS XII and the Jews. In: *The Tablet: the international catholic news weekly*. Edition 11th May 1963, p. 4. Disponível em: <<http://archive.thetablet.co.uk/article/11th-may-1963/4/under-the-heading-papal-policy-and->>. Acesso em 18/06/2013.

POLITI, Marco. La paura di rompere col Fuhrer. In: *La Repubblica*. 10 maggio 2009 - pagina 28 - sezione: Politica Estera. Disponível em <<http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2009/05/10/la-paura-di-rompere-col-fuhrer.html>>. Acesso em 12/05/2012.

REIS, Bruno Cardoso. J. Cornwell, Hitler's Pope. The Secret History of Pius XII, Londres, Viking, 1999. In: *Análise Social* - Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Vol. XXXV (Inverno) 2001 (nº 157) 891-1162. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122399291607jAO7xj4P s37OF6.pdf>>. Acesso em 07/05/2013.

STEINFELS, Peter. Beliefs; In a new book, a British journalist joins the contentious debate concerning the relationship between Pope Pius XII and Nazi Germany. In: *The New York Times*. Published: October 2, 1967. Disponível em <<http://www.nytimes.com/1999/10/02/us/beliefs-new-book-british-journalist-joins-contentious-debate-concerning.html>>. Acesso em 28/03/2013.

THE PAPACY: For God's Sake. In: *The Economist*. Ed. Dec 9th 2004. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/3471137/3471137>> Acesso em 05/04/2013

VON TRAUB, Rainer. Gottes Spion in der Hölle. In: *Der Spiegel* nº 16/2001. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-18975450.html>>. Acesso em 19/06/2013.

WORLD WAR II in Europe. In: *The History Place*. Disponível em: <<http://www.historyplace.com/worldwar2/timeline/threat.htm>>. Acesso em 13/07/2013.

ZUCCOTTI, Susan. Reigniting a controversy: studies of Pius XII and the Shoah in the United States since 1999. In: *La Rassegna Mensile di Israel*. Terza serie, Vol. 69, nº. 2, Saggi sull'ebraismo italiano del Novecento in onore di Luisella Mortara Ottolenghi, Tomo II (Maggio - Agosto 2003). p. 681. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41287558>>. Acesso em 06/05/2013.

### **6.3 – Dados Biográficos e Editoriais de Autores Consultados**

AUTORES e Realizadores: John Cornwell. In: *Wook Livros*. Disponível em <<http://www.wook.pt/authors/>>. Acesso em 08/05/2013.

BEST SELLERS. In: *The New York Times*. Published November 14, 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/11/14/books/best-sellers-november-14-1999.html?agewanted=all&src=pm>>. Acesso em 03/05/2013.

BEST SELLING Books. In: *Usa Today*. Ed. October 07, 1999. Disponível em: <<http://usatoday30.usatoday.com/life/books/book/john-cornwell-hitlers-pope-the-secret-history-of-pius-xii/128585>>. Acesso em 03/05/2013.

BIOGRAPHY: James Carrol. In: *The Home Page of James Carrol*. Disponível em: <<http://www.jamescarroll.net/JAMESCARROLL.NET/Biography.html>>. Acesso em 19/05/2013.

BOOKS by John Cornwell. In: *Amazon: Books*. Disponível em: <[http://www.amazon.com/John-Cornwell/e/B001HMNE44/ref=sr\\_tc\\_2\\_0?qid=1368104133&sr=8-2-ent](http://www.amazon.com/John-Cornwell/e/B001HMNE44/ref=sr_tc_2_0?qid=1368104133&sr=8-2-ent)>. Acesso em 08/05/2013.

DAVID G. Dalin - Biography. In: *Jewage*. Disponível em: <<http://www.jewage.org/wiki/en/Article:David>>. Acesso em 04/07/2013.

OS MAIS VENDIDOS de 2000. In: *Veja*. Ed. 1682, 10/01/2001. p. 135. Disponível em: <<http://veja.Abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 03/05/2013.

PEARL, Lesley. Rabbi William Dalin, first leader of S.F.'s Ner Tamid, dies at 90. In: *Jweekly.com*. August 30 1996. Disponível em: <<http://www.jweekly.com/includes/print/3966/article/rabbi-wil...>>. Acesso em 09/07/2013.

PIERRE Blet sj (1918-2009), in memoriam. In: *Anuario de Historia de la Iglesia*. Vol. 20, 2011, p. 493-497. Universidad de Navarra. España. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35520812035>>. Acesso em 26/06/2013.

ROLF Hochhuth Biography. In: *BookRags'*. p. 4. Disponível em <<http://www.bookrags.com/biography/rolf-hochhuth-dlb/>> Acesso em 15/03/2013.

RYCHLAK, Ronald J. Curriculum Vitae. In: *The University of Mississippi Home Page*. Disponível em: <<http://law.olemiss.edu/assets/rychlak-cv.pdf>>. Acesso em: 19/07/2013.

RYCHLAK, Ronald Joseph. In: *Law Schools Profile: University of Mississippi School of Law*. Disponível em: <[http://www.martindale.com/Search\\_Tools/Law\\_Schools/schl0500.aspx](http://www.martindale.com/Search_Tools/Law_Schools/schl0500.aspx)>. Acesso em 20/07/2013.